

OZANAM A. DE SOUZA

**ESTIGMA NO BAIRRO TATUQUARA E A LUTA PELA CONQUISTA DA  
CIDADANIA.**

**Estratégias discursivas e práticas sociais de reversão**

Dissertação apresentada como requisito  
parcial à obtenção do grau de Mestre.  
Curso de Pós-Graduação em Antropologia  
Social, Setor de Ciências Humanas,  
Universidade Federal do Paraná.  
Orientadora: Prof<sup>o</sup> Dra. Sandra Stoll

CURITIBA

2002

“Enquanto houver desemprego, falta de moradia, tráfico de drogas,, milhares de jovens sem ter o que fazer, faltará a paz.”

Padre Jaime Crowe  
(Revista IstoÉ, Nº 1701 - 08/05/02)

Para minha avó, ‘duza mãe’  
**Isabel Rodrigues de Lima** (*in memorian*)

Minha tia “Zequinha”,  
**Maria José de Lima Palma** (*in memorian*)

Minha Mãe  
**Maria do Socorro Lima de Souza**

e minha esposa  
**Lilian Alcantara Soares**

Mulheres que lutaram muito para que eu chegasse até aqui.

## AGRADECIMENTOS

Antes de tudo agradeço a minha orientadora, Profa. Dra. Sandra Stoll pela paciência, pela simpatia inesgotável com que me acompanhou neste percurso e principalmente pela liberdade de ação na pesquisa. Ser seu orientando ensinou-me o real sentido da palavra Mestre.

Agradeço à banca examinadora pela atenção dedicada à leitura deste trabalho, em especial à Profa. Dra. Márcia Kersten e ao Prof. Dr. José Guilherme Magnani.

A todo o Departamento de Antropologia –DEAN pela oportunidade de concluir minha pesquisa, especialmente às professoras Ana Maria Bonin, Selma Baptista, Márcia Kersten e Maria Ligia de Moura Pires que me acompanharam desde a graduação e também aos funcionários Andrade e Vera.

A D. Eudete Mori pelo acesso aos trabalhos da COHAB-CT sobre os conjuntos habitacionais do Tatuquara, imprescindíveis para esta pesquisa.

A todo “Clã” Alcantara Soares pela força e apoio incondicional, meu especial obrigado à Anive, Antônio (meu cinegrafista de plantão), Wilson e Orlando.

Aos meus amigos da Coordenação de Pesquisa da Casa da Memória, Aparecida, Chico, Luíza, Marcelo Marli, Priscila, Roberson, pelo companheirismo e especialmente à Profa. Cassiana Lícia de Lacerda pela compreensão e apoio incondicional.

A todos os presidentes de associações de moradores do Tatuquara dentre outros tantos líderes que abriram gentilmente suas portas e o convívio com suas famílias, meu especial obrigado a D. Cleusa Capato (AST) , D. Conceição (Beira Rio), D. Rosalina Siqueira (Vila Terra Santa), Adilson Mendes (Gralha Azul), Luiz Fernandes Santos Prado (“Cantinho do Céu”), Isabel Batista (Santa Rita), Sr. João Meyer e D. Zeni Pedroso (Jardim da Ordem) e à galera rapper do Tatuquara Nilson Teófilo (Atitude Negra), Alan Lutzosa de Freitas (Lado Negro), Camila Marcondes e Sheila Raitz (Concepção Hip-Hop de periferia). Agradeço sobretudo a todos os moradores do Tatuquara pela receptividade, força e alegria com que seguem lutando por uma vida melhor.

## RESUMO

Este trabalho procura compreender a construção do estigma de marginalidade imputado a um bairro da periferia de Curitiba considerado “bairro violento” e a forma com que os diversos grupos de moradores convivem com tal fenômeno. Com a intenção de desvincular-se do estigma, as lideranças formalizadas do bairro apresentam estratégias discursivas que remetem à situação de violência para o passado ou quando a admitem no presente, a violência é recorrentemente atenuada. Investigando o histórico da urbanização do bairro, este revelou uma conformação social que remete à configuração estabelecidos-outsiders referida por Norbert Elias. A imputação do estigma entretanto, não incide sobre o bairro apenas a partir de agências externas como a mídia e as várias instâncias do Estado, mas demonstrou operar como forte sistema de hierarquização e constituição de identidades entre os grupos internos.

## RESUMÉ

Ce mémoire se propose de montrer comment se construit la marque de marginalité imputée à un quartier de la banlieue de Curitiba, considéré comme “un quartier violent” et aussi comment vivent les divers groupes d’habitants exposés à un tel phénomène.

Dans le but de se libérer de ce stigmat, les agents responsables du quartier présentent des stratégies discursives qui renvoient cette situation de violence dans le passé. Au cas où ils admettent le problème de la violence dans le présent, elle est toujours atténuée. En examinant l’histoire de l’urbanisation du quartier, on a constaté une configuration sociale qui renvoie au concept “outsiders-établis” présenté par Norbert Elias. Cependant, l’attribution de ce stigmat au quartier n’influe pas sur sa vie uniquement par l’action des medias mais aussi par des secteurs publics. Il fonctionne également comme un système d’hiérarchisation très prononcé et il produit des identités au sein du groupe.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>Capítulo 1 – O ANTROPÓLOGO E AS MARGENS.</b>	
<b>A periferia como fronteira cultural a ser transposta</b> .....	12
1.1 Encontros e desencontros etnográficos no Tatuquara.....	17
1.2 A visão da imprensa: luz e sombra sobre o Tatuquara.....	23
1.3 Os rappers e a questão da autoridade etnográfica.....	26
1.4 Lugar esquecido por Deus e pelos homens.....	32
1.5 O Tatuquara não é Acari nem Cidade de Deus.....	36
Anexos.....	40
<b>Capítulo 2 - UM BREVE PERCURSO PELO TATUQUARA</b> .....	44
<b>Capítulo 3 – O ESTIGMA NO TATUQUARA</b>	
<b>Sob uma perspectiva histórica e a luta pela conquista da cidadania</b> .....	57
3.1 O processo de urbanização do Tatuquara.....	57
3.2 Elementos para uma sócio-gênese do estigma no Tatuquara.....	62
3.3 Uma defesa. Moradores do Tatuquara vêm a público provar que não são marginais.....	68
3.4 Cidadania, eu quero uma pra viver ! .....	73
3.5 O que os “tumultos urbanos” e “quebras-quebras” querem nos dizer ? .....	76
<b>Capítulo 4 – O ESTIGMA NAS VISÕES DE GOFFMANN, ELIAS E WACQUANT. Novas abordagens para um velho problema</b> .....	79
4.1 O estigma em Erving Goffmann e a manipulação de uma identidade deteriorada.....	79
4.2 Lóic Wacquant e os condenados da cidade.....	88
4.3 Norbert Elias no Tatuquara.....	93
<b>Capítulo 5 – O ESTIGMA na perspectiva das Associações de Moradores, líderes locais e dos rappers do Tatuquara.</b>	
<b>Estratégias discursivas e práticas sociais de reversão</b> .....	100
5.1 Estratégias discursivas e práticas sociais de reversão de uma imagem negativa.....	102
5.2 A multi vocalidade dos rappers do Tatuquara.....	109
Anexos.....	119

**6 UM JOGO DE CONTRASTES.****Da periferia ao centro de Curitiba.....123****REFLEXÕES FINAIS.....133****FONTES DE PESQUISA.....137**

Bibliografia.....137

Entrevistas.....141

Periódicos.....142

## **LISTA DE SIGLAS**

**ALL** - América Latina Logística (Empresa que administra as linhas ferroviárias para a região sul do país).

**AST** - Associação S.O.S. Tatuquara (Moradias Santa Rita).

**BPM** - Batalhão da Polícia Militar.

**CESASA** – Centrais de Abastecimento do Paraná.

**CIC** - Cidade Industrial de Curitiba.

**COHAB-CT** - Companhia de Habitação Popular de Curitiba.

**FAS** - Fundação de Ação Social (instituição ligada a Prefeitura de Curitiba).

**FEMOCLAM** - Federação das Associações de Moradores de Curitiba e Região Metropolitana.

**IPPUC** - Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba.

**PMC** - Prefeitura Municipal de Curitiba.

**SMMA** - Secretaria Municipal de Meio Ambiente.

**R.F.F.S.A.** - Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima.

**RIT** - Rede Integrada de Transporte Coletivo.

## INTRODUÇÃO

Ao longo da década de 1980 e acentuadamente no final dos anos 90 até a atualidade, o problema da violência urbana tem cada vez mais invadido a vida de milhões de brasileiros, seja através da hiper-exposição das diversas mídias, seja pelo agravamento de tensões sociais. Tais expressões de violência até um tempo atrás pareciam um problema restrito a grandes metrópoles como o Rio de Janeiro e São Paulo, mas tal contexto foi paulatinamente incorporado à vida de cidades médias e pequenas pelos quatro cantos do país. Curitiba não foi exceção neste processo. Seguindo o exemplo de outras capitais, o IPPUC – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba, começou a produzir “mapas de risco da violência” da cidade, com o objetivo de demarcar as regiões supostamente de alto risco de periculosidade e violência letal.

O presente trabalho de pesquisa toma as conclusões do referido “mapa” – elaborado pelo IPPUC em 1986 – como ponto de partida para estudar o bairro Tatuquara, indicado ao lado dos bairros Parolin e Vila das Torres (antiga Vila Pinto) como um dos bairros mais violentos da capital paranaense.

A trajetória de pesquisa em campo no Tatuquara levou-me necessariamente a questionar o epíteto de “bairro violento” àquela localidade, na medida em que seus moradores explicitavam em nossos encontros, uma aguda queixa em relação à má fama do bairro, prenunciando a presença de um mercado “estigma de marginalidade” que os atingia como um todo. O passo seguinte foi mapear as diversos atores sociais que denunciavam este estigma e delinear a forma como cada grupo de indivíduos que compõem as diversas “micro-áreas” do Tatuquara vivenciavam tal fenômeno.

Tal perspectiva do Tatuquara como “bairro violento” comprovou-se na prática ser infrutífera (para não dizer equivocada) como chave explicativa daquela localidade. À medida que firmava meus contatos com as diversas lideranças atuantes no bairro (presidentes de associações de moradores e outros líderes locais

informais), percebi que o tema violência, como um padrão recorrente entre os informantes, era enfaticamente negado por essas lideranças, ou quanto admitida, a violência era atenuada discursivamente como “coisa do passado”.

O discurso das lideranças locais, preocupado em negar a violência atribuída ao bairro por agentes externos (“mapas da violência”, matérias veiculadas na mídia escrita etc.) me apontou as estratégias utilizadas por estes para reverter o estigma de marginalidade que lhes era imputado (inclusive reforçado por meus pré-conceitos), referenciado nos estudos de A. Leeds como “sociedade englobante”.

Um outro ponto que merece ser destacado foi a dificuldade de acesso à algumas informações relativas ao local e eventos, por conta da extensão territorial do bairro e dos próprios limites do trabalho. Maiores detalhes sobre a presença e funcionamento do tráfico de drogas, por exemplo, só se revelaram a partir da compilação de artigos jornalísticos sobre o Tatuquara veiculados no jornal Gazeta do Povo entre os anos de 1999 e 2001. Tais artigos enriqueceram de forma decisiva minhas investidas em campo.

Também cabe aqui ressaltar a importância de tais artigos jornalísticos para o fornecimento das informações subjacentes à investigação de campo, contribuindo assim para a compreensão de certos fatos obscurecidos pelos meus informantes, uma vez que o tema tráfico de drogas era tratado como assunto tabu pelos líderes locais, um assunto a ser polidamente evitado.

Os artigos, ao mesmo tempo que me auxiliavam nos já citados percalços do trabalho de campo, materializavam o estigma imputado aos meus informantes. Estes reafirmavam a “marca” (no sentido empregado por Löic Wacquant) do Tatuquara como um bairro violento, um local marginalizado. Sob todos os aspectos, considero a pesquisa e análise das fontes jornalísticas parte fundamental do trabalho de campo e da própria elaboração do texto etnográfico, “tradição” que Roberto Cardoso de Oliveira denomina, um tanto jocosamente de *library fieldwork*.

De um modo geral, ficou patente que o tema **estigma** é um fenômeno social interessante (para não dizer paradigmático) para pensar não apenas a sociedade

brasileira, mas para refletirmos sobre a vida social de um modo mais abrangente. Nesse sentido, a prática da pesquisa também suscitou temáticas correlatas, como a construção da cidadania sob a perspectiva das camadas populares urbanas e a emergência de novos atores sociais; temáticas estas que revelam a complexidade e heterogeneidade das chamadas periferias urbanas.

## Cap. 1 - O ANTROPÓLOGO E AS MARGENS. A periferia como fronteira cultural a ser transposta.

(Um passo à frente e você não está mais no mesmo lugar) eu só quero andar/ nas ruas de peixinhos/ andar pelo Brasil/ ou em qualquer cidade/ andando pelo mundo/ sem ter "sociedade"/ andar com os meus amigos de eletricidade/ andar com as meninas/ sem ser incomodado/ eu só quero andar pelo Brasil/ andar pelo mundo livre/ sem ter "sociedade"/andando pelo mundo de todas as cidades (...).  
 "Um passeio no mundo Livre" - Chico Science & Nação Zumbi

A experiência em campo no Tatuquara iniciou-se com visitas eventuais ao bairro em virtude da elaboração de meu projeto de pesquisa para o ingresso no programa do PPGAS da UFPr em 1999 que se intitulava “Bairros violentos em Curitiba. A perspectiva das Associações de Moradores e outras organizações populares”.

Naquele período tive acesso a uma pesquisa sobre violência em Curitiba publicada pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento de Curitiba (IPPUC)<sup>1</sup> intitulada **Mapa de Risco da Violência: cidade de Curitiba** e que apontava, como uma de suas conclusões, os bairros Vila das Torres (ex-Vila Pinto também conhecida como favela do Capanema), Parolin e Tatuquara como sendo os bairros mais violentos de Curitiba. As conclusões do "Mapa da violência em Curitiba" se justificavam estatisticamente por tais bairros apresentarem índices considerados de altíssimo risco de homicídio para suas populações.

Detendo-nos com com mais vagar sobre os resultados desta pesquisa, extraímos dados relevantes para se entender algumas contradições existentes na área de segurança pública em Curitiba. Uma das que mais chama a atenção refere-se ao número de policiais disponíveis para atender a população. Em princípio, somos levados a acreditar que os bairros com maiores índices de violência e problemas estruturais de segurança pública -como falta de iluminação pública, vias regulares de acesso, presença de áreas isoladas (matas, terrenos baldios etc) que propiciariam

---

<sup>1</sup> Mapa de Risco da Violência: cidade de Curitiba/CEDEC. São Paulo, 1996

ações criminosas- deveriam ser alvo da atenção dos órgãos de segurança pública com a presença de um forte efetivo **policial** para assegurar a tranquilidade da população, considerando-se a densidade populacional e a própria incidência de delitos.

Entretanto como apontam os resultados da pesquisa de IPPUC, os bairros que contam com um maior efetivo policial são justamente aqueles que apresentam índices mais altos de satisfação de seus moradores em relação à qualidade de vida (bairros predominantemente de camadas médias). Analisemos um exemplo concreto:

O 3º Distrito da PM, região norte de Curitiba (tradicionalmente formada por bairros mais antigos e com boa infra-estrutura urbana) atende a uma população estimada em 71.063 habitantes, com 1422 ocorrências atendidas e um efetivo de 4,9 (quase 5) policiais para cada 100.000 habitantes. Já o 10º Distrito, localizado na região sul da cidade, onde encontra-se o Tatuquara, atende a uma população de 204.403, ou seja, um contingente quase três vezes maior que o do 3º distrito. Entretanto o 10º distrito conta com o efetivo de apenas 1,0 policial para cada 100.000 habitantes.

O objetivo deste levantamento do Ippuc, coordenado pela socióloga Carmen R. Ribeiro, era subsidiar novos estudos sobre as condições sócio-econômicas da cidade e auxiliar no implemento de políticas públicas em relação ao problema da violência.<sup>2</sup>

O "mapa de risco da violência em Curitiba" exposto na sessão anexos deste capítulo, demonstra um dos mais controversos resultados da pesquisa do IPPUC que

---

<sup>2</sup> O presente trabalho propõe testar um novo modo de avaliar um dos problemas que, cada vez mais, tem contribuído negativamente para a qualidade de vida dos moradores das cidades – a violência. Este, como os demais problemas urbanos, não recai sobre os moradores de um cidade de forma homogênea e indistinta. As condições concretas de vida não são as mesmas para todos. Assumir esta constatação, já é meio caminho andado para combater os desequilíbrios sociais. Para completar este caminho, há que se explicitar as diferenças, planejar ações e definir estratégias que incorporem as disparidades. Tratar desigualmente o que é desigual, na busca da superação da desigualdade. (IPPUC, Mapa de Risco da violência, 1996: 1)

demarca o que seriam os bairros “mais violentos de Curitiba” tendo como parâmetro de classificação o coeficiente de homicídios para cada 100.000 habitantes.

A extensão territorial do bairro (1.122,90 hectares) com seus 36.326 moradores<sup>3</sup> faz deste um objeto de estudo equivalente ao estudo de uma cidade de porte médio do interior paranaense. Estimulado por esse desafio, o presente trabalho toma o bairro Tatuquara como objeto de investigação. Entretanto não foram só sua extensão territorial considerável ou adensamento populacional que determinaram a escolha deste bairro da periferia de Curitiba como foco de um estudo antropológico, mas, sobretudo, a diversidade e complexidade dos diversos grupos sociais ali instalados mas a convivência destes com as conseqüências de ser-lhes imputado a pecha de moradores de um dos bairros mais violentos da cidade.

Para um visitante que circule por aquelas plagas a impressão que fixada num primeiro momento é de que o Tatuquara, lembra a zona leste paulistana. Tal como esta, o Tatuquara é um imenso aglomerado de casas apinhadas em eterno construir, um bairro em construção, com áreas faveladas salpicadas por exuberantes extensões verdes, increditavelmente preservadas, em bora cercado de fábricas e poluição, sobretudo pela fábrica de celulose COCELPA (Companhia de celulose e papel)<sup>4</sup> torna o ar do bairro em manhãs de inverno seco quase irrespirável.

Em campo pude constatar o impacto da poluição que a fábrica COCELPA despeja sobre o Tatuquara e seus moradores (cheguei a registrar algumas imagens em vídeo), assim como a reclamação das mães em relação ao problemas respiratórios das crianças menores, como renites crônicas e alergias diversas. Mas o que mais me impressionou foi o contraste daquela fumaça fétida, asfixiante, com a imensidão de áreas verdes que margeiam o rio Barigui e demarcam a divisa com o município vizinho de Araucária.

---

<sup>3</sup> Cf. dados emitidos pela Prefeitura Municipal de Curitiba, em “Bairro em números – Tatuquara”, no site da Prefeitura de Curitiba no endereço eletrônico: [www.curitiba.org.br](http://www.curitiba.org.br)

<sup>4</sup> A poluição aqui referida, advém das inúmeras fábricas que compõem a CIC (Cidade Industrial de Curitiba), da refinaria Getúlio Vargas da Petrobrás pertencente ao município vizinho de Araucária, que fica colado ao Tatuquara.

Minhas impressões olfativas, visuais, o gosto amargo que resseca a garganta produzido pelos poluentes, o barulho ensurdecedor do tráfego pesado das duas rodovias que delimitam os Tatuquara (BR 476 e 116) enfim, todos os meus sentidos estilhaçavam em mil pedaços a visão idílica de Curitiba - "Capital Ecológica" que as gestões municipais de Rafael Greca e Taniguchi cunharam na década de 90.

A despeito de todo o desconforto físico mencionado, senti uma imensa satisfação em estar ali. Eu entendia fisicamente (e não apenas mentalmente) o que aquela população me dizia sobre as belezas e agruras de viver no Tatuquara. Como explicar (e explicar é sempre diferente de viver !) tudo isso a um arquiteto urbanista do IPPUC, a um colega historiador ou cientista político?

Uma possível definição para o exercício da antropologia seria a metáfora de um espectador assistindo a um espetáculo teatral, mas não aos moldes tradicionais, onde a platéia se acomoda para apreciar confortavelmente um grupo de atores encenando outras realidades (possíveis). Neste caso, o espectador (o antropólogo) avança em direção á coxia, vai mais além, transita entre o cenário, figurinos, esbarra nos atores, constata que estes são de carne e osso. Nos bastidores, o espectador encontra-se num plano onde pode observar não apenas o andamento do espetáculo, mas principalmente o público de onde inicialmente partira. Nesta perspectiva, estar em campo no Tatuquara significava participar dessa espécie de “teatro do absurdo”, onde o espectador e os atores estão sujeitos a inesperadas transformações. Espetáculo este que aliás, retrata fielmente a realidade (ou seria o *non sense* ?) de qualquer morador da periferia de uma grande cidade no Brasil.

As cenas, os enfoques, as imagens veiculadas em campanha pelo candidato à reeleição a prefeitura de Curitiba no ano de 2000 – do então prefeito Cássio Taniguchi- retrataram aos eleitores curitibanos as áreas ao sul da cidade (Bairro Novo, Sítio Cercado e Tatuquara) como extensos conjuntos habitacionais. Estas estratégias de marketing não visava apenas “comprovar” visualmente que a prefeitura de Curitiba estava cumprindo seu papel em relação ao problema de

moradia para as famílias de baixa renda, mas sobretudo embasar, fundamentar o atual slogan da futura gestão de Taneguchi: “**Curitiba, Capital Social**”.

Eleger o Tatuquara como objeto de estudo, significou para mim, cruzar a fronteira do centro para a periferia, rumo às margens, ao front, de onde minhas fontes bibliográficas iniciais me diziam, estava ocorrendo uma "guerra", onde supostamente a violência era a moeda comum, mas também significou mensurar "verdades e mentiras" destas auto-imagens que Curitiba construiu para si e para os outros: **cidade de primeiro mundo, capital ecológica, capital social**.

Tatuquara: uma outra cidade dentro de Curitiba, uma outra cidade bem distante daquela dos cartões postais que os turistas compram nas banquinhas de jornal - “*aquela pra inglês ver*” como diria o eterno vampiro de Curitiba, Dalton Trevisan- ou dos locais onde se costuma levar visitantes estrangeiros para conhecer lugares típicos da cidade. Tatuquara, “buraco de tatu” na língua tupi-guarani, onde os Tingüis estudados pelo Prof Igor Chymz, costumavam fazer seus acampamentos às margens do rio Barigüí ou perambular pela bacia do rio Iguaçu, promovendo as famosas “correrias” relatadas pelos viajantes do séc. XVIII e que tanto assustavam os primeiros povoadores da Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, hoje é considerado a derradeira fronteira de ocupação territorial da Capital paranaense em franco processo de conurbação<sup>5</sup>.

Em artigo da Agência de Notícias da Prefeitura Municipal<sup>6</sup>, tais qualificativos sobre a expansão urbana acelerada do bairro revestem-se de consistência estatística:

“O bairro Tatuquara cresceu, entre 1996 e 2000, o equivalente a toda a população do município de Quatro Barras, na Região Metropolitana. (...) As informações são do Censo do IBGE e mostram o grande crescimento de alguns bairros da região sul considerada a última fronteira de expansão urbana em Curitiba. Em números absolutos, o incremento da população destes bairros passou de 30 mil pessoas –o que corresponde a uma cidade do tamanho de Rio Branco do Sul, na região Metropolitana, ou Goioerê, no Oeste do estado. (...)”

---

<sup>5</sup> Conurbação é o fenômeno ocorrido em grandes centros urbanos onde as cidades metropolitanas passam a emendar-se com a cidade-pólo, em função do crescimento de ambas, formando um extenso e denso complexo urbano. Exemplos de cidades que apresentam o fenômeno da conurbação são a grande São Paulo, Cidade do México etc.

<sup>6</sup> Agência de Notícias da PMC- “Habitação incentivou expansão do Tatuquara e Sítio Cercado”.17/02/2001.

Tatuquara – No Tatuquara, ocorreu o mesmo fenômeno. O bairro foi o que apresentou a maior taxa de crescimento anual no período 1996-2000, segundo dados do IPPUC levantados com base nas informações do censo 2000 do IBGE.

Cresceu a uma taxa de 16,87 % ao ano- quase dez vezes a taxa média de Curitiba no mesmo período, que foi de 1,82 % ao ano. Em números absolutos, o aumento populacional também foi o maior da cidade. Em quatro anos, o bairro recebeu 16,8 mil moradores, praticamente a mesma população de Quatro Barras. (Agência de Notícias da PMC, 2001)

Mas voltemos para as primeiras incursões em campo.

### **1.1 Encontros e desencontros etnográficos no Tatuquara.**

Num primeiro momento, tomei como ponto de partida os resultados do **Mapa de risco da violência** do IPPUC, meus preparativos para entrada em campo, em especial a formulação de um roteiro preliminar de questões a serem abordadas com os primeiros informantes girava em torno do tema **violência**, com destaque para as “representações da violência” que os moradores do bairro veiculavam. Preocupe-me, naquele momento, em aprofundar detalhes relativos a eventos de violência interpessoal, ocorridos entre os próprios moradores ou entre estes com moradores de outros bairros, com relação aos órgãos públicos de segurança, notadamente a polícia militar e civil.

As primeiras entrevistas, que ocorreram em meados de 1999, foram dirigidas a alguns líderes comunitários que atuavam principalmente nas áreas mais urbanizadas do bairro, i.é, no Conjunto habitacional Santa Rita. À época este grupo era conhecido como “Clube de mães Santa Rita”, coordenado por D. Cleusa Capato, que fundaria no prazo de um ano, a **AST**, Associação SOS Tatuquara.

As questões abordadas nos contatos que se seguiram com D. Cleusa e suas auxiliares<sup>7</sup> buscavam investigar as relações dos moradores com o “cotidiano supostamente violento” do bairro. Neste período, as questões fundamentais que me moviam em campo eram:

- Como aquelas pessoas convivem com a violência ?
- Que estratégias seriam acionadas para sobreviver num contexto tão perturbador ?

<sup>7</sup> O “Clube de Mães Santa Rita” era estruturado segundo uma diretoria, com funções como secretária, tesoureira, etc.

- Como conviver num ambiente regido pelo dissenso e/ou conflito armado, sem a menor garantia de preceitos fundamentais como a própria vida ?

Uma outra questão que muito me incomodava dizia respeito ao relacionamento dos moradores do Tatuquara com a polícia. Questionava-me se existiriam diferenças muito significativas na visão dos moradores em relação às polícias militar e civil. Quem intermediaria (na prática) os conflitos internos no bairro, a polícia ou os traficantes locais ? Por que o assunto **tráfico de drogas** era sempre tratado como um tabu pelos meus entrevistados ? Nos primeiros tempos da pesquisa em campo, visualizava o bairro e meus informantes como que “mergulhados” num universo de violência, alimentado que estava com as notícias aterradoras que as páginas policiais veiculavam ou por estudos estatísticos como a pesquisa do IPPUC.<sup>8</sup>

Quando se tocava no assunto violência, associado ao tema tráfico de drogas, os líderes comunitários apressavam-se em “desconversar”, alegando que “aqui no Tatuquara não existiam traficantes como se vê no Rio de Janeiro ou São Paulo, “só alguns jovens que usam drogas”.

Nos primeiros meses da pesquisa de campo (que transcorreu entre 1999 e 2001, com muitos intervalos permeando este período) comecei a acreditar que minha abordagem sobre “bairros violentos” fosse inviável no Tatuquara, tamanha a recusa e impermeabilidade que encontrava nas entrevistas com os presidentes das associações tanto do Conjunto Jardim da Ordem, quanto no Conjunto Santa Rita, apenas para citair os dois maiores aglomerados habitacionais que compõem o bairro.

Foi só a partir de muita discussão com minha orientadora e queixas de minha parte quanto às dificuldades em campo em lidar com o tema violência, que passei a vislumbrar a possibilidade de que minha pesquisa operava com um “tema tabu”, de

---

<sup>8</sup> Reproduzo na sessão Anexos o roteiro de “entrevista estruturada” utilizado em primeiros contatos com os Presidentes das Associações de Moradores do Moradias Santa Rita, Jardim da Ordem, áreas mais densamente povoadas e urbanizadas do Tatuquara. Note-se que o tema **violência** permeia todo o questionário, e a quase totalidade das questões parte do pressuposto de que o Tatuquara seria um bairro marcado por conflitos entre os moradores, o tráfico e a polícia. Em boa medida, numa visão retrospectiva, meus pré-conceitos (na acepção rigorosa do termo) tiveram como principal referencial teórico o Mapa de risco da violência do IPPUC e que só seriam desconstruídos bem mais tarde, no próprio andamento do trabalho de campo e do contato mais aprofundado pela convivência com o cotidiano dos moradores das diversas áreas que compõem o Tatuquara.

indisfarçável (e significativo) incômodo dos moradores ante minhas intermináveis perguntas sobre crimes, gangues e conflitos com a polícia.

Pairava no ar uma constante tensão e desconforto. A imagem (metafórica mas elucidadora da experiência, uma verdadeiro “insight” no sentido junguiano do termo) que retive desses primeiros contatos, era de que eu representava o papel da visita desagradável, que fica apontando os defeitos e as “sujeiras” existentes "na casa" de meus anfitriões.

Ao estruturar minhas entrevistas em torno do tema violência, marginalidade, tráfico de drogas, homicídios etc, insistindo de forma quase obsessiva em tais temas, comecei a produzir uma barreira de comunicação e de relacionamento com meus interlocutores.

Posso afirmar com certa segurança, ao final de minha experiência de dois anos no Tatuquara e o conseqüente olhar retrospectivo sobre esse percurso, que foi só a partir desse verdadeiro “desencontro etnográfico” que a presente pesquisa encontrou seu “drama fundamental”<sup>9</sup> deslocando o foco da **violência**<sup>10</sup> para o **estigma** que a maioria dos moradores me transmitia com sua significativa recusa em falar em homicídios, assaltos e o tráfico de drogas no bairro.

Metodologicamente falando, pode-se dizer que a mudança de enfoque da violência para o estigma redirecionou tanto a forma, quanto o conteúdo de minhas entrevistas, dando lugar na segunda fase em campo, para abordagens mais abertas no sentido de estimular os informantes para que eles mesmos pudessem destacar os problemas mais significativos do bairro, relativizando a violência como foco de meus interesses mais imediatos.

A violência poderia e efetivamente veio á tona, porém mediada pelo prisma de meus informantes, enquanto categoria nativa que demandava um exercício hermenêutico de interpretação dos dados que me eram fornecidos. Os resultados mais concretos sobre a dinâmica e estratégias discursivas de manipulação do

---

<sup>9</sup> Conforme assevera a experiência de Alba Zaluar (1985) em Cidade de Deus/RJ.

<sup>10</sup> Violência essa, atribuída ao Tatuquara como um todo, sobretudo por trabalhos de pesquisa oficiais -e que representam um caráter de “verdade” respaldada num saber técnico como é o caso do Mapa de risco da violência do IPPUC.

estigma de marginalidade que as lideranças comunitárias veiculavam estão apresentados com mais vagar no capítulo 3 deste trabalho.

Os primeiros contatos estabelecidos foram com Associações de Moradores, de modo que, a princípio, aproximei-me do Tatuquara e seus problemas pela porta de entrada institucional que as lideranças poderiam me proporcionar.

Dentre os primeiros D. Cleusa Capato, coordenadora do **Grupo de Mães** do conjunto habitacional Santa Rita, se destaca como uma das primeiras informantes. Desde 1998, ela já atuava como líder local, organizando as mulheres de seu círculo de convivência que abrange todo o bairro (excetuando as ocupações Vila Terra Santa e Gralha Azul). D. Cleusa possui, portanto, uma extensa rede de relações que abrange lideranças das duas áreas mais populosas do Tatuquara, os conjuntos habitacionais Jardim da Ordem, Santa Rita e Monteiro Lobato.

Logo percebi que o trabalho de D. Capato com o grupo de mães do bairro, atuando sobretudo com os problemas mais graves envolvendo as famílias em estado de maior carência, com ênfase à proteção das crianças em situação de risco, lhe rendeu o status de liderança no conjunto **Santa Rita**<sup>11</sup> e a função de Agente de Saúde contratada pela prefeitura municipal. Por seu intermédio vim a conhecer outras mulheres que também exerciam a função de liderança no bairro e que passaram a ser contratadas como Agentes de Saúde da prefeitura, num processo que pelo meus cálculos antecedeu quase um ano antes às eleições para prefeito de Curitiba.

Menciono aqui o evento das eleições para prefeito de outubro de 2000 por ter este marcado fortemente minha estada em campo no Tatuquara. No transcorrer daquele ano, pude constatar que, por intermédio de uma competente estratégia política do grupo do prefeito em exercício Cássio Taniguchi, as principais lideranças do bairro foram sendo sistematicamente empregadas, formal ou informalmente, em alguma função remunerada pela prefeitura. Portanto, essas lideranças citadas anteriormente, trabalhavam de uma forma ou outra para Taniguchi ou eram

---

<sup>11</sup> Saliento que a localização dos conjuntos habitacionais e de outras áreas pesquisadas serão melhor indicadas no mapa do bairro Tatuquara e descritos com maiores detalhes no Capítulo 2 deste trabalho.

“apoiadas” por vereadores que cerravam fileiras junto ao prefeito candidato à reeleição.

Excetuando o trabalho de D. Zeni Pedroso, presença atuante nas áreas do **Conjunto Jardim da Ordem**, e ocupação **Beira Rio** como integrante da Pastoral da Criança (Igreja Católica) e militante assumida em favor do candidato de oposição Ângelo Vanhoni (PT), todas as demais lideranças dos conjuntos habitacionais no Tatuquara trabalharam formal ou informalmente como cabos eleitorais para o prefeito em exercício Cássio Taniguchi.

Gostaria de agora de ressaltar outro eventos marcante de minha estada no Tatuquara e que ocorreu no mesmo período das eleições municipais (entre outubro e dezembro de 2000) e que de certa forma relacionam-se mutuamente. Trata-se da invasão de uma grande área próxima ao Jardim da Ordem por cerca de 300 famílias. A imprensa local noticiou a dita invasão, associando-a ao embate eleitoral entre o prefeito Taniguchi e o candidato do PT, Ângelo Vanhoni.

#### **PREFEITO EM EXERCÍCIO ATRIBUI RECENTES OCUPAÇÕES DE TERRA A MOVIMENTOS POLÍTICOS.**

Invasões forçam prefeitura a reformular projeto habitacional –

Loteamentos ainda são insuficientes para atender à demanda da grande Curitiba.

Antes mesmo do início segundo mandato, a equipe do prefeito Cassio Taniguchi está tendo que reformular os projetos de habitação, que inicialmente previam o atendimento de 30 mil famílias, na capital, nos próximos quatro anos. Agora, a meta é atingir 50 mil famílias com lotes da Cohab em Curitiba e na região metropolitana. O anúncio foi feito ontem pelo prefeito em exercício, João Carlos Derosso, que está no lugar de Cassio Taniguchi, em viagem de férias pela Europa. A mudança faz parte de estratégia para combater o movimento de invasões de terras, iniciado há cerca de dez dias na capital e intensificado durante o feriado prolongado.

Foram cinco ações nos últimos dias, sendo duas delas bem sucedidas: no Pinheirinho e no Tatuquara, que juntos receberam cerca de 600 famílias. Nos dois terrenos invadidos, que são propriedade particular, o clima é de tensão, com os ocupantes prometendo permanecer no local até que consigam ser transferidos para loteamentos regulares e os proprietários lutando pela reintegração de posse. **Enquanto a pendência não é resolvida na esfera judicial, grupos usando cães de guarda continuam próximos aos acampamentos na tentativa de intimidar os invasores.**

(...) O secretário geral do PT, Elton Barz, considera as acusações infundadas. “Se o partido tivesse todo esse poder de mobilização, teria vencido a eleição para a prefeitura. Nós imaginávamos que, passadas as eleições, eles iriam parar com essa estratégia de amedrontar a população para continuar no poder. Mas isso não aconteceu. (MORAIS, 2000 grifo meu)

Durante o evento da ocupação da área, cheguei a realizar um vídeo, registrando o processo inicial de instalação das famílias.

Entretanto num prazo de poucos dias após o registro daquelas imagens, a polícia militar efetuou a desocupação do local e o grupo se deslocou, sem oferecer resistência, para uma região próxima, às margens da Rodovia do Xisto (BR-476) e da linha do trem que corta o Tatuquara (RFFSA. Eng. Bley). Persistem no local até hoje, morando em barracos improvisados sem a mínima infra-estrutura ou saneamento básico -os barracos do “Gralha Azul” como ficaram denominados pela prefeitura os remanescentes da primeira ocupação. Não tem água, luz, esgoto etc., e passado quase um ano e meio da ocupação original, permanecem sem expectativas de qualquer solução por parte da Companhia Municipal de Habitação, COHAB-CT ou por outros órgãos da prefeitura de Curitiba.

Em virtude da tensão que a invasão da área e a possibilidade de intervenção eminente da polícia militar para expulsá-los dali apresentava, logo nos primeiros dias da invasão no Jardim da Ordem só pude fazer as imagens de vídeo e conversar com os ocupantes acompanhado de D. Cleusa Capato, que como líder local e agente de saúde, frequentava o local quase diariamente para resolver problemas de saúde do grupo, sobretudo envolvendo crianças, mulheres e idosos.

A condição de D. Capato era de **mediadora cultural** (cf. Velho, 1994), isto é, indivíduo que intermedia/traduz demandas entre mundos diferenciados, da sociedade abrangente, que eu representava como pesquisador da UFPr, i.é, “de fora” e a realidade de “dentro” do bairro. Esse status de D. Cleusa se desvelava diante de mim com uma clareza inequívoca, pela condição de ambos, pesquisador e informante estarmos mergulhados ainda na turbulência dos últimos acontecimentos (invasão, possibilidade real de um conflito eminente, pela desocupação promovida pela PM e as recentes eleições) que compunham um “cenário” denominado por Moacir Palmeira (1992) como o "**tempo da política**".

A presença de D. Cleusa que com seu livre trânsito pela invasão parecia referendar seu status de "chefe" num território onde outra líder importante

demarcava sua presença, D. Zeni Pedroso. Esta última, por ter militado em favor do candidato Ângelo Vanhoni (PT), nas últimas eleições se apresentava como rival política de D. Cleusa Capato.

Em meio a acontecimentos tão tensos, como foi a invasão daquele novembro de 2000, uma versão micro do universo de disputas políticas entre o PFL e o PT estavam ali redimensionados numa escala micro, desvelando como se dão as disputas políticas entre a facção de situação e de oposição e a luta pelo domínio de “territórios de influência” local.

## 1.2 A visão da imprensa: luz e sombra sobre o Tatuquara

Diz um velho ditado indiano:

*Diya Tale andhera* - “Há escuridão sob a lâmpada”.

Uma outra fonte que merece destaque, como complemento à pesquisa de campo, consiste de pesquisa na internet (*virtual fieldwork*) por mim empreendida, coligindo artigos escritos sobre o bairro no jornal Gazeta do Povo durante o período de minha estada em campo (1999-2001) caracterizando aquilo que Roberto Cardoso de Oliveira<sup>12</sup> menciona como um *library fieldwo* e que complementa a escrita etnográfica.

Como já mencionado, houve recorrente recusa em tratar do assunto tráfico de drogas no bairro durante meus contatos com os presidentes das associações de moradores e outras lideranças. Sempre que se tocava no assunto, eles estrategicamente “mudavam o rumo da prosa”. Tal repulsão confirmava, sem sombra de dúvida, que o tema tráfico de drogas era realmente um tema tabu entre a maioria de meus informantes. Como exceção à regra, mas que de certa forma reafirma a forte presença de um estigma no Tatuquara, destaco minhas conversas com os **rappers**, que por serem mais jovens e/ou mais próximos do universo representado pelas drogas (e pelo amplo espectro de problemas sociais que afligem

---

<sup>12</sup> O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. São Paulo: Unesp, 2000. p.27.

qualquer periferia de uma grande cidade), não apresentavam ressalva alguma em falar do assunto.

Entretanto, com uma atitude oposta ao comportamento dos presidentes das associações de moradores, os **rappers** exacerbavam sua posição anti-drogas como forma de distinção (e de auto-afirmação positiva) em relação aos viciados e ao universo do banditismo. Em nossas conversas havia uma urgência em deixar muito claro que apesar de suas roupas, de seu comportamento e de pertencerem à "galeras", eles não eram viciados, nem faziam parte de qualquer gangue ou coisa parecida que os ligasse ao mundo do crime.

Desta forma, com respeito ao tema tráfico de drogas no Tatuquara só pude aprofundar detalhes com a ajuda de algumas reportagens do jornal Gazeta do Povo, o que em dada medida, propiciou-me complementar lacunas da pesquisa de campo, especialmente no que se refere à organização do tráfico de drogas em Curitiba, dividido hierarquicamente entre os **chefões** (grandes traficantes), os **patrões** (distribuidores locais) e os **mulas** (que transportam a droga), estes últimos representando uma ponta dessa realidade no Tatuquara. Vejamos imagens sobre o tema no trecho do artigo da Gazeta do Povo e numa entrevista com Nilson Teófilo, rapper local, à época líder da banda Atitude Negra.

### **Tráfico cresce no Tatuquara**

O Tatuquara, bairro do extremo Sul de Curitiba, é hoje uma das regiões onde é intenso o tráfico de drogas. No Moradias Santa Rita, uma das vilas da região, existem cerca de dez "bancas" – nome utilizado pelos traficantes para denominar os locais onde acontece o comércio de drogas.

Segundo Pedro (nome fictício), 25 anos, o comércio de drogas na região vem aumentando nos últimos dois anos. Ex-usuário de crack, Pedro conviveu durante dois anos com traficantes. "Os patrões" –comandantes do tráfico- estão ficando ricos às custas da venda do crack", afirma.

Em entrevista à Gazeta do Povo, ele conta como funciona o tráfico na área do Tatuquara e como os adolescentes estão cada vez mais envolvidos com o comércio e o consumo de drogas.

(Gazeta do Povo) – De onde vem a droga que é vendida aqui no Tatuquara ?

(Pedro)- A droga vem toda da Vila Nossa Senhora da Luz, onde estão os "chefões" do tráfico. Aqui vivem os "patrões" que controlam o funcionamento das bancas. Só aqui na região tem umas dez bancas.

Qual a droga mais comercializada no bairro ?

A droga da moda hoje é o crack. A pedra é bem mais barata do que o pó (cocaína) e vicia mais rápido. É muito difícil quem experimenta crack, e convive com o tráfico, largar desse tipo de vida.

Quanto custa uma pedra de crack nas “bancas”?

Tem pedra de R\$ 5,00 e R\$ 10,00. A de R\$ 5,00 é do tamanho de um grão de arroz. Quem é viciado não vai se contentar em fumar um grão de arroz. Vai partir logo para a pedra de R\$ 10,00, que dura mais tempo.

O que são os mulas ?

“Mulas” são os jovens que trabalham no tráfico. Eles vão na Vila Nossa Senhora da Luz, pegam a droga, trazem para cá de ônibus e não correm o risco de serem presos. Eles descem dos ônibus tranquilamente como se estivessem indo para a escola.

Como é a vida dentro do tráfico de drogas ?

É como se fosse um caminho sem volta. Quase ninguém consegue sair desse ciclo. Eu fui viciado durante dois anos. Cheguei a gastar R\$ 100,00 em um dia com pedras de crack. Pegava meu salário de R\$ 500,00 e comprava em drogas. As “bancas” parecem caixa de supermercado. É um entra e sai de dinheiro durante todo o dia. Esse dinheiro vai para os “patrões” comprarem carros importados. (Gazeta do Povo, 31/10/1999)

O depoimento de Nilson Teófilo, a seguir, também atesta a presença do crack no Tatuquara. Note-se, entretanto que ele procura reportar-se ao problema do crack não como um fenômeno localizado, do Tatuquara, mas dos bairros periféricos das grandes cidades brasileiras. Sua perspectiva consiste em descentralizar o foco do problema das drogas do local onde vive para um espectro bem mais amplo. Nesse sentido, o crack não seria apenas um problema do Tatuquara mas um problema de âmbito nacional.

(Ozanam)- Qual é o maior consumo de drogas que tem no Jardim da Ordem ?

(Nilson)- Cara no momento, não só no Jardim da Ordem mas em tudo quanto é lugar o que tá predominando é o Crack [pasta de cocaína cristalizada na forma de pequenas pedras que são fumadas num cachimbo improvisado].

O.- Por que é o Crack ?

N.- Porque o Crack tá levando muita gente pro buraco. Depois que entrou essa droga...

O.- Mas tem maconha, cocaína, por que o Crack ?

N. - Sei lá, acho que é por causa do estilo da droga, porque ela é mais forte tá ligado ? Ela causa mais impacto. É a droga que se o cara usa, pelo que a gente vê pelos camaradas da gente, porque a gente anda trocando idéia com os caras e vê o impacto que droga causa, os caras falam que o Crack supera tudo. Supera a maconha, supera a própria cocaína. O crack tá acabando mesmo... tá deixando neguinho na neurose, deixando neguinho louco, levando muita gente pro buraco. O Crack tá aterrorizando mesmo, que a droga não só aqui no Jardim da Ordem, como no Brasil inteiro e em tudo quanto é lugar é o Crack. O crack tá predominando, tá dando a bola da vez e neguinho tá se matando pra caramba por causa do crack. E é aquilo, enquanto não chegar outra [droga] é o Crack que tá mandando e já era.

O.- E você sente isso no Jardim da Ordem também ?

N.- Sinto cara. Tem aqui, o Crack aqui tá aterrorizando mesmo.

O.- A área onde predomina o Crack seria mais na ocupação Beira Rio ou pra outros lugares também ?

N.- Ah, em geral, em geral. O Crack em geral.

O.- Mas em outros pontos do Tatuquara ? No Santa Rita também ?

N.- No Santa Rita, Moradias [Paraná]... em tudo quanto é lugar cara. O Crack predomina, em tudo quanto é lugar.

### 1.3 Os rappers e a questão da autoridade etnográfica

Tomo como ponto de partida a apresentação do projeto de mestrado até as reelaborações posteriores, como consequência inerente ao processo de construção e “desconstrução” do objeto de pesquisa em virtude da experiência etnográfica e as reformulações teóricas.

Adotando como fio condutor as contribuições de James Clifford (1998) sobre a autoridade etnográfica, pretendo promover uma reflexão sobre o processo de delimitação de meu objeto de pesquisa, indo de um estado sobre **bairros violentos** ao **estigma de marginalidade** presente no bairro Tatuquara e as implicações de minha própria experiência de campo nesta trajetória.

Como vimos anteriormente, meu projeto inicial de pesquisa no Tatuquara partia da hipótese que tal localidade concentrava altíssimos índices de violência, identificando-a como um dos bairros mais violentos de Curitiba. Tais conclusões foram extraídas a partir de uma pesquisa realizada pelo IPPUC em 1986 intitulada **Mapa de Risco da Violência** e acabariam sendo radicalmente reformuladas.

De posse desses dados técnicos/estatísticos sobre o Tatuquara, minha intenção inicial era (e em boa medida continua sendo) qualificar de que maneira a população do bairro convivia com essa suposta violência extrema. Em primeiro lugar era necessário dimensionarmos esta qualificação “bairros violentos”, uma vez que, esta traz implícita a idéia [naturalizante e reificadora] dos bairros periféricos e das camadas mais pobres como sendo locais onde impera a violência e marginalidade, imagem a qual se associa a idéia de que se trata de um lócus de **caos**, **bizarria** ou **anomia**. Esse discurso em larga medida é produzido pelas mídias (TV, Rádio, Jornais), caracterizando o que o sociólogo Luiz Eduardo Soares denomina de “cultura da violência”.

“Segundo Soares, o medo se torna, em certo sentido, parte do problema quando deixa de ser reação natural e saudável de vítimas potenciais para se converter na chave da leitura dos fenômenos sociais e na matriz das soluções propostas.” (Herschmann, Na trilha do Brasil contemporâneo, 1997: 55)

As primeiras visitas que realizei ao Tatuquara foram orientadas por esse (prê)conceito em torno do tema violência. Entretanto, os primeiros contatos no bairro me indicaram a necessidade de uma mudança de foco na abordagem, cada vez mais em direção à questão do estigma de marginalidade sofrido pelos moradores. Esta mudança emergiu da recusa e/ou do constrangimento penoso dos entrevistados e informantes (e também deste pesquisador) em abordar o tema violência durante nossos encontros.

Na realidade, necessitei de um tempo até me dar conta de que todos os meus questionários iniciais e o enfoque de minhas abordagens se balizava em torno de uma noção de violência atribuída, que eu incorporara, ou seja, trata-se de um estigma de marginalidade atribuído difusamente aos moradores do Tatuquara, que a despeito de suas recusas, mal-estares e desvios, eu insistia em discutir.

Pode-se dizer que minhas primeiras incursões etnográficas constituíram um explícito caso de “desencontro etnográfico” de acordo com a observação de minha orientadora; claro que só mais tarde foi incorporado [disciplinarizado nos termos de James Clifford -1998 ?] como “experiência” do trabalho de campo e parte do processo de construção do objeto de pesquisa.

Com efeito, acredito que esse suposto “desencontro” pode ser revelador de dimensões pouco explicitadas nas experiências etnográficas, nos resultados das pesquisas apresentadas por cientistas sócias, jornalistas e analistas em geral sobre o tema genericamente apresentado como **violência urbana**. Creio também que algumas das reflexões de James Clifford (1998) podem fornecer pistas preciosas para refletirmos sobre as contingências do **ofício etnográfico**, aquilo que é pressuposto porém não revelado, e daquilo que pode potencialmente ser reproduzido a outros leitores, sugerindo novas e insuspeitas interpretações.

O grande alerta quanto ao método etnográfico e a produção de textos sobre um “outro” sugerido por Clifford é que o desenvolvimento da ciência etnográfica não pode, em

última análise, ser compreendido em separado de um debate político-epistemológico mais geral sobre a escrita e a representação da alteridade.

Continuo no percurso desta discussão, ainda valendo-me de James Clifford no ponto em que este propõe um questionamento instigante sobre o sentido oculto de determinados postulados discursivos comumente empregados e aceitos tacitamente entre a comunidade antropológica.

“(...) nunca aceite, ou nunca tome como ponto de partida, ou ponto de chegada, a definição que o próprio membro da disciplina oferece sobre ela. Eu pergunto o que os antropólogos, apesar de todos os seus desacordos, dizem que eles não são. Em seguida olho a relação histórica que está sendo policiada, ou disciplinarizada, ou seja, o processo disciplinarizador que ocorre nas margens ou nas fronteiras da disciplina.” (CLIFFORD, 1998: 260)

Este autor prossegue destacando um exemplo que considero paradigmático das questões que envolvem a autoridade etnográfica abordadas neste trabalho: “A seguinte declaração ‘nós não somos funcionários coloniais’ significa dizer: ‘Nós não somos parte do sistema colonial, nós somos cientistas, nós não estamos aqui para governar.’”(CLIFFORD, 1998: 261)

No caso de meu trabalho de campo, procurei referenciar-me um pouco difusamente como pesquisador como pesquisador da UFPr. Evitei assim tecer detalhes embaraçosos (para mim) sobre a natureza da pesquisa que intencionava fazer, sobretudo porque, sob essa suposta identidade difusa – pesquisador/estudante fazendo uma pesquisa sobre o Tatuquara – achava-me relativamente protegido para questionar/direcionar as conversas na direção que desejasse.

Naquele momento minha maior preocupação concentrava-se na possibilidade de que meus informantes “se fechassem”, quando eu passasse a abordar um tema “desagradável” como a violência em seu local de moradia. Durante a construção do meu projeto de pesquisa passei a entrevistar também, moradores de outros bairros considerados “violentos” como o Parolin e o “Jardim Botânico” (ex-Vila Pinto). Percebia nitidamente nas entrevistas o constrangimento e o desconforto de meus entrevistados em falar sobre o tema violência.

As entrevistas sempre chegavam até um ponto e pareciam esgotar-se. Os entrevistados pareciam simplesmente não querer falar mais daquele “assunto

desagradável”. A metáfora que povoa minha mente era que eu insistentemente procurava revelar a “sujeira” varrida para baixo do tapete, estando na sala de estar de meus entrevistados onde nos encontrávamos conversando<sup>13</sup>. Ao mesmo tempo eu me “protegia” sob a capa de estudante da UFPr fazendo um trabalho de pesquisa sobre o bairro, usando uma “senha” multifuncional na medida em que: 1) evitava fornecer maiores detalhes sobre o tema de minha pesquisa – estigma de marginalidade-, o que certamente causaria constrangimentos (para eles e para mim). Acreditava naquele momento, que poderia assim manter o “viés espontâneo” da fala dos informantes quanto a sua experiência da violência no cotidiano; 2) o “estandarte honorífico” – pesquisador da UFPr –abria portas importantes, tanto em campo quanto em instituições públicas; 3) nas situações que acreditava que exigiam mais cautela, a identidade de pesquisador institucional me tranqüilizava mais ou menos nos termos do que Clifford cita sobre a posição ao mesmo tempo tensa e delicada dos Nuer em relação a E. E. Evans-Pritchard: “Quando brancos vão a lugares como estes que os antropólogos visitam, há em geral uma história prévia que diz: “não matem brancos [eu adaptaria, pesquisadores da UFPr] porque, se vocês matarem, mais de vocês irão morrer”. (Clifford, 1998: 262)

Só agora, pensando retrospectivamente minhas primeiras incursões em campo, percebo o quanto fui “encaminhado”, muitas vezes “escortado até de carro” em minhas andanças pelo Tatuquara, os representantes das Associações de bairro e mesmo informantes sem status oficializado, tratavam de “guiar” e “proteger” meus passos dentro do bairro.

A própria indicação das “pessoas interessantes para conversar”, sempre foi entrecortada por múltiplas escolhas eletivas prévias, sejam ideológicas, por filiação ou amizade/inimizade etc. mas que ali, no momento, nos parecem simples escolhas casuais.

Em meu caso específico, pesava (e ainda se mantém) a dupla condição de ser pesquisador num programa de pós-graduação da UFPr e funcionário da Fundação Cultural de Curitiba/FCC, ou seja, da Prefeitura Municipal de Curitiba, o que sempre considerei de alguma forma, um potencial empecilho para o contato “objetivo e isento”, representado na figura emblemática do pesquisador-antropólogo. Cabe ressaltar que é significativa minha

---

<sup>13</sup> Interessante a citação para sobre os valores e crenças que os antropólogos carregam quando vão a campo de que nos fala James Clifford, pois este tipo de pensamento que inicialmente me incomodava, reproduz *ipsis literis* a condição de Estigma que essas populações são vítimas. Por outro lado, nos revela o quanto o “universo mental do pesquisador” pode estar informando (no sentido reificado) e quanto ele deve resistir conscientemente a reproduzir pré-noções desvinculadas da efetiva realidade vivenciada em campo.

escolha por uma auto-imagem a ser representada aos moradores do Tatuquara, transitando entre duas instituições públicas reconhecidas socialmente, como funcionário da Prefeitura e pesquisador da UFPr, optei pela última. Na realidade esta escolha pessoal/arbitrária parece fazer parte de longa tradição dentro da disciplina antropológica, pautada sobre o modelo realista de antropologia como indicado por Clifford:

“(...) em meados da década de 1930 já se pode falar de um consenso internacional em desenvolvimento: as abstrações antropológicas, para serem válidas, deviam estar baseadas, sempre que possível, em descrições culturais intensivas feitas por **acadêmicos qualificados**. Neste momento, o novo estilo havia se tornado popular, sendo institucionalizado e materializado em práticas textuais específicas.” (Clifford, 1998: 21, grifo meu)

Acredito que tais estratégias de escolha de identidade, por parte do antropólogo são descartadas ou simplesmente omitidas, como comenta Clifford, na redação final das etnografias.

Os questionamentos de Clifford sobre as “crenças” da disciplina antropológica nos leva a refletir sobre o quanto nós, antropólogos, igualmente a “nossos” informantes, manipulamos identidades o tempo todo, antes durante e depois dos trabalhos de campo. Essas identidades, porém, são raramente explicitadas e se estendem à produção dos textos, pois visam legitimar uma autoridade etnográfica, cujo modelo realista (Malinowskiano) enfrenta uma crise de representação, como nos sugere James Clifford (1998).

Outro ponto importante a ser destacado no trabalho de campo refere-se ao uso que os informantes fazem do material produzido pelo antropólogo. Em minha experiência de campo dois casos me parecem paradigmáticos:

1) recentemente a **Associação SOS Tatuquara**, doravante **AST**, solicitou-me um vídeo sobre o bairro por mim realizado no ano passado (outubro de 2000), no qual procurei registrar a ocupação de 340 famílias no bairro, fato que causou grande agitação na mídia local e tensão no bairro como um todo pelo prenúncio de uma intervenção da Polícia Militar para desocupar a área. Na ocasião, aproveitei para fazer outras tomadas gerais do bairro, inclusive registrando imagens de áreas do Tatuquara não visitadas durante o trabalho de campo. O que interessava a AST eram as imagens sobre a distribuição de alimentos que a entidade promove no bairro, para que pudessem servir como “material de

divulgação” para pleitear junto às autoridades públicas e privadas um veículo para o transporte dos alimentos.

2) Durante a pesquisa de campo realizei uma série de encontros e entrevistas com o rapper Nilson Teófilo (líder do grupo “Atitude Negra”) nos quais foram discutidos abertamente temas como estigma, violência, drogas e a cultura rapper como um veículo de denúncia social. Coincidência ou não, semanas mais tarde, Nilson me procurou comentando que ao rememorar nossas conversas sobre discriminação e estigma compôs um rap chamado “Ruas do Jardim” (que será alvo de análise posterior no capítulo 5). Este tipo de evento ilustra o caso em que a interação pesquisador-informantes realimenta a produção de uma gama de material etnográfico, que será avaliado posteriormente pelo pesquisador. Há portanto, durante o trabalho de campo um jogo incessante de interações que se entrelaçam.

O que me parece implícito na letra de **Ruas do Jardim**, que na realidade parece sintetizar o estigma sofrido pelos moradores do Tatuquara, é a seguinte mensagem: é preciso desmentir para este pesquisador, representante da sociedade curitibana (os outros), que nós não somos os marginais, bárbaros que vocês pensam que somos ! Ou ainda transpondo esta mesma mensagem para uma terminologia eliaseana: nós aqui do Tatuquara não somos os *outsiders* que vocês *estabelecidos* consideram.

Fica claro que o material etnográfico, isto é, as próprias culturas são constantemente escritas/inscritas por muitas “mãos”, pelo entrecruzamento simultâneo de múltiplas vozes, numa única palavra: heteroglóssicas.

Relembrando minha entrada no Tatuquara ainda em busca de um “bairro violento”, senti-me, naqueles primeiros tempos, como diz o adágio indiano, literalmente na escuridão sob a lâmpada. Porém, à medida que me afastava da “lâmpada”, ou seja, quando me desvestia das pré-noções sobre o Tatuquara, passava a experimentar os problemas emanados da relação em campo com meus informantes e dos dilemas surgidos dessa relação. Volto a reafirmar que o interesse em investigar o estigma de marginalidade no Tatuquara gerado pela pesquisa do IPPUC e pela imprensa ao invés da violência (ademais genérica, difusa) foi consequência do entrecruzamento de um duplo percurso: de aproximações e distanciamentos de minhas fontes bibliográficas e de minha experiência em campo pessoal e intransferível.

Da mesma forma que precisei num dado momento desvincular-me das pré-noções estatísticas que carregava sobre o bairro, precisei também relativizar e desconstruir muitas das imagens veiculadas nas páginas policiais dos jornais sobre o Tatuquara, até para avaliar o grau de revolta que os jovens rappers vociferavam contra a mídia que generalizava, na opinião deles, os moradores do bairro como “marginais”.

Se de um lado o acompanhamento sistemático das notícias veiculadas no jornal Gazeta do Povo, por quase dois anos, me manteve informado sobre os últimos acontecimentos ocorridos no Tatuquara, geralmente retratando intervenções públicas, por outro lado, muitas das matérias retratando as áreas mais pobres do bairro como Vila Terra Santa e Gralha Azul – as duas maiores ocupações e com problemas mais graves – foram sendo redimensionadas durante as incursões em campo. Portanto em relação ao que a imprensa e os órgãos oficiais noticiavam sobre o Tatuquara, adotei a postura de um “pêndulo” que ora se aproxima, ora se afasta de um “eixo” discursivo institucionalizado sobre o bairro.

#### **1. 4 Lugar esquecido por Deus e pelos homens**

O dado central verificado no trabalho de campo diz respeito a existência de um **estigma**, que em maior ou menor grau, foi detectado em todos os informantes a despeito de suas diferenças sociais, econômicas e/ou culturais.

De uma maneira geral a maioria dos entrevistados salientava em tom de queixa, serem vítimas de preconceito por residirem no Tatuquara considerado um “bairro de marginais”, um bairro perigoso. Tanto os moradores dos conjuntos habitacionais da COHAB, identificados nesse trabalho na condição de “moradores legalizados” pela sua condição de mutuários e futuros proprietários da suas casas, quanto os “moradores ilegais” que moram em áreas invadidas, seja em situação de regularização (como é o caso da Vila Terra Santa) ou até de despejo (como em Vila Gralha Azul) todos indiscriminadamente, ao longo de minha estada em campo, queixavam-se recorrentemente serem vítimas de preconceito por sua condição de exclusão, por morarem em áreas não legalizadas ou pelo simples fato de serem moradores do Tatuquara.

Nesse sentido, apesar das diferenças sociais que distinguem os diversos grupos de moradores do bairro, a presença do estigma de marginalidade os afeta como um todo, os unifica perversamente por um problema comum, sempre ressaltando que o objetivo central deste trabalho foi justamente “mapear as respostas”, tanto **discursivas** quanto **práticas cotidianas** que os diferentes grupos que compõe o bairro, elaboram sobre o estigma.

Exemplos concretos do estigma a que é submetido o bairro Tatuquara dentre outros “bairros violentos” de Curitiba podem ser constatados nos editoriais e artigos em jornais que noticiam à exaustão a violência urbana nas periferias (na verdade a maioria destes jornais, não só os que dedicam-se à cobertura das reportagens policiais, alimentam-se desta mesma violência para vender mais). Vejamos apenas alguns exemplos retirados da pesquisa bibliográfica com jornais, contrapostas a depoimentos colhidos no bairro.

Inicialmente veremos trecho de um colunista da Gazeta do Povo, Fábio Campana comentando o problema das invasões de terrenos em Curitiba, onde problema como exclusão, miséria, déficit de moradia dentre outras mazelas sociais incompatíveis com a imagem curitibana de “capital social”, mais um “produto” do marketing institucional cunhado na última gestão do prefeito Cássio Taniguchi/PFL (2000-2004) são tratados como caso de polícia. Nas entrelinhas da referida coluna, percebe-se muitas alfinetadas no Partido dos Trabalhadores/PT que disputou o pleito para prefeito de Curitiba em 2000, e que chegou a levar a disputa para segundo turno, onde venceu o candidato do PFL, Cássio Taniguchi, e explicita o “campo da política” como viés ideológico reproduzindo na mídia, visões polarizadas como a de Campana, obviamente favorável a Taniguchi, sobre os problemas da urbanização em Curitiba.

Note-se ao final do trecho selecionado na referida coluna que o bairro Tatuquara é por ele estigmatizado a tal ponto que os próprios invasores “ávidos por terras” rejeitariam local tão distante, “esquecido por Deus e pelos homens”. Esta “rapaziada” no chavão preconceituoso de Campana, chega ao ponto de, absurdo dos absurdos, ousadia das ousadias, desejar morar em terrenos com infra-estrutura, transporte coletivo, escola, creche, postos de saúde, terrenos portanto mais valorizados. De onde prevalece a regra perversa, sob todos os aspectos no Brasil, “aos amigos tudo, aos **outros** a Lei !”

“O prefeito Cássio Taniguchi abandonou a paciência oriental para admoestar a rapaziada que arma a temporada de invasões em Curitiba. Não vai tolerar novas ocupações de áreas. Quem quiser casa própria que se inscreva na Cohab e espere na fila. É a regra. Há mais de 60 mil na mesma situação, diz o prefeito.

Acontece que o programa de legalização de lotes e urbanização das favelas de Curitiba acabou açulando o apetite de líderes de invasão. O que foi planejado para reduzir a miséria e seus efeitos perversos acabou estimulando a cobiça dos que acreditam que política e bons negócios se fazem com a manipulação de expectativas da população marginalizada que hoje se multiplica na periferia.

(...) Resta, também, uma faixa no extremo sul da cidade, depois do Tatuquara e próximo ao Campo de Santana. Mas lá os invasores não querem. É longe do centro, lugar esquecido por Deus e pelos homens. Ali os invasores profissionais não querem se estabelecer. Querem terrenos mais próximos do centro ou de áreas de produção, já urbanizados, com infraestrutura, transporte público, escola, creche, posto de saúde e, portanto, valorizados.” (Campana, 2001)

Outro exemplo do gênero, é o artigo do jornal Primeira Hora, com o título **Curitiba vai ter ‘Lei Seca’**. Note-se que o subtítulo da matéria apressa-se em assegurar (em negrito) aos moradores de bairros “tradicionais” da cidade, sobretudo aos curitibanos das camadas médias que seu “happy hour” está garantido, pois a tal “lei seca” só afetaria os moradores de periferias dos “bairros violentos”, distantes física e socialmente de seu universo de relações.

### **Curitiba vai ter ‘lei seca’**

**Prefeito Taniguchi anuncia decisão (que só afetará, no entanto, os “bairros violentos”**. A prefeitura de Curitiba vai obrigar nos próximos dias que bares instalados nos bairros mais violentos da cidade fechem às 23 horas. O prefeito Cássio Taniguchi (PFL) já pediu um mapeamento das áreas mais perigosas e com maior número de ocorrências policiais. “Vamos tomar posições duras e partir para a luta contra a violência”, disse ele ontem.

#### **(...) Zona Sul é a mais violenta**

Estudo do Comando do policiamento da Capital (CPC) revelam que os bairros mais violentos de Curitiba são o Bairro Novo, Tatuquara, Ganchinho e Sítio Cercado (todos na Zona Sul), além da Cidade Industrial de Curitiba (CIC), Cajuru e Uberaba. (PRIMERIA HORA, 10:2001)

Ainda na mesma matéria o destaque vai para a opinião do Prof. de Sociologia da UFPr, Pedro Bodê de Moraes que questiona o caráter autoritário e discriminatório da medida.

O professor de Sociologia e coordenador de Estudos contra a violência da Universidade Federal do Paraná, Pedro Moraes, criticou ontem a decisão dos prefeitos de fechar os bares às 23 horas. Para ele, a medida serve apenas para criar um impacto na opinião pública e é moralista, porque só atinge os pobres.

Segundo Moraes, o aumento da violência nasce do sentimento de impunidade. ‘Se fosse solução, já teriam fechado todos os bares do mundo’.” (PRIMEIRA HORA, 10:2001)

Em contraponto às duas opiniões acima, do prefeito e do sociólogo, cito um exemplo que aborda a questão do estigma, justamente sob a ótica que quem efetivamente vive no bairro e se ressentido da visão negativa generalizada sobre o Tatuquara, veiculada na imprensa. Vejamos a fala do rapper Nilson Teófilo registrada em campo.

O. Na tua letra do “Jardim” você fala um pouco da mídia, do Jornal Tribuna do Paraná e da hipocrisia da mídia, você podia falar um pouco da mídia ? O que você sente que a mídia fala sobre o Jardim da Ordem ?

N. A mídia... É tem vez que eles *estragam*<sup>14</sup> mesmo com o Jardim da Ordem, porque vamos supor que rola uma morte aqui na [Vila] Pompéia, eles divulgam mais aqui.

O. E a [vila] Pompéia tá dentro do Tatuquara não ?

N. Tá. Tá dentro do Tatuquara, mas eles divulgam a região.

O. Você acha o Pompéia mais violento que aqui ?

N. Cara eu acho são ambas as partes. Pompéia e Jardim da Ordem não tem nada que tirar em termos de violência. A violência é igual nos dois lugares. P

orque morre gente lá, morre gente aqui. Então a mídia em termos do Jardim da Ordem, se saí alguma coisa que rola aqui, nossa você pega o jornal pra ler, você pensa que Jardim da Ordem é um inferno, é um Rio de Janeiro, é um morro do Rio de Janeiro, porque os caras caem de pau mesmo. Jardim da Ordem vamos supor, se rola uma morte aqui, neguinho fala: **“Jardim da Ordem, Vila sangrenta !”, “Jardim da Ordem, inferno total”, “Jardim da Ordem lugar que Deus amaldiçoou”**.

(Teófilo, 2000: 11, grifo meu)

---

<sup>14</sup> *Estragam* no sentido empregado por Nilson significa, desmerecer, achincalhar, desmoralizar. Uma categoria nativa que reforça sem sombra de dúvida, o advento do estigma que lhes é imputado “de fora”, no caso representada pela mídia jornalística, para “dentro”, sobre o cotidiano supostamente violento das diversas “Vilas” que compõem o Tatuquara.

### 1.5 O Tatuquara não é Acari nem Cidade de Deus.

Como fechamento deste primeiro capítulo, proponho uma comparação entre minha experiência em campo no Tatuquara e a experiência de Alba Zaluar (1985) em Cidade de Deus e Marcos Alvito (2001) em Acari ambos trabalhos realizados no Rio de Janeiro.

A escolha dos estudos realizados por esses dois antropólogos não foi determinada exclusivamente pelo fato de ambos trabalharem em áreas urbanas consideradas "violentas" ou pelo fato da cidade do Rio de Janeiro, de longa data, representar para a mídia e para o resto do Brasil um cenário complexo onde o crime organizado passou a fazer parte da paisagem exuberante dos morros e praias, mas, sobretudo, porque esses pesquisadores resolveram debruçar-se sobre duas localidades urbanas de periferia, geograficamente tão próximas e tão distantes de seus universos sociais. A intenção dessa comparação é a de empreender um possível diálogo com duas obras que constantemente consulte ao longo de toda minha trajetória em campo no Tatuquara, por vezes identificando pontos em comum de imediato, e em outras ocasiões observando posições diametralmente opostas<sup>15</sup>.

Acredito que tal diálogo entre experiências e contextos urbanos tão distintos quanto os subúrbios cariocas e a periferia de Curitiba possa acrescentar algo sobre a reflexão mais sistematizada dos contextos urbanos das grandes cidades brasileiras e do próprio fazer antropológico nestes contextos.

Sendo assim, começo reavaliando minha afirmação acima. O Tatuquara, a bem da verdade, tem muito de Cidade de Deus e de Acari. Esse denominador comum pode ser sintetizado no comentário de Alba Zaluar (1985) com relação à visão que a “sociedade englobante” tem das favelas, morros e periferias pobres dos grandes centros urbanos brasileiros.

“O seu interior não é alcançado pelos nossos olhos sensíveis. Desconhecemos o que lá se passa, embora nossa fútil imaginação o faça, desde logo, um antro de banditismo, violência, sujeira, imoralidade, promiscuidade, etc. Duplamente excluídos por serem “outros” e por serem “incultos” e “perigosos”, os pobres urbanos vivem, neste olhar etnocêntrico e homogeneizador, o avesso da civilização.” (Zaluar, 1985:12)

Mas uma diferença fundamental separa a realidade de Acari e Cidade de Deus do Tatuquara. Com relação à presença e a forma de relacionamento destas localidades com o

<sup>15</sup> As obras aqui referidas são: **As cores de Acari** de Marcos Alvito (2001) e **A máquina e a revolta** de Alba Zaluar (1985).

tráfico de drogas e/ou o que poderíamos genericamente denominar como crime organizado. Apesar de todos os meus informantes assumirem a existência da venda de drogas no Tatuquara, a presença do tráfico no Tatuquara em comparação a Acari e Cidade de Deus é tão discreta que os próprios moradores a identificam como algo “distante”.

Cena impensável no Tatuquara, seria nos depararmos com jovens de quinze, dezesseis anos perambulando armados, acintosamente, pelas ruas de Jardim da Ordem ou Santa Rita como nos relatam as experiências de Zaluar e Alvito nas periferias do Rio de Janeiro.

Nas falas dos presidentes de associações de Jardim da Ordem e Santa Rita o tráfico de drogas quando mencionado é remetido às áreas mais pobres do bairro, como a ocupação Beira Rio por exemplo (incrustada no Jardim da Ordem), o que nos leva a perceber que o estigma não vem apenas de “fora”, mas também opera como fator interno de diferenciação social/cultural.

Durante o trabalho de campo pude constatar um mecanismo de acusação mútua entre os representantes de cada localidade do Tatuquara, cada qual acusando outra micro-área<sup>16</sup> como local de tráfico. A presença do tráfico, de bandidos, as mortes e gangues nas falas de meus informantes acontecem sempre “lá”, geralmente este “lá” referindo-se, geralmente às localidade mais pobres como Vila Terra Santa, Gralha Azul e Beira Rio. Essa é uma “versão” local do estigma de marginalidade que o bairro recebe como um todo.

Diferente da experiência de Zaluar (1985), que encontrou em Cidade de Deus uma forte animosidade dos presidentes de associações por terem-se sentido traídos por jornalistas que tiveram acesso a farta documentação sobre o histórico das associações, e que segundo eles, acabaram escrevendo matérias desabonadoras sobre Cidade de Deus, minha experiência em campo no Tatuquara, com os presidentes das associações foi diametralmente oposta.

Como Zaluar empreendeu sua pesquisa de campo logo após esses eventos conflituosos com a imprensa, ela constatou que as portas das associações de moradores (sobretudo o acesso à documentação) estavam, para ela, irremediavelmente fechadas. Pode-se dizer que a revolta dos presidentes das associações em Cidade de Deus, em função do estigma de criminalidade difundido pela mídia, praticamente obrigou Zaluar a buscar outras

---

<sup>16</sup> O uso do termo micro-área aqui empregado, corresponde ao conceito elaborado por Alvito (2001: 61-62)

associações (esportivas e o bloco de carnaval) como forma alternativa de aproximação dos moradores.

Apenas para citar outro exemplo de realidade urbana estigmatizada como é o caso de Acari estudado por Alvito (2001) como “bairro violento”, reproduzo a seguir, trecho de “As cores de Acari” onde o Alvito destaca um evento marcante não só para aquela localidade mas para a sociedade carioca como um todo, pelo que o evento reveste-se de “conflito armado” urbano e pela visão militarista (resquícios de nossos quase trinta anos de ditadura militar ?) dos responsáveis pelos órgãos de segurança e pelo tipo de visão que se tinha (e ainda se tem) sobre o tema segurança pública. Refiro-me a ocupação policial de Acari no final de 1995.

A favela de Acari começou a ficar “famosa” na mídia a partir de três “fatos”: a existência de um intenso tráfico de cocaína, sob a chefia de um “dono” famoso por sua política “assistencialista”, o “Cy de Acari”; a realização, bem em frente à favela, de uma “feira” conhecida por vender produtos de origem legal duvidosos, a “Robauto”; e a formação de um grupo de mulheres, internacionalmente conhecidas como “As mães de Acari”, visando a esclarecer o desaparecimento de 11 jovens, alguns deles da favela de Acari supostamente mortos por policiais. Assim, podemos dizer que Acari, desde meados da década de 1980 até hoje, tem ocupado um lugar de destaque (negativo) no imaginário urbano do Rio de Janeiro. Não admira que, em 15 de dezembro de 1995 – cerca de 15 dias após a realização da passeata “Reage Rio” -, o secretário de Segurança do estado do Rio de Janeiro, general Nilton Cerqueira, tenha feito a seguinte declaração ao Jornal do Brasil:

“De acordo com o manual de guerra das Forças Armadas, é considerada um zona amarela aquela área onde há um risco moderado para a tropa. As zonas vermelhas, onde há um alto grau de perigo, também foram identificadas na cidade pelo general: ‘As favelas de Acari, Vigário Geral, Turano e Parada de Lucas apresentam um grande risco para a população e mesmo para a polícia, que deve ter maior cautela’, explicou o secretário.” (Alvito, 2001:56)

Neste sentido, minha experiência no Tatuquara foi inversa. Constatei entre os moradores do bairro uma boa receptividade à presença de jornalistas (inclusive muitos no começo me confundiam com jornalista) pois estes entendiam ser a imprensa uma via de acesso para se resolver problemas locais de infra-estrutura, como água, esgoto, segurança pública etc., ao mesmo tempo em que poderiam dela se servir como mecanismo de “pressão” contra os órgãos do executivo para atender a suas demandas. Além disso, e mais importante, esta “estratégia” se afigurava como uma forma de divulgar o seu trabalho, galvanizando seu status de “chefe” perante o grupo que representavam.

É interessante notarmos que as “imagens fortes” que a mídia costuma veicular sobre esses “bairros violentos”, verdadeiras “zonas de guerra”, todas essas **demarcações**

geográficas seguem padrões muito próximos tanto para a realidade urbana do Rio de Janeiro, São Paulo ou Curitiba, e que na maioria das vezes, tais **imagens** são construídas pelo discurso dos órgãos oficiais de Estado, mas não só pelos órgãos de segurança pública, como pudemos observar nos resultados do “Mapa de risco da violência: cidade de Curitiba” realizado pelo IPPUC que é um órgão de planejamento estratégico da prefeitura de Curitiba.

A bem da verdade minha experiência em campo no Tatuquara parece servir mais como um questionamento contundente sobre o real vínculo que tais “mapeamentos da violência” possuem em relação às pessoas que efetivamente vivem em tais locais. Tudo que vi, ouvi e senti durante minhas muitas “andanças” no Tatuquara em nada correspondem ao cenário caótico e violento hiper-exposto nos telejornais de “horário nobre”.

Mas o que realmente me pareceu unir realidades tão distintas como o Tatuquara, Acari, Cidade de Deus, ou o “famigerado” Jardim Ângela em São Paulo, dentre outras tantas “periferias” do Brasil, foi a aguda consciência de exclusão (por vezes exposta como revolta de que nos fala Alba Zaluar) e distância da “sociedade” e cidadania que os moradores destes locais gostariam que um dia fizesse parte de suas vidas.

## ANEXOS

## ROTEIRO PARA ENTREVISTA

### DADOS SÓCIO-ECONÔMICOS

- . Idade, escolaridade, profissão (principal atividade)
- . Família (quantos membros ? Quais as idades ? Quantos trabalham ? Quantos estudam ?
- . Qual a renda familiar ?

### A VIDA ANTES DE VIR PARA O TATUQUARA

- . Desde quando mora na vila ?
- . Quais as principais mudanças ocorridas na vila ?
- . Qual o mais grave problema da vila hoje ?
- . Como é a violência na vila ?
- . A violência acontece desde quando? Por que ?
- . Quais as ações da Associação frente a violência ?

### SOBRE O LOCAL DE MORADIA

- . Como se chama o local onde mora ?
- . Qual a diferença entre Bairro e Vila ?
- . Como se delimita a Vila ?

### REPRESENTAÇÕES DA VIOLÊNCIA/CRIME

- . Em sua opinião qual é a origem da violência e do crime ?
- . Por que um indivíduo torna-se um criminoso ?
- . Descreva o bandido típico.
- . Descreva um morador típico.
- . Que tipo de ocorrências violentas acontecem na Vila ? Como acontecem ? Em que frequência ?
- . Quais são as regras de convivência entre os marginais e os outros moradores ?
- . Existem brigas entre os bandidos na vila ? Por que ? Disputa de território ?

### REPRESENTAÇÕES DA JUSTIÇA E DAS AÇÕES DO PODER PÚBLICO

- . Que órgãos do Governo (Estado e Município) atuam na Vila ? Como atuam ?

- . Quem resolve os conflitos na Vila ? Como ?
- . Como a Associação atua nesse sentido ?
- . A Associação trabalha com algum órgão público ? Qual ? Como é esse trabalho ?

#### REPRESENTAÇÕES DA POLÍCIA

- . Qual a sua visão sobre a polícia ?
- . Como a polícia atua no bairro ?
- . Como a Associação se relaciona com a polícia ?

[Aqui entra o Mapa nº 4 ]

**Homicídios de acordo com o local de residência. 1993/95.**

**Curitiba. Coeficiente por 100.000 habitantes.**

## Cap. 2 - UM BREVE PERCURSO PELO TATUQUARA

Estou enfiado na lama/ é um bairro sujo/ onde os urubus têm casas/ e eu não tenho asas/ mas estou aqui em minha casa/ onde os urubus têm asas/ vou pintando, segurando as paredes do mangue do meu quintal/ manguetown/ andando por entre os becos/ andando em coletivos/ ninguém foge ao cheiro sujo/ da lama da manguetown/ andando por entre becos/ andando em coletivos/ ninguém foge à vida suja dos dias da manguetown/ esta noite sairei/ vou beber com os meus amigos/ e com as asas que os urubus me deram ao dia/ eu voarei por toda a periferia/ vou sonhando com a mulher/ que talvez eu possa encontrar/ ela também vai andar/ na lama do meu quintal/ manguetown/andando...

"Manguetown"- Chico Science & Nação Zumbi.

Antes de abordarmos o problema do estigma, proponho que o leitor me acompanhe por um breve percurso no bairro do Tatuquara, afim de que possa familiarizar-se um pouco mais com o território onde se realizou esta pesquisa. Cabe salientar, que este percurso pelo Tatuquara foi realizado por mim muito recentemente, (fevereiro de 2002), justamente com a intenção de propiciar ao leitor uma visão atualizada da situação do bairro e de sua configuração sócio-espacial.

Uma sugestão que proponho de partida é que leitor acompanhe este percurso pelo Tatuquara consultando sempre que sentir necessário o **Mapa de Arruamento de Curitiba**, (com algumas áreas em detalhe) que segue nas próximas páginas. Por preferir manter o fluxo do texto como menos interrupções ao leitor, optei por manter algumas imagens que ilustram meu percurso na parte final deste capítulo.

[Mapas do percurso]

Quem quiser chegar ao Tatuquara de ônibus, como eu fiz durante toda minha estada em campo, deve necessariamente dirigir-se aos dois terminais de ônibus que fazem a "ligação" do bairro com o centro da cidade e região metropolitana. São eles: os terminais **Pinheirinho** e **CIC** (Cidade Industrial de Curitiba), ambos situados ao sul da cidade. Do terminal CIC se chega ao Tatuquara apanhando o ônibus "alimentador"<sup>17</sup> "Santa Rita", linha que chega ao Tatuquara pela BR 476, adentra o bairro pela rua Jovenilson Américo de Oliveira, atravessando o Conjunto Jardim da Ordem, rumando sempre à esquerda por algumas ruas secundárias até perfazer a ligação com o Conjunto Santa Rita pela rua principal do conjunto que é a rua Enette Dubard, passando pelo Santa Rita I, III e finalizando o seu trajeto na parte mais alta do conjunto conhecida como Santa Rita II.

Cito o trajeto do ônibus Santa Rita pelo simples fato de que a partir da entrada do Tatuquara pela BR-476 minha trajetória pelo bairro a pé coincide mais ou menos com o trajeto do ônibus "Santa Rita".

Caso se deseje chegar ao Tatuquara pelo terminal do Pinheirinho, as opções de ônibus alimentadores são bem maiores. Pode-se chegar ao bairro tomando os alimentadores "Jardim da Ordem", o próprio "Santa Rita", "Ludovica" e "Vila Pompéia".

Iniciei meu percurso numa manhã cinzenta de sábado, fevereiro de 2002, partindo do terminal Pinheirinho com o ônibus Vila Pompéia. Meu destino era **Vila Terra Santa**, área de invasão no Tatuquara que faz divisa com a Vila Pompéia.

Vila Terra Santa chama a atenção em comparação a outras invasões de Curitiba pela extensão e densidade populacional (mais de 700 famílias pelas contas da presidente da Associação de Moradores). Tais características são tão marcantes que Vila Terra Santa, mesmo sendo ainda uma área ocupada ilegalmente, figura no mapa oficial de Arruamento de Curitiba de 1998 como o leitor pode consultar nos mapas anexos.

Desço em Vila Pompéia quase no final da rua Francisca Ferreira da Luz, rua asfaltada e com movimento de tráfego nos dois sentidos. Seguindo meu percurso, entro à esquerda na rua Antonio Sarote, igualmente asfaltada, porém com bem menos movimento, atravesso uns quinhentos metros que me separam da Rua "A", esta última, uma rua de

---

<sup>17</sup> Os alimentadores são ônibus que fazem a ligação de localidades mais distantes até os terminais de bairro, de onde o usuário pode fazer a interligação com outros ônibus que levam ao restante da cidade e/ou região metropolitana, pagando uma única passagem, e que a prefeitura de Curitiba denomina como RIT, Rede Integrada de Transportes.

saibro já com vários buracos que pela ação dos últimos dias chuvosos ainda guarda muitas poças d'água. O início de meu trajeto, marcado em tracejado vermelho sobre o mapa do Tatuquara, se dá a partir da rua "A" em direção à "rua da Liberdade", que delimita a fronteira entre o Conjunto "Moradias Dalagassa" e o início de Vila Terra Santa.

Pelos relatos de D. Rosalina Siqueira (presidente da associação de moradores de Terra Santa) o que está delineado genericamente no mapa do Ippuc como "Terra Santa", na verdade apresenta três divisões internas: Terra Santa I, II e III.

“Terra Santa I”, como D. Rosalina me explicou em outras ocasiões, compreende a parte mais alta e mais "urbanizada" de Vila Terra Santa, coincidentemente a área mais próxima de Vila Pompéia e que se estende até mais ou menos a parte central de Vila Terra Santa.

À medida que penetramos em Terra Santa partindo de Vila Pompéia, logo percebemos que a "Vila" é formada por pequenos morros e fundos de vales, cortada por inúmeros córregos<sup>18</sup> que desembocam na região mais baixa do imenso terreno, formando uma região pantanosa, que encontra seus limites no corte de terreno formado para assentar a linha de trem. Pois bem, prosseguindo a descida dos morros de Terra Santa I, pela rua da Cruz, e logo após tomando a rua Querubins estamos no que se pode chamar de "centro" de Terra Santa, que corresponde aos limites de Terra Santa I.

Estamos na parte central de Terra Santa. Prosseguindo pelos lados da linha do trem e do charco, está Vila Terra Santa II e, mais além, descendo pelas das vielas (a maioria ainda sem nome), no outro extremo oposto, encontramos Terra Santa III. Aqui nos aproximamos da linha do trem e de uma via que cruza a linha do trem por onde alcançamos a rua Roberto Ozório de Almeida, nas proximidades da BR-476. É justamente neste outro extremo de Terra Santa, conhecido por Terra Santa III, em virtude dos barracos estarem construídos sobre uma área pantanosa, que as condições de moradia são visivelmente mais precárias do que as encontradas na região da entrada de Terra Santa I. [pela quantidade de água empoçada no local, pensei no desastre que seria uma infestação de dengue naquele local]

---

<sup>18</sup> D. Rosalina me explicou que tais córregos e nascentes funcionam como limites geográficos que delimitam as fronteiras entre Terra Santa I, II e III. Na falta de nomes oficiais para ruas e como não existem outros marcos oficiais de delimitação dentro de Terra Santa, as áreas mais no "miolo" da ocupação são identificadas segundo acidentes geográficos locais e/ou por elementos naturais que compõem a paisagem como córregos, nascentes, áreas de banhados, morros ou florestas.

A primeira imagem com que um transeunte se depara ao chegar na entrada da Vila Terra Santa III é um tanto insólita. Digo isto porque me deparei com três burricos pastando, num terreno que lembra em tudo uma paisagem rural, com algumas galinhas soltas no terreno, onde se vê uma placa de madeira pintada improvisadamente, com dizeres um tanto ameaçadores: "Propriedade particular, não entre, sujeito a prisão". Imediatamente atrás dessa propriedade, se vislumbra Vila Terra Santa II e III, um imenso aglomerado de pequenas casas de madeira improvisadas, nitidamente mais pobres que as casas dos grandes conjuntos habitacionais do Tatuquara como Jardim da Ordem, Santa Rita ou Moradias Paraná.

Terra Santa III, seguramente é o lado mais isolado de Terra Santa, em virtude das casas terem sido construídas em terrenos de fundos de vale, ou seja, nas encostas de pequenos córregos. O terreno é bem acidentado e pude presenciar muitos moradores transportando alimentos e outros utensílios domésticos em carrinhos de mão, do tipo usado na construção civil. Em Terra Santa III a prefeitura instalou uma grande caçamba para coleta de lixo, uma vez que naquela localidade do bairro, simplesmente não há serviço de coleta de lixo. Já em Terra Santa I, próximo ao Moradias Dalagassa, não observei nenhuma caçamba para retirada de lixo, o que me levou a supor que pela proximidade a uma localidade mais urbanizada os moradores depositem o lixo nas ruas próximas ao "Conjunto Dalagassa".

Além da extrema pobreza e carência dos barracos que configura a paisagem de Vila Terra Santa (e eles tendem a ser mais precários e mais pobres à medida que se aproximam da linha férrea), impressiona ao visitante eventual a grande quantidade de placas anunciando a venda de casas. É comum num trecho de pouco mais de vinte metros pelas vielas de Terra Santa III encontrarmos três ou quatro placas de "vende-se" nas casas.

Esse fenômeno se acentua, proporcionalmente, à medida que nos aproximamos da região mais carente, ou seja, da região que margeia a curva formada pela linha do trem e que serve como "fronteira" física, delimitadora de Terra Santa e do próprio Tatuquara. Cabe salientar que essa é uma das muitas regiões de charco, com a presença de pequenos morros que se formam ao longo do leito de inúmeros córregos naturais da região e que, portanto, compreendem uma extensa área sujeita a alagamentos.

Enquanto transitava por esta região mais pobre de Terra Santa, em meio as áreas alagadas e tendo que transpor inúmeras pinguelas e córregos poluídos por esgoto a céu aberto, senti-me aterrorizado pela possibilidade de uma infestação por dengue, por exemplo, e com as sérias conseqüências advindas do isolamento e carência de infraestrutura urbana no local.

Neste trecho mais pobre, conhecido como Terra Santa III, pude perceber que algumas casas foram construídas como palafitas ! Manguetown em Curitiba, na cidade dos "bosques dos irmãos Grimm", vidro fumê, aço, acrílico e petit-pavet. Me veio à mente um trocadilho auto-explicativo, intraduzível pra qualquer estrangeiro: o Brasil é mais embaixo ! Manguetown é aqui.

Imaginei de pronto uma cena surrealista: eu adentrando, com meus sapatos enlameados por "Terra Santa" numa dessas animadas reuniões matutinas de arquitetos na "sala redonda" do Ippuc, a "Sorbonne do Juvevê", onde se desenrolam animados debates sobre a "arquitetura moderna em Curitiba", "arquitetura eclética do século XIX", etc. Invado repentinamente a pequena sala circular e faço a pergunta: vocês conhecem a arquitetura de palafitas de Vila Terra Santa ? Impensável ! Puro exercício de ficção. Mas quando eu imaginaria encontrar a "favela da maré" da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro ou dos arrabaldes de Recife a "Veneza brasileira" na periferia de Curitiba ? Recordei de súbito, o título de um poema de Paulo Leminski, nosso poeta totêmico: "Imprecisa Premissa - quantas curitibas cabem numa só Curitiba ?".

Esse exercício constante de interlocução entre realidade/ficção, que é próprio da experiência antropológica, por caminhos insuspeitos é capaz de aproximar a "sensibilidade antenada" de gente como Leminski e Chico Science. Este último, prematuramente morto, "disse a que veio" quando vaticinou nossa condição de brasileiros: "ninguém foge à vida suja dos dias da manguetown". Embarcar nesses "percursos" que por vezes nos leva a experiência em campo, significa apreender uma outra cartografia de Curitiba, uma "cartografia sentimental" de uma outra cidade, para além daquela supostamente mapeada, dissecada por urbanistas e arquitetos. Esta constitui, certamente, uma das recompensas de ofício do antropólogo, como diria Roberto Cardoso de Oliveira.

Partindo de Terra Santa III, empreendo agora uma caminhada de aproximadamente um quilômetro rumo à ocupação **Gralha Azul**. O trajeto se faz normalmente pela linha do

trem. Neste trecho, percorre-se uma distância entre oitocentos metros a um quilômetro. Por vezes fiquei bastante apreensivo ao percorrer este trajeto, mesmo de dia, em virtude da área de mata que circunda os dois lados da linha férrea. Por mais de uma vez cheguei a temer por minha sorte ao avistar à distância pessoas fumando ou conversando sentadas despreocupadas à beira dos trilhos. Como no trecho que interliga Vila Terra Santa à ocupação Gralha Azul, existem algumas pequenas casas construídas à margem da linha férrea, (para o lado da Rua Roberto Ozório de Almeida) acreditei que aquele grupo de pessoas sentadas nos trilhos fossem moradores daquele trecho do percurso, não necessariamente moradores de Terra Santa ou do Gralha Azul.

No lado esquerdo de quem segue à oeste em direção ao município de Araucária, avista-se uma imensa faixa verde, incrivelmente preservada, de propriedade da empresa Britanite, que separa Vila Terra Santa dos Conjuntos habitacionais Jardim da Ordem e Santa Rita.

Observando Vila Terra Santa deste ângulo, compreende-se sua estreita ligação com Moradias Dalagassa e Vila Pompéia, em virtude de seu “isolamento” em relação aos conjuntos habitacionais como Jardim da Ordem e Santa Rita e mesmo entre aquela e as outras duas ocupações próximas, "Beira Rio" e "Gralha Azul".

Em Terra Santa não existiam creches, escolas, postos de saúde, postos policiais etc. D. Rosalina Siqueira, presidente da associação de moradores local me dizia que um dos motivos destas carências, é a dificuldade de acesso à Vila em função de seu isolamento em relação às outras localidades do bairro Tatuquara, situação esta que reforça a dependência deste dos serviços da prefeitura como postos de saúde, transporte, etc. existentes na Vila Pompéia.

A ausência desses equipamentos públicos, segundo ela, resulta da condição de litígio em Terra Santa, pois a área ocupada não foi ainda regularizada nem pela Cohab nem pela promotoria do Meio Ambiente pelo fato do assentamento estar localizado numa área considerada de proteção ambiental (APA).

Chamou-me a atenção o fato de que em Terra Santa, justamente um dos locais mais carentes de infra-estrutura urbana do Tatuquara, onde falta absolutamente “tudo”, de água encanada à coleta regular de lixo, ser o local onde se observa a maior presença de igrejas neo-pentecostais da região.

Em meu percurso por Terra Santa, cheguei a enumerar três igrejas pentecostais no espaço de apenas duas quadras na região onde mora D. Rosalina Siqueira (Vila Terra Santa I) e mais uma igreja católica (a única da vila) onde um padre vem quinzenalmente rezar missa. Onde a miséria material é extrema, ao menos a recompensa espiritual parece manter os moradores de “Terra Santa” com esperanças e sobrevivendo.

No final deste trecho do percurso, tendo deixado Vila Terra Santa para trás, se chega finalmente, à ocupação **Gralha Azul**. Encravada entre um trecho que margeia a BR-476 e a linha do trem, a ocupação Gralha Azul atualmente abriga cerca de 50 famílias. O acesso de automóvel ou ônibus pela BR-476 se dá por um contorno lateral.

Antes de avançarmos é importante ressaltar que a ocupação Gralha Azul resulta da transferência de uma antiga ocupação constituída de um grupo de aproximadamente 300 famílias que havia ocupado uma área próxima ao Conjunto Jardim da Ordem<sup>19</sup>. e foram expulsos logo a seguir pela polícia militar como já mencionado no Cap. 1. A situação de moradia das pessoas que moram em Gralha Azul é ainda mais precária que as encontradas na parte mais pobre de Terra Santa III, uma vez que em Gralha Azul os moradores que moram em barracos de madeira muito precários, não tem ainda instalados nos barracos de madeira água encanada, luz elétrica ou esgoto.

Cruzando o meio da ocupação Gralha Azul e transpondo a linha do trem, seguindo uma picada estreita, chega-se à entrada oficial do Tatuquara pela sua principal via de acesso ao norte do bairro<sup>20</sup>. Estamos na Rua Jovenilson Américo de Oliveira, que se divide em duas pistas divididas ao centro por um eixo formado pelas imensas torres de transmissão de energia de alta voltagem, que alimentam as inúmeras fábricas da Cidade Industrial de Curitiba localizadas bem próximas ao Tatuquara no bairro vizinho CIC (Cidade Industrial de Curitiba) um pouco mais ao norte. Descendo então a Rua Jovenilson Américo de Oliveira, avista-se a entrada do conjunto Jardim da Ordem. No sentido sudoeste, um pouco além de uma pequena área verde, podemos vislumbrar o conjunto Moradias Paraná. Este último chega quase às margens da Rodovia do Xisto, BR-476 e limita-se a oeste por um pequeno afluente (sem nome) do rio Barigüi.

---

<sup>19</sup> Os primeiros dias desta ocupação foram registradas em vídeo e causaram um grande alvoroço no Tatuquara em virtude da possível interenção da PM para expulsá-lo do local e garantirem a reintegração de posse ao proprietário da área.

<sup>20</sup> A outra via de acesso ao Tatuquara se dá pelo extremo sul, entrando pelo bairro pela Rodovia Régis Bittencourt, BR-116 pela rua Ângelo Gai e depois pela rua Antônio Zanon que desemboca na parte central do Conjunto Santa Rita.

Nunca é demais lembrar que estamos no extremo sul da cidade de Curitiba e que o Tatuquara faz fronteira com o município de Araucária, apenas separado pelas águas do Rio Barigüi.

A impressão que se tem logo à entrada do Tatuquara é que estamos num bairro comum de moradores de baixa renda da periferia. Entretanto com o auxílio do mapa é possível percebermos a extensão territorial do bairro e a diversidade da geografia e social do lugar. Talvez eu só tenha entendido as peculiaridades do que é viver ali, transitando a pé pelo bairro. Também passei a mensurar melhor as noções “nativas” do que é por eles considerado “perto” ou “longe”, depois de percorrer os atalhos que a população utiliza no dia-a-dia, ao percorrer as localidades de Terra Santa, Gralha Azul, Beira Rio, Jardim da Ordem e Santa Rita.

À entrada do Jardim da Ordem logo se avista, à direta, um pedaço da ocupação Beira Rio e a frente uma cancha de futebol de areia improvisada. Seguindo pela rua Antônio Vaz Lobo percebe-se que esta rua divide a ocupação Beira Rio do Jardim da Ordem.

Logo na entrada do bairro se vê o colégio D. Pompília de 1º e 2º grau e um “Farol do Saber”, que é uma biblioteca de bairro. Trata-se de mais um equipamento da prefeitura com uma estrutura de atendimento às pesquisas dos alunos e incentivo a leitura aos moradores do bairro. Apesar dos muros da escola D. Pompília estarem completamente grafitados na parte externa e interna, as paredes da escola, não apresentam nenhum grafite ou pichação. Pude observar na ocasião, que a escola de 1º e 2º como a creche do Conjunto Jardim da Ordem, estavam sendo reformados.

Tendo percorrido as principais ruas o Jardim da Ordem, avanço pela rua Orestes Romeu Bisoto em direção ao Moradias Santa Rita, objetivo final deste percurso pelo Tatuquara. Logo na entrada do Conjunto Santa Rita, para quem vem pela BR-476 (Rodovia do Xisto) na rua Enette Dubard, se encontra a escola municipal de 1º grau Prof. Darcy Ribeiro. Não pude deixar de interromper a caminhada naquele ponto e ficar um tempo ali, parado na calçada (me arrependi depois por não ter tirado uma foto), pensando que feliz e insólito aquele encontro no Tatuquara com o prof. Darcy Ribeiro.

Se existe um lugar onde Darcy Ribeiro estaria contente, acredito que seria cercado de crianças brincando numa escola de 1º grau nestes rincões meio esquecidos do Brasil. O

“gênio da raça” como o chamou um dia o polêmico (e igualmente genial) Glauber Rocha, certamente estaria feliz naquela escola do Tatuquara. Os moradores de Santa Rita saberiam quem foi o Prof. Darcy Ribeiro ? Continuo meu trajeto, carregando esta dúvida e a felicidade do "encontro" inesperado.

Ainda na rua Enette Dubard, em pleno Santa Rita, chama a atenção o intenso tráfego de carros, ônibus e caminhões, nos dois sentidos da rua. Também chama a quantidade e variedade de casas comerciais que povoam os dois lados desta pequena “avenida” que corta o Santa Rita. À medida que avanço pela rua Enette Dubard cada vez mais me surpreendo com a quantidade de bares, lanchonetes, farmácias, lojas de materiais de construção, de móveis, supermercados, quitandas etc.

Comparados quanto à infra-estrutura urbana, que é inexistente em Vila Terra Santa e ocupação Gralha Azul, os conjuntos Jardim da Ordem e Santa Rita parecem pequenas localidades<sup>21</sup> autônomas, bem assistidas de serviços, comércio, pequenas indústrias, duas linhas de ônibus (Santa Rita e Jardim da Ordem), bem como de equipamentos do Estado como escolas de 1º e 2º graus, postos de saúde e posto da polícia militar. Além disso, as ruas de maior tráfego de carros e ônibus são todas asfaltadas.

As duas quadras do conjunto Santa Rita, entre a Av. Pero Vaz de Caminha e a rua Carlos Munhoz, contam com o maior número de equipamentos da prefeitura, como o Liceu de ofícios, o barracão industrial, a Vila de ofícios, todos estes projetos municipais voltados à geração de emprego e renda para populações de bairros carentes.

Nesse "centro comercial" de Santa Rita, formado ao longo da rua Enette Dubard, foi que avistei em frente a quadra do Barracão industrial, bem próximo do batalhão da 5º Cia. e da Vila de Ofícios, o **Centro Comercial Milena**, uma espécie de shopping center com dois andares.

Quem diria que percorrendo cerca de 4 quilômetros pelo Tatuquara, eu passaria do "manguetown" de Terra Santa ao Shopping Milena de Santa Rita ! A distância que separa esses dois grupos de moradores não é apenas mensurável nos quilômetros, rodovias, linhas de trem ou florestas que os cercam, mas, sobretudo, pela fronteira social marcante que distingue os moradores dentro um mesmo bairro.

---

<sup>21</sup> Utilizo o termo localidade no sentido empregado por Marcos Alvito (2001), este por sua vez adota o conceito de Anthony Leeds: “loci de organização visivelmente distintos, caracterizados por coisas tais como um agregado de pessoas mais ou menos permanente ou um agregado de casas, geralmente incluindo e cercadas por espaços relativamente vazios, embora não necessariamente sem utilização.” (Leeds, citado por Alvito, 2001: 52)

Ao final deste pequeno percurso tive um *insight* que me demonstrou, com a máxima clareza, o quão profundas eram as preposições de Norbert Elias (2000) que a despeito de estudar (em campo) o bairro operário de *Winston Parva* no subúrbio londrino, estava na verdade desenvolvendo uma "teoria geral sobre o poder" como ele mesmo diz, "como que em miniatura, um tema humano universal". Ressalto a forma como as palavras de Elias sobre a "dominação dos melhores" ficaram nítidas para mim ao final deste meu percurso.

"Essa é a auto-imagem normal dos grupos que, em termos do seu diferencial de poder, são seguramente superiores a outros grupos interdependentes. Quer se trate de quadros sociais, como os senhores feudais em relação aos vilões, os "brancos" em relação aos "negros", os gentios em relação aos judeus, os protestantes em relação aos católicos e vice-versa, os homens em relação às mulheres (antigamente), os Estados nacionais grandes e poderosos em relação a seus homólogos pequenos e relativamente impotentes, quer, como no caso de *Winston Parva*, de uma povoação da classe trabalhadora, estabelecida desde longa data, em relação aos membros de uma nova povoação de trabalhadores em sua vizinhança, os grupos mais poderosos, na totalidade desses casos, vêem-se como pessoas "melhores", dotadas de uma espécie de carisma grupal, de uma virtude específica que é compartilhada por todos os seus membros e que falta aos outros. (Elias, 2000:19-20)

Na quadra seguinte ao "Shopping Milena", encontra-se o ginásio poliesportivo "Santa Rita", obra da prefeitura municipal de Curitiba e logo atrás deste ginásio, ainda na rua Enette Dubard, já rumando para o conjunto Monteiro Lobato, encontra-se o posto policial da 5ª Cia. da Polícia Militar, anexo a um praça no Conjunto Santa Rita. Nessa praça<sup>22</sup>, construída há menos de um ano, existe um cancha de areia de futebol e mais duas outras quadras de areia para prática do voleibol, um pequeno playground para crianças e uma pista cimentada para corridas de carrinhos de rolimã. A área da praça está equipada com postes de iluminação próprios para uso do logradouro à noite.

Tendo alcançado a Av. **Santa Rita de Cássia dos Impossíveis**, já na fronteira com os conjuntos Monteiro Lobato e Vila Evangélicos, dou por encerrado este percurso pelo

---

<sup>22</sup> Consultando uma funcionária da Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SMMA), responsável pelo setor de parques e praças, sobre o nome desta praça do Santa Rita e outra no Jardim da Ordem mencionada no texto do percurso (aquela que possui um pequeno bosque), obtive a informação oficial de que ambas não tem nome e que "surpreendentemente" os vereadores da Câmara Municipal que por lei dão nomes a estes logradouros, simplesmente não se interessam em "homenagear munícipes eméritos" em bairros periféricos como Tatuquara ou Sítio Cercado. Na lógica dos vereadores, dar um nome de uma pessoa que se pretende homenagear num bairro como o Tatuquara significa um **desprestígio** (um anti-estatus, uma ofensa ?)

O resultado desta rejeição explícita dos vereadores curitibanos em nomear tais logradouros (que em boa medida confirma o estigma em relação ao Tatuquara e aos bairros periféricos em geral), apesar do insistente oferecimento da prefeitura, é que as duas únicas praças do bairro permanecem SEM NOME há pelo menos dois anos.

Tatuquara pois todo meu trabalho de campo e o rede de relações construída com meus informantes se restringiu de Vila Terra Santa até os limites do Conjunto Santa Rita.

Considero particularmente importante neste percurso a distinção entre os diversos grupos de moradores que compõem o Tatuquara que elegi para estudar (Vila Terra Santa, Gralha Azul, Jardim da Ordem, Moradias Santa Rita) tendo o estigma como elemento central em suas inter-relações e auto-representações, seja o estigma que lhes é imputado “de fora”, da sociedade englobante em relação a eles, como visto no capítulo 1 nos artigos de jornais citados, tanto quanto na fala de alguns rappers, seja pelo estigma “interno”, que cada grupo local imputa ao outro e que opera como elemento de diferenciação social, territorial, cultural etc.

E finalmente chegando a Av. Santa Rita de Cássia dos Impossíveis, procuro o ponto de ônibus mais próximo e embarco no alimentador “Santa Rita” de volta ao terminal do Pinheirinho, de onde faço baldeação num “ônibus expresso” para o centro da cidade e quase uma hora mais tarde desembarco na “Estação Central” em frente ao Correio Velho, diante do portentoso prédio neo-clássico da Universidade Federal do Paraná na praça Santos Andrade, fim da viagem.

Sobreposto à geografia/morfologia física do Tatuquara, demonstrada neste percurso, procurei “mapear” os elementos que distinguem os diversos grupos de moradores ali existentes também pelo que cada grupo se define em relação aos outros, elegendo o estigma como “chave” significativa destas auto-imagens pelo que ele tem de comum a todas eles e que ao mesmo tempo os diferencia. No capítulo seguinte, procuro recuperar elementos para constituição de uma sócio-gênese desse estigma, procurando contextualizar a partir de dados históricos sobre o bairro, (num olhar diacrônico) o estigma de marginalidade que encontrei nas entrevistas e no trabalho de campo feitas mais recentemente (olhar sincrônico).

Como referido no início do capítulo, a seguir reproduzo algumas fotos que ilustram este meu percurso pelo Tatuquara.

Fotos

11, 12,

13, 14,

15, 16,

25, 26,

27, 28,

29, 30,

31, 32,

33, 34,

35, 36

e 37

## Cap. 3 - O ESTIGMA NO TATUQUARA SOB UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA E LUTA PELA CONQUISTA DA CIDADANIA

Não reclama, contra o temporal, de derrubou seu barracão.  
 Não reclama, agüenta a mão João, com o Sibide aconteceu coisa pior.  
 Não reclama, pois a chuva só levou a sua cama  
 Não reclama, agüenta a mão João, que amanhã você levanta um barracão muito melhor.  
 Com o Sibide coitado, não te contei ? Tinha muita coisa mais no barracão.  
 A enxurrada levou seus tamancos e um lampião, e um par de meias que era de muita estimação.  
 O Sibide tá que até dá dó na gente, anda por aí com uma mão atrás e outra na frente.  
 Não reclama, agüenta a mão João.  
 (Agüenta a mão João - Adoniram Barbosa)

### 3.1 O processo de urbanização do Tatuquara

Como contraponto às imagens síntese de Curitiba como “cidade de primeiro mundo”, registradas nos cartões postais e circuitos turísticos, pretendo agora adentrar numa “outra Curitiba”, onde o bairro Tatuquara representa em dada medida, o universo típico das periferias urbanas de todo o país.

O processo acelerado de urbanização e o grande adensamento populacional no Tatuquara é um fenômeno relativamente recente, que remonta à década de 1980. Para podermos visualizar um pouco melhor a intensidade das transformações ocorridas no Tatuquara, apresento a seguir, à guisa de comparação, uma descrição do "vilarejo" entre as décadas de 1930-40 como uma paisagem idílica, um cenário campestre (muito diferente do Tatuquara atual, descrito em meu percurso). O registro é do Sr. Apolo Taborda França, morador de Curitiba e antigo proprietário de chácara de lazer no bairro.

#### O Tatuquara

(...) Para nossa família não era diferente e nossa atração maior, na época era demandar ao vilarejo do Tatuquara, sentido sul, cerca de uns 20 km do centro da Capital. A população em seu conjunto era pequena com umas 600 pessoas distribuídas por toda cercania. Porém, havia muitas chácaras bastante aprazíveis, com seus bosques, jardins e pomares com frutas diversas. O povo do Tatuquara era laborioso, convidativo e simpático. Para seu sustento e economia, cuidava com desvelo, carinho e abnegação das fainas da pecuária (gados e

suínos) e da agricultura (milho, feijão, batata, abóbora, mandioca, etc., e parreiras, macieiras, laranjeiras, goiabeiras, e com as silvestres pitanga, araçá, amora e outras delícias do paladar). (França, 2000: 175)

Nesse contexto, a implantação da Cidade Industrial de Curitiba-CIC aparece na narrativa do Sr. França como elemento desagregador da paisagem idílica representada em suas memórias. O seu "desencanto" em relação ao Tatuquara atual transparece na idéia de que o progresso teria "contaminado" toda a região.

Mas voltando ao Tatuquara de antes; uma área afortunada, sóbria e por demais romântica, que depois, com a turbulência social ocasionada pela presença da CIC, ficou profanada em seus anseios maiores e em seus preceitos de paz, tranquilidade e de beleza sertaneja. Pois, que lá havia muito de pacas, tatus, cotias, nhambus, gralha azul e uma passarada sem conta. O Tatuquara era como que um sonho descritivo e virtual. (França, 2000: 176)

O Tatuquara de hoje é outra coisa, tem mais de uns 10 mil habitantes, de várias etnias, empresários e operários, de todas as cores e religiões. O Tatuquara perdeu aquele charme sertanejo que o identificava, com o cri-cri de grilos ao entardecer, as cigarras durante o estio, os pirilampos brilhando pelos campos, o continuado coaxar dos sapos nas poças após as chuvas ou olhos de água pela várzea; das noites enluaradas poetizando os terreiros; da alegre passarada ao clarear do dia, do canto do galo e do latido dos cães da vizinhança, ecoando pelo espaço afora; do melancólico mugir do gado nos currais... tudo isso desapareceu com a realidade do progresso que **contaminou** toda a região do Tatuquara. (França, 2000: 177, grifo meu)

Interessante que o Sr. França parece associar as virtudes do Tatuquara de antigamente não só com uma natureza ainda bem preservada (virtude edênica ?), mas, sobretudo, por um tipo de sociabilidade do tipo *face to face* seja com sua parentela extensiva, que ali também possuía terras, seja com os colonos vizinhos, gente da "terra", laboriosa, i.é., gente em que ainda se podia confiar.

O fatalismo da narrativa do Sr. França, é demonstrado pela noção de que o modo de vida interiorano, rural, ligado aos ciclos da natureza é necessariamente sobrepujado pela marcha "inexorável" do progresso.

Passemos a seguir a apresentar alguns dados do Tatuquara de hoje, que em dada medida esclarecem o desencantamento do Sr. Apolo França.

O Tatuquara é um dos bairros mais extensos de Curitiba com 1120,90 hectares<sup>23</sup>. Boa parte do seu território pertencia, desde finais do século XIX, à família Santana, que era proprietária de uma extensa área de terras na região. A esta dá-se o nome de "Campo de

<sup>23</sup> Esses números foram extraídos de basicamente duas fontes oficiais do município que utilizaram-se dos dados do censo do IBGE, são elas: Folhetim do Ippuc "Nosso bairro – Tatuquara" da Gestão do prefeito Maurício Fruet e "Bairro em Números Nº 74, 2000", também do Ippuc, sobre o Tatuquara e a regional Pinheirinho.

Santana". Relatos como o do Sr. França e outros moradores dão conta que até meados da década de 1960 a região do Tatuquara era essencialmente rural, constituída por pequenas chácaras onde os colonos transitavam com suas carroças puxando lenha ou levando produtos agropecuários para serem vendidos no centro da cidade ou na vizinhança.

Entre meados da década de 1960 até 1970, o bairro passa a ser alvo de loteamentos da prefeitura, implementados pela Cohab como solução para desafogar o déficit de moradias para a população de baixa renda (até 3,5 salários mínimos) decorrente da falta de investimentos federais para a questão da habitação e quase falência do Sistema Financeiro de Habitação e do BNH (Mori, 1995) já na década de 1980.

Para se ter uma idéia do vertiginoso processo de ocupação e urbanização do Tatuquara, basta mencionar que em 1980 existiam 3.705 habitantes no bairro, em meados da década de 1990 este número multiplicou seis vezes, saltando para 19.469 (coincidentemente o período de implantação dos primeiros conjuntos habitacionais, Cf. Mori, 1995 ; Cohab-Ct, 1994 e Ippuc, 1995 ), sendo que as últimas estimativas apontam cerca de 25.000 habitantes.

Situado a sudoeste da cidade de Curitiba, o Tatuquara<sup>24</sup> está localizado a 19 quilômetros do centro, entre o Pinheirinho, o Sítio Cercado, o Umbará, o Campo de Santana, a CIC e o município de Araucária.

Segundo boletim do IPPUC, o primeiro loteamento aprovado pela Prefeitura no local é de 18 de novembro de 1965. Durante a década de 70 a instalação do Ceasa – Central de Abastecimento de produtos agrícolas produzidos pelo cinturão verde de Curitiba, de cidades do interior e de outros estados prometia movimentar a economia do bairro e trazer desenvolvimento e trabalho.

Atualmente o Tatuquara integra as Vilas Pompéia, Santa Antônio, Moradias Palmeiras, Jardim da Ordem, Santa Rita e conjuntos mais recentes como o Moradias Evangélicas, Monteiro Lobato, além das ocupações extra-oficiais como a Vila Terra Santa, Gralha Azul, e Beira Rio, para citar apenas as principais.

Em publicação na Internet<sup>25</sup>, da Secretaria Municipal de Comunicação Social, que segue abaixo, o censo nacional realizado pelo IBGE em convênio com o Ippuc revela

---

<sup>24</sup> O historiador Ermelino de Leão registra a existência do Tatuquara em meados do século XIX:

"**Tatuquara** - (Buraco de Tatu) Bairro do distrito judiciário do Portão, município da capital. Figurou no registro de terras de 1854 com 14 pessoas. Tem escola pública criada pelo acto n. 113 de 1º de junho de 1895". (Leão, 1926:2283)

<sup>25</sup> Publicado no site da Prefeitura Municipal de Curitiba – [www.curitiba.pr.gov.br](http://www.curitiba.pr.gov.br) em 04/12/2001.

significativas mudanças no perfil dos bairros de Curitiba, sendo que o Tatuquara se destaca pelos seus altos índices de crescimento em relação ao restante da cidade.

#### **Censo mostra mudança de perfil em bairros tradicionais de Curitiba**

Curitiba está mudando. Continua crescendo, mas a taxas menores. O centro, que era o bairro mais populoso e com maior densidade na década de 70, já não ocupa a primeira posição.

Bairros tradicionais como Mercês, Alto da Glória e Alto da XV perderam população e bairros de ocupação mais recente cresceram acima da média da cidade. Exemplo deste processo é o bairro do Tatuquara, que cresceu em cinco anos quase dez vezes mais do que a média registrada em todo o município de Curitiba.

Estes dados fazem parte de um trabalho feito com base em informações do censo 2000 do IBGE e que foi divulgado nesta terça-feira, 04, pelo Ippuc. Ele é resultado de uma parceria entre os dois institutos que vem desde a década de 70 e permite que o crescimento de Curitiba seja monitorado pela Prefeitura.

#### **Crescimento**

De acordo com os dados divulgados pelo Ippuc, o bairro que mais cresceu no período 1996-2000 foi o Tatuquara. A taxa de crescimento ali alcançou 16,87% ao ano, o que significou quase 10 vezes mais do que a taxa média de crescimento da cidade, que ficou em 1,82 ao ano, no mesmo período.

(Prefeitura Municipal de Curitiba, 2001(a): 1 grifo meu)

Considero o trabalho de campo no Tatuquara uma contribuição importante, como trabalho acadêmico que pretende avaliar o modo de vida dos moradores de baixa renda num extenso bairro periférico de uma capital como Curitiba, sobretudo confrontando a veracidade e/ou grau de distanciamento entre o discurso oficial municipal/estadual sobre políticas públicas ali empreendidas e a realidade cotidiana na versão de um grupo de moradores bastante heterogêneo (jovens rapper's, presidentes de Associações de Moradores, grupos de mães etc.).

O leitor que se dê ao trabalho de voltar ao relato sobre meu percurso empreendido no bairro constatará que as disparidades de infra-estrutura, condições de moradia e cidadania entre localidades como Vila Terra Santa e Santa Rita, apesar da proximidade geográfica, são gritantes.

Constatações de campo e a convivência de dois anos com os moradores do Tatuquara permitem a relativização do discurso público municipal, que baseado nos índices e números produzidos em geral por órgãos oficiais se arvora competente para implantar políticas públicas que sustentam o slogan de Curitiba como “Capital Social” e/ou a mística de “cidade planejada”. Vejamos dois momentos na fala do presidente do Ippuc, Sr. Luiz

Hayakawa no texto da Secretaria de Comunicação Social da prefeitura, com relação a informações do censo do IBGE-2000, as quais supostamente são utilizadas para implementação de políticas públicas “planejadas” para a periferia de Curitiba:

Elas orientam as políticas públicas de saúde, educação, habitação, saneamento, transporte coletivo, atendimento à infância, porque sabemos para onde a cidade está crescendo e onde há demanda de novos equipamentos, explica Hayakawa. (Prefeitura Municipal de Curitiba, 2001(a): 1)

“O crescimento nestas duas regiões da cidade foi induzido e, por isso, era totalmente previsível”, diz Luiz Hayakawa, presidente do Ippuc. Segundo ele, o Tatuquara e o Sítio Cercado são, na prática, uma demonstração de que é possível conciliar aumento populacional e planejamento. “Em Curitiba, a política habitacional funciona como elemento indutor do crescimento de alguns bairros e, por isso, as intervenções são realizadas de forma ordenada”, explica. (Prefeitura Municipal de Curitiba, 2001 (b):1)

Minha estada "em campo" no Tatuquara serviu para balizar em que medida o discurso oficial condiz com a realidade dos moradores do bairro, assim como, de que forma, este grupo de moradores rejeita ou incorpora este discurso, ou seja, como tais visões "de fora" sobre o bairro se relacionam com as auto-imagens dos diferentes grupos que o compõem. O fato de residirem em um "bairro violento", -hiper-exposto pela mídia, bem como pelas estatísticas dos órgãos oficiais como Ippuc (PMC) ou Secretaria de Segurança Pública (Estado)- faz deste grupo de pessoas, ser portador de um estigma de marginalidade, de uma imagem negativa que imputada sobre o seu "território" recai sobre eles mesmos.

Investigar como essa população lida com essa questão é propósito fundamental deste trabalho.

### 3.2 Elementos para uma sócio-gênese do estigma no Tatuquara.

Ao buscar dados sobre o histórico da implantação dos conjuntos habitacionais no Tatuquara junto a COHAB-CT, o órgão responsável pela questão de habitação em Curitiba, consegui contatar a gerente dos programas de avaliação social do órgão, a Sra. Eudete Mori<sup>26</sup>, que gentilmente me forneceu relatórios (Cohab 1993: 3-16 e 1994: 11-12) e estudos preliminares à implantação dos Conjuntos Jardim da Ordem e Santa Rita.

Estes documentos foram imprescindíveis para compreender o processo de formação dos conjuntos, o perfil dos moradores e o tipo de política adotado pela Cohab ao implantá-los. Lendo essa documentação toda, pude compreender que o estigma imputado a meus informantes, era muito anterior à implantação dos conjuntos habitacionais e mesmo da ocupação das áreas como Vila Terra Santa e Gralha Azul. À maneira de um arqueólogo fui "escavando" camadas mais profundas sobre o histórico da urbanização no Tatuquara, tendo constatado que pelo menos metade dos moradores do bairro era proveniente de antigas relocalções de várias favelas e "áreas de risco" de toda Curitiba.

Lendo tais relatórios, apreende-se que os conjuntos Jardim da Ordem, Santa Rita, Moradias Paraná, Jardim Dom Bosco, teriam sido inicialmente concebidos pela Cohab como forma de amenizar dois problemas urbanos enfrentados pela gestão municipal durante toda a década de 1990:

- a) assentar o maior número de curitibanos inscritos na fila da Cohab com renda até 3,5 salários mínimos em busca da casa própria e
- b) realocar o maior número de famílias possível que vivia em favelas (Ferrovila, Xapinhã, Vila Concórdia etc.) e em "situação de risco", seja por morarem às margens de rios ou áreas propensas a alagamentos e/ou contraírem doenças por morarem em aterros sanitários (lixões) industriais com o da CIC, incluindo ainda os moradores favelados ao longo de avenidas e viadutos como o do Capanema.

O relatório da Cohab "Pesquisa avaliativa sobre a moradias da Ordem" de 1994, informa que o loteamento Jardim da Ordem foi constituído de 1401 lotes, sendo que 760 lotes (53,3 %) mais da metade destes foram destinados às famílias de diversas realocações já referidas e 607 lotes (43,3 %) foram destinados ao atendimento da fila da Cohab. Ou seja, o Conjunto Jardim da Ordem foi inicialmente composto com mais da metade de seus

<sup>26</sup> Me foi particularmente útil a monografia de D. Eudete Mori para especialização em Gestão Técnica do Meio Urbano -PUC/Pr, 1995 intitulada "Assentamentos Urbanos no município de Curitiba", especialmente os capítulos 3 e 4.

moradores advindos de favelas ou áreas de risco como lixões, portanto uma população excluída socialmente, tida como "marginal"<sup>27</sup>. Observemos o comentário de D. Eudete Mori, do setor de avaliação social da Cohab.

A implantação do Morádias da Ordem, em 1991, ocorreu com o objetivo de atender as 1269 famílias que na época ocupavam a Ferroviária. No entanto, destas, somente 250 concordaram em ser reassentadas no local. Assim, a área foi utilizada em sua maioria para atendimento de famílias advindas de ocupações irregulares pulverizadas na cidade, citando-se como exemplo parte da ocupação Xapinhal - Sítio Cercado, destinada à abertura da Avenida do Trabalhador onde foram relocadas 270 famílias.

Salienta-se que além de utilizado para reassentamentos, aproximadamente 700 lotes foram comercializados à famílias inscritas no Cadastro Permanente da Cohab-CT. (Mori, 1995:75)

A estigmatização dessa população em função de sua origem constituiu e ainda constitui, um sério problema para a Cohab, que precisava fazer com que os futuros mutuários inscritos regularmente na "fila" para casa própria, de baixa renda, mas sobretudo trabalhadores "estabelecidos" convivessem num mesmo espaço físico com seus vizinhos, *outsiders* (cf. Elias, 2000: p. 19) provenientes de diversas favelas de Curitiba.

O Jardim da Ordem, primeiro conjunto habitacional de grande escala populacional, "nasce" no Tatuquara sob o signo de um forte antagonismo, social, cultural e até de classe entre vizinhos que não escolheram partilhar aquele território. Mas a despeito desta convivência forçada, cada qual, trabalhadores pobres e favelados, carregava consigo sua cota pessoal de exclusão e estigma social. Vejamos alguns trechos da Avaliação da Cohab de 1994 que ilustram a situação.

"Do total de 189 mutuários atendidos pela fila da Cohab que ainda continuam no local, 73% declararam estarem satisfeitos com o lote por se tratar de um imóvel próprio e a única oportunidade de fugir do aluguel. Obteve-se ainda o índice de **14,8 % para os mutuários que estão os mutuários que estão insatisfeitos com a aquisição do lote, alegando como motivo a marginalidade, falta de segurança e infra-estrutura**, enquanto que 12,2% das respostas não foram especificadas, prejudicando em parte a análise da questão. (Cohab, 1994: 10, grifo meu)

Chama a atenção o fato dos quase 15 % de moradores da fila da Cohab indicarem como motivo de insatisfação justamente a marginalidade, a falta de segurança e infra-estrutura no Jardim da Ordem. Pela avaliação da Cohab dos 760 lotes inicialmente

<sup>27</sup> Como na letra da canção de Adoniram Barbosa que abre este capítulo, grande parte deste contingente de moradores foi transferido de "áreas de risco" em virtude de alagamentos causados pelas chuvas de 1995 onde esta população perdeu praticamente todos os seus pertences.

destinados às famílias realocadas, apenas 316 famílias continuavam morando no loteamento.

Em conversas com antigos moradores do Jardim da Ordem e Santa Rita pude compreender as causas para o alto índice de abandono dos lotes pelas famílias transferidas das favelas. Segundo D. Cleusa Capato (Moradias Santa Rita) e o Sr. João Meyer (Jardim da Ordem) poucos foram os moradores que conseguiram arcar com as despesas com as prestações do terreno junto à Cohab-CT e ainda assumir os gastos com a construção da casa, fosse através de financiamentos particulares ou por sistema de auto-construção; mesmo para o grupo proveniente da "cadastro permanente da Cohab", em sua maioria formados por trabalhadores com algum tipo de trabalho regular, com renda média de 3,5 salários mínimos, o começo até construírem suas casas foi muito difícil.

Para melhor avaliarmos o "cadinho de excluídos" que compôs boa parte dos primeiros moradores do Conjunto Jardim da Ordem, reproduzo um quadro avaliativo da Cohab (1994) demonstrando a origem e quantidade de famílias faveladas transferidas.

ESPECIFICAÇÃO	Nº	%
Ferrovila	75	23,8
Xapinhal	137	43,5
Lixão (Vila Concórdia-CIC)	50	15,9
Parolin	16	5,1
Viaduto Rod. do Café	13	4,1
Vila São Carlos	1	0,3
Av. do Canal	1	0,3
N. Sra. da Luz	3	0,9
Viaduto do Capanema	4	1,3
Vila Acordes	2	0,6
Paulo Setubal	5	1,5
Vila Verde	1	0,3
Viaduto da Vila Hauer	3	0,9
Outros	5	1,5
<b>Total</b>	<b>316</b>	<b>100,0</b>

O estudo monográfico de Eudete Mori (1995), técnica da Cohab, citada anteriormente, revela um ponto importante para tentarmos recompor o processo de formação do estigma no Tatuquara. Suas observações mencionam o estigma que as populações transferidas das áreas do "Lixão da CIC", Xapinhal e Ferrovila, já sofriam muito antes de virem para o Tatuquara.

Quanto às demais [referindo-se às famílias que se recusaram mudar-se para o Tatuquara] passaram a compor um cenário triste e desolador de manobra política, alvo de críticas e revoltas de significativa parcela da população em geral, principalmente da residente na circunvizinhança.

Sempre ocorreram e têm ocorrido manifestações de protesto, por parte dos proprietários comerciantes e industriários do entorno. As alegações principais são referentes aos tributos a que estão sujeitos e perda de valor imobiliário de suas propriedades. Motivos estes, da não concordância com a permanência das famílias da Ferrovila, principalmente no trecho entre a Marechal Floriano Peixoto e Avenida República Argentina. (Mori, 1995:70)

Se por um lado sustento a hipótese de que a transferência para o Tatuquara de um significativo contingente de moradores de diversas favelas de Curitiba teria operado como um forte elemento aglutinador de atributos negativos ( literalmente **estigma** no sentido empregado por E. Goffman, 1982: p. 12) por outro lado devo render-me ao exame da história recente do bairro que atesta, já em finais da década de 70, conflitos entre moradores pobres expulsos pela truculência de imobiliárias pela posse de terrenos no bairro.

Neste sentido, o problema do estigma, umbilicalmente ligado à exclusão social atávica em nosso país, estaria muito mais voltada à lógica da reprodução do capital, de uma maneira mais ampla que a uma simples realocação da população favelada de um bairro para outro. Aliás, a lógica que rege tais ações públicas em relação à população de baixa renda, atende em última instância, à dinâmica da reprodução deste mesmo capital.

Na verdade, a construção da cidade, de suas avenidas, de seus becos, de suas periferias e de suas favelas não vem do acaso. Está subordinada ao processo de acumulação e reprodução do capital.

Nas cidades, o crescimento da economia exige o crescimento e a concentração da força de trabalho, que por sua vez exige espaço para morar. Mas nem sempre a extensão das cidades para áreas mais longínquas representa atenção a essa necessidade.

Aparentemente, não se verifica lógica num crescimento para tão longe deixando vazios no caminho. Os mecanismos de mercado que acompanham a apropriação do espaço urbano são os principais geradores dessa situação. Criam áreas reservadas à especulação e induzem o crescimento para além dos vazios.

Como há uma estreita relação entre investimentos públicos e valorização imobiliária, vive-se ainda o paradoxo de que o próprio Estado viabiliza a sobrevivência das imperfeições no funcionamento do mercado imobiliário, favorecendo a especulação e, por sua vez, a periferização.

A expansão indiscriminada das periferias cria déficits, carência, indicadores sociais de miséria urbana, violência, e a ilusão da irreversibilidade. (Moura; Ultramari, 1994:50)

A transferência dessa população para dentro dos conjuntos habitacionais não explica por si só a "origem" do estigma de "bairro violento", "reduto de marginais" de que se ressentem os moradores do Tatuquara. Entretanto, no imaginário de antigos moradores do Jardim da Ordem, é significativo o registro de que o "bairro" nos à época da implantação dos primeiros conjuntos habitacionais, é descrito como um cenário de miséria, criminalidade, anomia, abandono dos órgãos públicos, local de assassinatos e bandidagem. Com o passar do tempo, porém, esse "pessoal marginal" foi abandonando o Jardim da Ordem e o bairro foi "evoluindo".

Em três momentos da fala do Sr. João Mayer, antigo morador do Jardim da Ordem, se pode apreender como eram os tempos do convívio com a "população marginal" e o quanto o bairro teria "evoluído", superado seu passado "marginal". Segundo ele, "o povo foi se reciclando", tendo "expulso" os moradores "indesejáveis". Ou seja, na ótica do Sr. Meyer, o bairro teria se "civilizado" com a vinda das outras vilas e da infra-estrutura urbana como asfalto, transporte, postos de saúde etc.

João Mayer - Há uns cinco anos atrás [1995] eu por exemplo morava no Sítio Cercado, então tinha comércio por aqui [no Tatuquara] aonde eu fazia entrega de pão, era padeiro, e as madrugadas (porque eu vinha aqui de madrugada), e nessas madrugadas eu cansei, não foi nem uma, nem duas, nem três, nem quatro, nem cinco vezes de eu encontrar polícia com o carro lotado de bandido morto.

Ozanam Souza - Mortos mesmo !?

J.M. - Mortos mesmo. Porque eles enfrentavam a polícia sabe, e no tiroteio a polícia saía levando vantagem; então eles eram "transportados". A gente encontrava eles por aí... aqui não tinha ainda o asfalto naquela época [1995], era tudo de chão batido as ruas.

O.S. - Isso em 1995 mais ou menos ?

J.M. - É por aí, isso mesmo, 1994 -1995. O Jardim da Ordem foi essa época que ele nasceu aqui. Então era uma época muito difícil. E aquele povo convivia no meio dos marginais viu, só que daí com o decorrer da época, o tempo foi se passando, se passando, foram mudando as coisas, um pouco mais de conscientização, um pouco mais de trabalho da polícia também, e também a civilização passou a atingir mais acentuadamente o local aqui.

O.S. - O que o Sr. acha que foi o mais importante que mudou ?

J.M. - O mais importante que mudou foram as vilas novas que apareceram e também a melhoria do povo também que foram se reciclando aqui. Aqueles que não queriam nada com a sociedade foram se afastando, então foi modelando aqui o convívio do pessoal.

O.S. - E quem eram essas pessoas que foram embora daqui ?

J.M. - Eram aquelas pessoas que vieram aqui e que não queriam nada com a sociedade; não queriam mudanças de vida. Queriam levar aquela vida do submundo do crime. Então conforme o local foi crescendo aqui, então não foi dando mais o espaço para esse tipo de gente. Então foi se fazendo a reciclagem, foi acontecendo paulatinamente como a gente vê é hoje. (Mayer, 2000: 13-14)

Quando comento com o Sr. Meyer sobre a ocupação Beira Rio que fica praticamente em frente a sua casa, do outro lado da avenida principal que dá acesso ao Jardim da Ordem, ele sempre se refere ao "pessoal da Beira Rio" indicando um distintivo sinal de status entre **ele** (sobretudo quanto exalta suas qualidades de liderança no bairro em função de seus trabalhos de catequizador na igreja católica local ao pesquisador de "fora" que o entrevista) um "estabelecido" morador do Jardim da Ordem e o "**pessoal da invasão**" (aqueles "outros", distanciados em seu discurso por uma marcada distinção verticalizada tanto social, moral e cultural).

### **3.3 UMA DEFESA. Moradores do Tatuquara vêm a público provar que não são marginais.**

Aqui pretendo abordar o tema do Estigma no bairro Tatuquara tomando como ponto de partida, uma coletânea de depoimentos de moradores para o jornal "O Correio de Notícias" no início da década de 1980. O artigo intitulado "UMA DEFESA" expõe em destaque, vinte e quatro depoimentos de moradores do bairro em conflito aberto com o dono da Imobiliária Minas Paraná, onde este empresário ameaçava expulsar à força os moradores que supostamente teriam invadido terras no Tatuquara que ele alegava ser de sua propriedade. A reportagem e os depoimentos em questão evidenciam a situação de confronto e violência a que os moradores estavam expostos.

Considero o evento paradigmático para se entender como opera o estigma de marginalidade a que esses moradores foram sujeitos, bem como suas as formas de luta para reverter tal imagem. Os depoimentos dos moradores são reveladores das concepções/valores como honra e vergonha, papéis sexuais, coletividade, comunidade e, principalmente, reafirmando práticas de construção de cidadania.

Observemos alguns depoimentos contidos na reportagem que, ao longo do texto, nos ajudam a esclarecer a natureza do conflito:

#### **Uma Defesa**

Representantes de oitenta famílias de Tatuquara, munidos de Carteira Profissional e Certidão de Casamento, protestaram sábado pela manhã contra as acusações do empresário Denísio Belotti. O dono da Imobiliária Minas Paraná, para justificar a intransigência dos moradores em não deixar o local que ele requer na justiça, alegou que as mulheres são prostitutas e que sustentam seus maridos com alimentos roubados na Central de Abastecimento, que fica ao lado da vila. Perfilados, fizeram questão de dar suas declarações individualmente. Vinte e seis depoimentos negam a alegada "vagabundagem" e desmentem as imputações contra Maria dos Prazeres de Oliveira, presidente da associação de moradores. (Correio de Notícias, 1980)

Façamos uma primeira reflexão. O que chamou-me a atenção nesta defesa, dos moradores do Tatuquara é que a despeito de atacar a reputação da Presidente da Associação de Moradores (instituição formal que congrega a comunidade, portanto da esfera pública) acusando-a no plano privado, de agenciar suas filhas que seriam prostitutas e por recolher

restos de alimentos da CEASA para alimentar seus maridos. O núcleo das acusações do dono da Imobiliária Minas Paraná, Sr. Belotti, refere-se justamente à reputação pessoal (âmbito da esfera privada) de uma pessoa pública em Vila Pompéia como D. Maria.

Ao atacar publicamente a reputação da líder local, D. Maria dos Prazeres, o Sr. Belotti, - que representava um poderoso braço do capital privado que é o ramo imobiliário - estava por sua vez acusando, ofendendo a moral e a integridade de toda a comunidade de Vila Pompéia. Daí a necessidade de exposição (defesa) coletiva e pública das carteiras de trabalho, das certidões de casamento e nascimento.

Os moradores se viram obrigados a refutar a imagem de marginalidade que lhes estava sendo imputada sobretudo, comprovaram publicamente que a) não eram vagabundos e b) possuíam famílias estáveis e estruturadas segundo códigos institucionalizados (simbolizado nos documentos) que os insere ritualisticamente numa coletividade moral e estruturada. Vejamos alguns desses depoimentos:

8 - Vitor Fornigam é militar aposentado, aguardando a reforma. Está desde 1971 no local, e apesar de ter pago duas vezes pelo lote, está na lista dos ameaçados de despejo. As acusações: "injustiças contra pessoas pobres, trabalhadoras e honestas. Se estão chamando as filhas de dona Maria de prostitutas, eu juro que nunca vi nada. São moças sérias."

10- Rita Lemos de Almeida, 50 anos trabalha como diarista. Vive da aposentadoria do marido falecido, e há sete anos reside no Tatuquara. "Aqui todo mundo cumpre seus compromissos. Ele não tem prova do que fala e quer calcar todo mundo de uma vez só. Mentiu".

17- Dauria Terezinha da Silva é doméstica seu marido é encanador em São Paulo. Ela mora com a mãe, dona Aquilina da Silva, que ainda trabalha como empregada. "Nunca juntei lixo, mas fui ameaçada e estas acusações são erradas. Isto é uma grande sujeira com a gente".

24- Quando estava construindo a igreja do padre Tranuilo, o carpinteiro João Baptista Evangelista recebeu a visita de Merlin. "Ele chegou com um revólver e disse: isto é pra acertar o povo do Tatuquara". João sabe que a qualquer momento será despejado do lote que comprou há sete anos no bairro requerido por Belotti.

É interessante observar que as acusações de prostituição às mulheres do bairro e de vagabundagem aos homens, que seriam sustentados por suas mulheres, fere a "alma" daquelas famílias, que têm na figura do marido, do pai provedor (onde naquele universo social por si só, constitui uma "reserva moral"), um dos pilares centrais na estrutura do lar,

numa cultura pautada pela honra e vergonha como menciona Alvito (2001) em seu estudo sobre a favela de Acari.

E cumpre assinalar que há pelo menos um tabu zelosamente respeitado nessas trocas de golpes verbais. Trata-se do verdadeiro cerne da honra masculina numa cultura da honra e da vergonha: o comportamento das mulheres da casa. Jamais falam em suas mulheres de forma explícita nem as nomeiam. No máximo, ouvem-se referências vagas e padronizadas à "dona encrenca". E nunca, independentemente do grau de amizade entre dois homens, elaboram-se chistes relacionados ao adultério. (Alvito, 2001:66-67)

Prosseguindo nossa análise sobre o evento de "Uma Defesa" recorro ao instigante estudo de Mariza Peirano (1983) e suas reflexões sobre cidadania no Brasil onde investiga de que maneira determinados grupos sociais (urbanos e rurais) concebem, a partir do significado dado a determinados documentos como carteira de trabalho e título de eleitor. No caso da Carteira Profissional, Peirano sustenta que este documento teria se tornado uma espécie de "certidão de nascimento cívico" para o Brasil a partir dos anos 30 pelas intervenções Getulistas relativas à institucionalização das profissões e direitos trabalhistas.

A cidadania no Brasil foi "regulada" pelo Estado, imposta pela inclusão na legislação de novas profissões e/ou ocupações, e pela ampliação dos direitos associados a estas profissões. Passaram, assim, ao status de cidadão todos aqueles que tinham sua profissão reconhecida por lei, conseqüentemente sendo considerados pré-cidadãos todos os trabalhadores urbanos não regulamentados e todos os trabalhadores da área rural. (Peirano, 1983: 52)

O episódio descrito no artigo "Uma defesa" me parece revelador de uma característica dos movimentos sociais de cunho comunitário<sup>28</sup> assumida sobretudo nos anos 80 (cf. Durham, 1984) que tendem a valorizar a participação de "todos" e não apenas as lideranças formalizadas como os presidentes de associações, sindicatos ou partidos políticos. Este contexto de participação comunitária, onde os participantes "devem" falar, opinar e tomar decisões, indica a constituição de um processo relativamente "novo" de representação coletiva e/ou constituição de pessoas na esfera pública pelo intermédio de um reconhecimento mútuo que opera internamente aos grupos e em sua prática comunitária.

Nestes termos os depoimentos dos moradores do Tatuquara vistos em "Uma defesa" não apenas pretendiam defender a reputação pública de D. Maria, a presidente da

<sup>28</sup> Segundo Eunice Durham (1984: p.27) esse modelo de movimentos sociais se encontra em expansão desde o início da década de 80 e procura evitar a institucionalização de representação exigindo a participação coletiva tanto nos processos de tomada de decisão quanto na execução de suas manifestações. Para Durham as CEB's (Comunidades Eclesiais de Base) são o exemplo típico deste modelo de movimentos sociais "comunitários".

associação de moradores, mas a reputação da "comunidade" como um todo. Vejamos mais alguns depoimentos: Note-se, nos discursos, o reforço de categorias como, "trabalhador", "família tradicional estruturada", honestidade e caráter.

3- Júlia da Silva representou seu marido Pedro da Silva que é armador de construção e trabalha atualmente na Ceasa. "Nunca catamos lixo, vivemos do suor dele", disse Júlia. Está na lista dos despejados, mesmo ocupando uma casa há 8 anos, comprada de um homem que não conhecem.

23- "Ninguém cata nada na Ceasa", disse a viúva Sofia Tazda Estêvão, diarista e moradora há onze anos em Tatuquara. "É injustiça dizerem isto da gente, que vive na maior honestidade. Eles precisam ter cuidado com o que falam. Todo mundo vai pensar que a gente é ladrão". Ela deverá deixar o lote.

Por ocasião de algumas visitas ao Conjunto Santa Rita, onde mora D. Cleusa Capato, Presidente da AST (Associação S.O.S. Tatuquara) pude presenciar (e registrar em vídeo) o seu trabalho de distribuição de comida aos moradores carentes do bairro dentro do programa de "refeição solidária" implementado pela PMC. Ela relatou em tom quase confessional, que se trata de assunto muito delicado: a ausência de homens na fila para apanhar refeições reflete a vergonha que estes sentiriam se viessem apanhar comida por estarem desempregados e portanto não corresponderem à figura de "provedores" de suas famílias.

Entendi que isto corresponderia quase a um "ritual de execração pública" e um "atentado simbólico" à honra masculina e seu papel social no interior da família e de seu grupo social. Portanto, na fila da "refeição solidária" prioritariamente se viam mulheres, crianças ou raramente homens idosos (portanto não produtivos). A partir de tais exemplos se depreende a importância que a Carteira Profissional assinada, da condição de "estar fichado" no dizer dos homens locais possui para o status masculino e sua inserção no meio social comunitário. Um exemplo de como a condição de desemprego pode afetar o estado psicológico de um indivíduo e sua rede de relações comunitárias, foi citado por Goffman (1982) sobre trabalhadores alemães desempregados no período de grande depressão na década de 1930.

"Como é duro e humilhante carregar a fama de um homem desempregado! Quando saio, baixo os olhos porque me sinto totalmente inferior. Quando ando na rua, parece-me que não posso ser comparado a um cidadão comum, que todo mundo está me apontando. Instintivamente evito encontrar qualquer pessoa. Conhecidos e amigos antigos de melhores

épocas não são mais tão cordiais. Quando nos encontramos, eles me saúdam com indiferença. Não me oferecem mais cigarros e seus olhos parecem dizer 'Você não tem valor, você não trabalha.' (Goffman, 1982: 26)

Na página seguinte é possível apreciar com mais detalhes os 24 depoimentos, inclusive com fotos dos moradores exibindo suas carteiras profissionais e seus registros de casamento e nascimento dos filhos. Chamo a atenção para o detalhe que raramente na mídia as manifestações populares apresentam o rosto de seus personagens, os individualiza, personaliza, em meio aos movimentos sociais como ocorreu nesta Uma Defesa.

[reprodução do artigo “Uma Defesa”- Correio de Notícias, 25/03/1980 – Acervo Centro de Documentação Casa da Memória – Pastas de Arquivo Histórico (PAHI), título: “Tatuquara”]

### **3.4 Cidadania, eu quero uma pra viver.**

"A gente quer pagar.  
Não queremos nada de graça.  
Queremos uma vida decente."

(D. Rosalina Siqueira, Presidente da Associação de Moradores Terra Santa)

Na tarde do dia 3 de setembro de 2000, um grupo de moradores da Vila Terra Santa invadiu a BR-116 por meia hora para "chamar a atenção das autoridades" para a situação de extrema carência de seus moradores a falta de segurança e condição de vida. O estopim da manifestação foi a morte de um morador eletrocutado quando tentava religar a luz de sua casa que teria sido cortada pela Copel<sup>29</sup>. A manifestação também salientava a falta de segurança em Terra Santa onde a polícia alegava não poder "entrar" no local devido a falta de vias públicas que lhes dessem acesso. O "isolamento" de Terra Santa também é ressaltado nas palavras de D. Rosalina Siqueira que reclama a seu modo, cru e direto, a falta de condições de saúde e impossibilidade de transporte em casos emergência. Diz ela: "Cansei de enterrar defunto".

Eventos como esse que fechou a BR-116 ou como me contou certa vez D. Cleusa Capato (AST) sobre outra manifestação ocorrida no mesmo ano, que obstruiu com barricadas de pneus em chamas as entradas do Tatuquara, mobilizando a população dos conjuntos habitacionais, - em protesto contra a morte de um rapaz que trabalhava em um pequeno mercado em virtude de um assalto - nos fazem pensar no sentido que tais mobilizações públicas assumem enquanto exercício coletivo de construção de cidadania.

Algumas pistas nesse sentido são fornecidas pelo estudo de Eunice Durham (1984) que propõe novas perspectivas de se pensar os Movimentos Sociais ao longo das duas últimas décadas. Para Durham a dificuldade que militantes políticos e estudiosos dos movimentos sociais enfrentaram para interpretar os movimentos sociais dentro de uma perspectiva marxista de análise, se fundamenta em dois pontos principais: 1) pela base de classe de tais movimentos que aglutinam segmentos muito heterogêneos da população, portanto não se pode dizer que se trate exclusivamente da categoria "proletariado" e 2) pelo fato de constituírem como formas de mobilização gestadas fora do espaço dos partidos políticos e sindicatos. Como Durham nos sugere, a forma de articulação desses movimentos sociais da década de 80/90 ocorre em função de uma ou de várias reivindicações coletivas eleitas a partir de carências comuns que podem variar desde demandas de infra-estrutura urbana mais fundamental como esgoto, água encanada, asfalto, transporte coletivo, creches,

---

<sup>29</sup> Boa parte de ligações de eletricidade nas ocupações Vila Terra Santa e Gralha Azul são clandestinas, "puxadas" direto de postes da Copel das proximidades, chamadas de "gatos" entre os moradores. Interessante destacar que a palavra "gato" no universo policial remete ao delito do furto.

segurança etc., até contra preconceitos ou tratamento discriminatório no âmbito das relações sociais e das minorias como negros, mulheres e/ou homossexuais.

Ao que nos indica o trabalho de Durham (1984) nas duas últimas décadas houve a emergência de modelos de mobilização popular nos contextos urbanos do país, denominados de "comunitários". Tais movimentos, segundo Durham, seriam refratários à institucionalização de representação aos moldes das esferas formais como as Associações de Moradores por exemplo e, ao contrário desta última, exigiriam a participação de todos os membros, tanto na processo de tomada de decisões quanto na execução das manifestações propriamente ditas. Seguindo o raciocínio de Durham, a partir destas formas de mobilização popular no contextos dos grandes centros urbanos do país, os diferentes grupos envolvidos estariam exercitando a construção de uma igualdade formulada a partir de carências coletivas.

Os movimentos sociais se constituem portanto, como um lugar privilegiado onde a noção abstrata da igualdade pode ser referida a uma experiência concreta de vida. A igualdade constitui-se, desta forma, como representação plena, concretizada na comunidade.

Essa vivência da comunidade, isto é, da coletividade de iguais criada pela ação conjunta de todos, se dá numa dimensão própria que implica uma novidade muito importante: o reconhecimento da pessoa num plano público e não privado. (Durham, 1984:28)

Tal visão sobre uma nova dinâmica na formação e formulação de reivindicações pelos movimentos sociais, nos ajuda a compreender a visibilidade e o ordenamento de certas práticas adotadas em eventos de revolta popular como pude acompanhar no Tatuquara, seja nos depoimentos e exibição pública dos moradores vistos em "Uma defesa", seja na montagem de barricadas de pneus e madeira onde se atea fogo em protesto pela morte de um membro da "comunidade" por atropelamento, assalto ou outro motivo que o grupo entenda que represente um "corte", uma ruptura do "equilíbrio instável" com a esfera pública. Vejamos a seguir, a manifestação dos moradores de Vila Terra Santa que fecharam a BR-116, referida anteriormente.

[Protesto dos Moradores do Tatuquara- Artigo Gazeta do Povo, 04/09/2000, p. 04]



### 3.5 O que os "tumultos urbanos" e "quebra-quebras" querem nos dizer ?

Ainda com intenção de promover uma interpretação dos movimentos sociais empreendidos no Tatuquara, sobretudo os eventos de protestos que indicavam uma possibilidade de confronto direto com a polícia e o aparato do Estado, como os vistos em "Uma defesa" ou quando do fechamento das BR's 116 e 476 no Tatuquara, recorro as contribuições de Roberto Da Matta (1993) quanto este aborda os "discursos da violência no Brasil". Para Da Matta algumas modalidades de manifestação pública como o reparo e reconhecimento social (como vimos mais explicitamente em "uma defesa"), protesto, quebra-quebras, são na verdade tentativas de juntar pela intervenção mais direta o plano das leis universais que sugerem a noção de igualdade (na esfera pública) do mundo da Rua com a moralidade particularista e hierárquica (esfera privada) que rege o universo da Casa. Em diversos trabalhos Da Matta têm reiterado que um dos grandes dilemas brasileiros é justamente a oscilação entre um código e outro. O comentário de Da Matta a seguir, coloca em perspectiva a prática "ritualística" de reparo moral que vimos no episódio de "Uma defesa". Diz ele:

O apelo a ambos os sistemas que, mesmo quando as pessoas são flagrantemente desiguais em termos políticos e econômicos, têm sempre direito a uma reparação moral. Neste contexto, a vingança, o quebra-quebra e o "sabe com quem está falando ?" podem ser interpretados como recursos a essa justiça que se faz com as próprias mãos. (Da Matta, 1993:187)

Nestes termos, as práticas dos quebra-quebras, dos "tumultos urbanos" e da própria vingança, segundo Da Mata, operariam como "reparos", como "remédios" extremos contra as injustiças, com a nítida intenção de fazer com que os "representantes do poder", as instâncias que exercem o controle sobre o sistema legal e a burocracia jurídica e policial "sofram uma idéia justiça moral da qual ninguém deve escapar". "Com isso, a sociedade sincroniza a idéia de "justiça" com a moralidade pessoal e com o conceito de "justiça divina", processo englobador de todas as formas de reparo social entre homens. (Da Matta, 193:188)

Os movimentos sociais que se expressam na forma de "tumultos urbanos", segundo Da Matta, têm três características fundamentais: 1) (...) são ações deflagradas contra o Estado e a propriedade pública. 2) (...) diz respeito a ações coletivas que objetivam

reconhecimento social e político a qualquer preço, o que para nós é um sintoma tácito de que o segmento, grupo ou categoria social estava sofrendo algum abuso por parte de alguma autoridade. e 3) mostra que tais ações não têm limites ou mediações, sendo deflagradas no intuito de "resolver" uma situação a qualquer preço.

Trazendo o conteúdo destas contribuições ao contexto do Tatuquara, gostaria de citar dois eventos ocorridos no bairro, durante minha estada em campo, caracterizados como "tumultos urbanos" e que sinalizam formas extremadas de reconhecimento social e político na forma do protesto mais virulento e/ou como busca de um reparo e justiça para manutenção da própria sobrevivência de seus familiares.

Vejamos a seguir, trecho sobre protestos envolvendo a população da ocupação Gralha Azul e que em boa medida reeditam a situação de carência dos moradores visto em "uma defesa", numa versão ainda mais crítica, duas décadas depois.

**Sem teto fecham a Rodovia do Xisto por uma hora.**

Invasores cobram posição da Cohab e ameaçam bloquear a BR-116

Os manifestantes reclamavam ontem das más condições dos barracos, da falta de emprego e comida, além da ameaça de despejo. Para o ex-agricultor José Carlos de Carvalho, participar da invasão foi a solução encontrada para o despejo da família por não conseguir pagar aluguel de R\$ 150,00 no Tatuquara. "Tenho dois filhos, estou desempregado e sem comida." (Gazeta do Povo, 10 jan 2001)

O outro evento me foi relatado numa entrevista com D. Cleusa Capato, presidente da AST do conjunto Moradias Santa Rita e parece sintetizar aquilo que Da Matta chama como "modo heterodoxo de ajustar o sistema" engendrado nos "tumultos urbanos". O evento ocorreu como protesto dos moradores que fecharam as entradas do bairro com barricadas, queimando pneus em virtude da morte de um rapaz, funcionário de um supermercado da região num assalto.

Chama a atenção na fala de D. Capato a sugestão de uma "restauração" da paz e da ordem logo após os protestos. Entretanto, como ela mesma diz, como a violência parecia estar voltando, haveria a necessidade de novas manifestações.

Inês Tavares. - Trabalhador morreu um nosso.

Capato - Trabalhador que a gente perdeu mesmo na verdade, foi o Cearazinho.

I. Foi um assalto de surpresa no supermercado.

C. Foi um assalto no supermercado, mas não era pessoa da Vila,

I. Eram ex-presidiários que vieram de fora, eram fugitivos da Colônia Penal Agrícola e fizeram um assalto aqui no nosso supermercado e foi onde mataram um rapaz funcionário do supermercado.

M. Daí a gente fez um protesto. Fizemos um protesto, chamamos as autoridades e tal... acalmou, ficou calmo uns tempos, mas já tá voltando. Então a gente já tá pensando em fazer isso novamente, porque se for preciso nós vamos agilizar outro...

O. Como foi o protesto, foi aqui ?

I. Fechamos as entradas do Santa Rita, fechamos a BR [BR-116?] do bairro, a entrada da BR, fechamos da Pompéia, no Jardim da Ordem, fechamos tudo durante um período de 3 horas não passou ninguém. Chamamos televisão, jornal, então foi feito um reboliço sabe. Acalmou, foi bom e a gente tá pensando em agilizar novamente alguma coisa parecida. (Capato, 1999: 6)

## **Cap. 4 - O ESTIGMA NAS VISÕES DE GOFFMAN, ELIAS E WACQUANT. Novas abordagens para um velho problema.**

Todo torto tem direito!

(grafite de Paulo Leminski em muro de Curitiba na década de 1980)

Um quarto mundo dentro de um terceiro.../  
enquanto a impunidade fala mais alto/ o sangue lá  
do morro escorre pelo asfalto/ e como disse, me  
espelho na realidade/ e penduro meu capuz senão  
for verdade/ pense duas vezes antes de vir pra cá/  
me sinto na obrigação de te alertar/ bem vindo a  
São Paulo/ bem vindo ao Rio/ não tente viver um  
dia no vietnam do Brasil.

(**Vietnã**, Pavilhão 9 - citado por Guasco, 2000:179)

A idéia principal deste capítulo é reunir a contribuição de Erving Goffmann, Norbert Elias e Lóic Wacquant, reconhecidos nas Ciências Sociais por suas contribuições ao estudo da questão do estigma, (mento) sentido de verificar em que medida conceitos elaborados por estes autores podem contribuir para o estudo da realidade dos moradores do Tatuquara e, quando for o caso, quais seriam as adaptações necessárias para seu uso.

### **4. 1 O estigma em Erving Goffman e a manipulação de uma identidade deteriorada**

Goffman (1982) inicia seu estudo sobre o estigma com uma referência aos gregos, que teriam criado o termo estigma referindo-se a sinais corporais por meio dos quais se pretendia explicitar algum atributo negativo sobre o status moral do indivíduo que o portasse. Estes sinais eram literalmente "impressos" no corpo do indivíduo, geralmente por meio de incisões que deixavam cicatrizes ou fogo, servindo para avisar as pessoas que o indivíduo portador destes sinais era um escravo, um criminoso ou traidor. Tal pessoa, assumia então, um status negativo, por ser tratar de pessoa marcada, ritualmente poluída, que deveria ser evitada. Essa pessoa era indesejada no convívio social, sobretudo nos espaços públicos. Nas tragédias gregas essa "mancha" era associada aos assassinatos mais

cruéis e o estigmatizado era geralmente penalizado com o banimento, sofria a pena do ostracismo. A "mancha" não apenas execrava o "marcado" do convívio social, mas também desgraçava seus descendentes. Sob um certo aspecto, o estigma é o fio condutor da tragédia Rei Édipo de Sófocles (Lévi-Strauss provavelmente apontaria o tabu do incesto), entretanto a ordem do oráculo de Delfos a Creonte é elucidatória: "ordenou-nos o poderoso Febo, com clareza, que expulsássemos a mancha [estigma] desta terra, pois aqui neste solo ela se criou".<sup>30</sup> Interessante que desde os gregos antigos, a palavra miasma, associada ao estigma, significava mancha, podendo designar desde a "sujeira" física que poderia ser removida com água (ritualmente como no batismo cristão) até as "manchas metafísicas", aquelas que poderiam desgraçar uma clã, uma tribo e até seus descendentes.<sup>31</sup>

Goffman (1982) destaca que atualmente o termo estigma é empregado de maneira muito semelhante ao sentido original da antiguidade, entretanto remete-se mais ao sentido da desgraça atribuída do que às marcas corporais. Em **Estigma, notas sobre uma identidade deteriorada**, Goffman não deixa explícito um conceito formal de estigma, apenas faz referências aqui e acolá. No que diz respeito às preocupações deste trabalho, encontramos uma elaboração do conceito de estigma, logo em suas "noções preliminares" e que chama a atenção para a questão da construção de identidade.

Assim, as exigências que fazemos poderiam ser mais adequadamente denominadas de demandas feitas "efetivamente", e o caráter que imputamos ao indivíduo poderia ser encarado mais como uma imputação feita por um retrospecto em potencial - uma caracterização "efetiva", uma **identidade social virtual**. A categoria e os atributos que ele, na realidade, prova possuir, serão chamados de sua **identidade social real**. (Goffman, 1982, 12)

No trecho que segue, Goffman prossegue sua definição de estigma usando como exemplo um indivíduo hipotético, que não corresponde a determinadas expectativas sociais/culturais. O estigma neste caso ocorre, como resultado de uma discrepância entre uma identidade social virtual e a identidade social real dos indivíduos.

Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma

<sup>30</sup> Citado por Irã Duduque (2001) em Rostos e héstias: residências modernas em Curitiba. p. 27

<sup>31</sup> Fico imaginando as correlações desta designação de "mancha" que nos remetem aos gregos na antiguidade, quanto aos elementos simbólicos contidos no costume já popularizado nas sociedades mais tradicionais brasileiras, sobretudo no nordeste, onde a honra de um indivíduo (sobretudo de um clã, de uma Casa no sentido Levi-straussiano) uma vez maculada pode e deve ser restituída, "lavada" com o sangue de seu corruptor, como reparação da honra de uma família.

fraqueza, uma desvantagem - e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real. (Goffman, 1982:12, sem grifo no original)

Ainda na seqüência de seu raciocínio, reproduzo trecho em que Goffman elabora, uma **tipologia** do estigma, fundamentada em três tipos básicos que compreendem desde o estigma individual até o estigma de determinados grupos sociais, inclusive numa perspectiva diacrônica:

- 1- Em primeiro lugar, há as abominações do corpo – as várias deformidades físicas.
  - 2- Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical.
  - 3- Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual os membros através de uma família.
- (Goffman, 1982:14)

Para se entender o estigma enquanto fenômeno social, Goffman recomenda que o encaremos enquanto uma "linguagem de relações", portanto numa perspectiva relacional, não tomando portanto os atributos depreciativos em si mesmos, pois em determinado contexto, um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem. De onde se conclui que um determinado estigma, não é nem honroso, nem desonroso. Para esclarecer um pouco mais esta premissa, Goffman nos fornece o seguinte exemplo:

(...) alguns cargos na América obrigam o seus ocupantes que não tinham a educação universitária esperada a esconderem isso; outros cargos, entretanto, podem levar os que os ocupam e que possuem uma educação superior a manter isso em segredo para não serem considerados fracassados ou estranhos. (Goffman, 1982: 13)

A abordagem de Goffman do estigma como linguagem de relações me parece particularmente útil para pensarmos a maneira como as lideranças do Tatuquara se auto-definem, como representam seus grupos comunitários e percebem os grupos mais afastados de seu convívio social.

Normalmente, as lideranças institucionalizadas do Tatuquara entendem sua "área de abrangência" ou seja, os "domínios" de sua chefia (cf. Alvito, 2001) configurada pelos limites do conjunto habitacional ou ocupação onde residem. Como representantes desses agrupamentos, tendem a "amenizar" ou mesmo negar enfaticamente os "atributos

depreciativos" referidos à sua localidade como "bairro violento", assim como negam a presença do tráfico e a criminalidade como característica do bairro. Como observei em campo, tais atributos negativos são tomados como uma "desonra coletiva" contra a qual eles posicionam-se com certa veemência desmentindo, deslegitimando essa imagem.

Entretanto, em determinados contextos de interação, quando estes líderes reivindicam aos poderes públicos segurança, moradia, saúde etc., através de representantes governamentais ou políticos em geral, eles tendem a "exagerar" os problemas do bairro, falando então em nome da unidade territorial mais abrangente, "carregando nas tintas" quando mencionam as carências do Tatuquara. Como demonstração de seu poder de negociação, costumam destacar a representatividade do bairro com seus mais de 20 mil moradores/eleitores, enquanto uma "força política" a ser considerada.

Porém quando fazem reivindicações a tais agentes públicos, como saneamento e infra-estrutura de urbanização (pontos de ônibus, lombadas, sinaleiros, asfalto etc.) tendem a fazê-lo prioritariamente em nome de sua "comunidade". Tal dinâmica de relacionamento com representantes políticos, sobretudo vereadores e com representantes de governo foi também registrada no trabalho de campo de Marcos Alvito (2001: 53-54), que constatou que os presidentes de Associações costumam conduzir tais "convidados" aos locais mais pobres de Acari como a região de favela conhecida como "Mangue Seco".

Dois perspectivas decorrentes da noção de estigma tal como elaborada por Goffman chamam a atenção no contexto do Tatuquara: trata-se da **condição de desacreditado** e a **condição de desacreditável**. A condição de desacreditado ocorre quando o indivíduo estigmatizado assume que a sua característica distintiva já é conhecida ou é imediatamente evidente, ao passo que na condição de desacreditável as características do estigmatizado não são conhecidas, dadas, nem imediatamente perceptíveis.

Entre os diferentes grupos que compõem o Tatuquara, ou seja, os moradores dos conjuntos habitacionais (Jardim da Ordem, Santa Rita, Moradias Paraná) e das três áreas de ocupação (Vila Terra Santa, Gralha Azul e Beira Rio), estas duas formas de estigmatização sugeridas por Goffman parecem operar pela seguinte dinâmica: a condição de desacreditados é marcadamente referida aos moradores das áreas de ocupação, dada a ilegalidade de sua condição de moradia, o que os distingue radical e verticalmente dos outros seus vizinhos, os moradores dos conjuntos habitacionais, que são proprietários legais

de suas casas. Inúmeros depoimentos colhidos em campo indicam entre os moradores de ocupações ilegais uma imensa frustração em relação a um projeto de estruturação familiar e cidadania, que lhes parece abortado pela sua condição de moradia, estabelecendo um círculo vicioso de indigência, exclusão e marginalidade. A condição de insegurança perene que os acompanha, parece empurrá-los a um certo imobilismo e/ou fatalismo e, sobretudo, revolta (cf. verificou Zaluar em Cidade de Deus) pois sabem que a qualquer momento podem ser removidos de suas moradias e realocados "sabe-se Deus para onde". Diante de tal situação, a perspectiva de investir na melhoria da casa parece constituir um projeto muito arriscado, pois podem perder o pouco que conseguiram juntar durante anos de trabalho, por vezes até em gerações.

Em se tratando do grupo de moradores das áreas de ocupação, sua condição de moradia materializa, em todos os sentidos, a condição de cidadão de segunda classe e morador daquilo que Paulo Sérgio Pinheiro (1996) mencionou como "pré-cidades".

Aqueles mais afetados pelo desemprego e marginalizados no sistema de educação são os que têm maior risco de serem vítimas da violência arbitrária da polícia, assim como da criminalidade comum, e os bairros populares são o cenário habitual para esses crimes. De fato, em São Paulo e na maior parte das metrópoles latino-americanas, há uma correlação positiva entre as comunidades pobres e a mortalidade por causa violenta. Nessas "pré-cidades geográficas e sociais", para falar como Ignacy Sachs, a população vive em mordias precárias, com insegurança no acesso ao trabalho, à renda e aos serviços básicos. (Pinheiro, 1996)

A diferença de infra-estrutura que os moradores das ocupações do Tatuquara vêm sendo implantadas para seus vizinhos dos conjuntos habitacionais, (por vezes moradores muito mais recentes no bairro) como escolas, postos de saúde, praças, asfalto, comércio etc., em comparação a seus locais de moradia, parece indicar a condição de que estão "estagnados", "fracassados", dado que suas vidas não "progridem", sentindo-se abandonados à própria sorte. O clima de tensão e medo a que me refiro e que ao mesmo tempo lhes imputa a condição de marginalizados, **desacreditados** no sentido atribuído por Goffman, é ilustrada na fala de Adilson Mendes, líder da ocupação Gralha Azul:

Ozanam - Adilson, que órgãos da prefeitura, do governo [do Estado] estão atuando aqui hoje e o que eles estão fazendo ?

Adilson - Ninguém, ninguém, na real. Cada vez que eles vêm aí eles só vêm pra tribular.

O. S. - Mas tribular como assim ?

A.M - Tribular porque eles realmente assustam o pessoal. Eles só chegam aqui..., eles não chegam com uma proposta de incentivar a pessoa, de dar uma posse de terreno pra pessoa, eles chegam aí, que cada vez que chegam aí o pessoal já sabe que é pra desmanchar barraco, pra polícia dar cacetada e assustar o povo, assombrar nosso povo. (Mendes, entrevista concedida em 30 jun 2001)

Um outro exemplo pode ser observado na narrativa de D. Rosalina Siqueira, presidente da Associação de moradores de Vila Terra Santa referindo-se ao processo de ocupação inicial da área no começo de 1999.

Rosalina - Eu mudei pra cá em janeiro de 1999 e em fevereiro a polícia esteve aqui pra derrubar as casas e tirar nós daqui. Eu tentei procurar falar com os capitães, com o Cel. Justino que tava aqui na época, com a COHAB, com as pessoas que tavam tentando tirar nós daqui, se eles tinham mandato, ordem pra tirar nós daqui, ordem de despejo. Um empurrava pro outro, outro empurrava pra outro e na época ninguém tinha esse mandato. Foi quando eu conversei com o Capitão... na época, eu não me lembro o nome do Capitão, ele falou assim: “D. Rosalina a Sra. entre dentro de sua casa e não saia de lá, porque dentro da sua casa, eles não vão derrubar a sua casa”. (Siqueira, entrevista concedida em 07 jul 2001)

Uma possibilidade de aproximação da condição de **desacreditável** como proposto por Goffman para o contexto do Tatuquara nos remete ao estigma territorial imputado ao bairro como um todo, em função da categorização de “bairro violento” tanto veiculado na mídia, sobretudo escrita, mencionados no capítulo 1, quanto pelos estudos estatísticos e “mapas da violência” elaborados por diversos órgãos estatais como o Ippuc. Diferentemente dos moradores de áreas mais carentes e ilegais como Vila Terra Santa ou Gralha Azul, Beira Rio, onde a sua condição de moradia funciona como “motor” e “espelho” de sua condição de exclusão social radicalizada, os moradores dos conjuntos habitacionais reclamam que a violência supostamente proveniente dessas ocupações e “áreas degradadas” lhes atinge contra a sua vontade.

A fala do jovem *rapper* morador no Conjunto Jardim da Ordem sobre o preconceito em relação aos moradores da "área" é reveladora.

Nilson - Eu nunca senti, nunca tive problema pra procurar serviço pra chegar e falar: Jardim da Ordem e neguinho ficar meio cabrero. Não, nunca tive, mas outras pessoas já.

Ozanam - Esses teus amigos sentiram esse preconceito ?

Nilson - Moro no Jardim, tem gente que nem dá emprego, pensa que quem mora no Jardim é bandido, é ladrão. "Esse daí nem coloca aqui porque vai roubar, vai fazer e acontecer."

Um outro exemplo concreto de como operaria, na prática, a formação do estigma, segundo os pressupostos de Goffman, ou seja, enquanto uma discrepância entre a identidade social virtual, atribuída por um grupo social majoritário em relação à identidade real de um indivíduo ou grupo de indivíduos, pode ser reconstituído a partir da fala de D. Eudete Mori (1995), gerente do Departamento de Ação Comunitária da Cohab-CT.

Na seqüência do texto de Mori, se explicita a visão de uma agente estatal, que também é uma cidadã que acredita que a questão da moradia deve necessariamente "evoluir" dos barracos de madeira improvisados para residências melhor acabadas e com infra-estrutura urbana básica.

Tais premissas seriam plausíveis e humanamente corretas, não ficassem ocultos na fala de Mori, os processos políticos e econômicos (cf. Moura; Ultramar, 1994) que fizeram com que tais populações tivessem como único meio de moradia as favelas ou áreas ocupadas no próprio Tatuquara.

O ato ou efeito de morar não se concretiza somente num pedaço de chão que permite delimitar um "espaço coberto com restos de madeira ou outro material qualquer..."

Muito além do que um simples abrigo, a casa deve oferecer o mínimo de conforto e segurança. A habitação, portanto, vista geralmente como 4 paredes e um teto deve representar não apenas a parte interna da casa, mas ser esta, uma das partes de um todo, mais intimamente ligado com seu dono. Assim, promover a habitação não significa apenas a construção da casa, mas tudo que a cerca, ou seja, onde estiver a moradia. Devendo, portanto, haver todos os serviços necessários ao atendimento adequado de seu morador, propiciando-lhe viver com dignidade. Nesse sentido, a habitação, não representa, somente um lote e uma casa, mas também a rua, o loteamento, o bairro e a cidade em conexão. (Mori, 1995:92)

A própria postura deliberada do poder público municipal, que inclui órgãos como a Cohab, Saúde e Educação, Saneamento de não investir em obras para os moradores das áreas de ocupação como Terra Santa e Gralha Azul enquanto estas não forem legalizadas, tem demonstrado, na prática, a grave situação de abandono do Estado e "guetificação" desses moradores, como estudou Wacquant nos contextos das periferias de Chicago e Paris.

Tal condição de abandono e exclusão social, apresenta como resultado concreto, o agravamento das tensões e carências materiais e simbólicas que os moradores de Terra Santa e Gralha Azul vivenciam em relação a seus vizinhos dos conjuntos habitacionais.

Ainda apoiando-se no discurso de D. Eudete Mori (1995), sobre a implantação do conjuntos habitacionais no Tatuquara, destaco sua indignação, quanto a resistência que os moradores de Vila Concórdia, (uma das favelas que foram realocadas para o Conjunto Jardim da Ordem em 1995 visto no capítulo anterior) em relação aos planos da Cohab para sua transferência.

Mori deixa transparecer, em sua admiração diante da recusa dos moradores de Vila Concórdia em serem transferidos para o Tatuquara, certos estereótipos e preconceitos (estigma) do poder executivo municipal em relação às camadas populares (considerados ignorantes, intransigentes, infantis, sem ambição e "espírito empreendedor"... ) e sua vontade de que a Lei respalde as ações públicas e as diretrizes dos tecnocratas da gestão municipal. O caso do "urbanismo modelo" curitibano é pródigo de exemplos em que um saber técnico é acionado e amplamente divulgado na mídia como definidor do que seja melhor para a cidade (Garcia, 1993, 1998 e Oliveira, 2000). Na contra-mão do *establishment* municipal, os moradores de Vila Concórdia ousaram renegar o modelo de "felicidade suburbana" proposto pela Cohab-Ct e Ippuc. Mas a intransigência que nos fala D. Eudete Mori seria realmente deles ?

Vale aqui lembrar o caso de Vila Concórdia, pois não se consegue admitir, uma considerada neutralidade frente à uma postura intransigente e de certa forma ignorante por desconhecimento de algumas famílias que persistem em continuar residindo sobre uma área composta por lixo industrial. De nada adianta a vontade técnica de resolver problemas dessas pessoas que parecem demonstrar interesse em continuar na mesma condição que se encontram. Infelizmente, muitas vezes, embora se tenha a Lei, não se consegue cumpri-la frente as suas próprias contingências. (Mori, 1995: 95)

Uma hipótese possível para tentarmos entender a recusa de relocação dos moradores de Vila Concórdia (CIC) para o Tatuquara talvez se encontre na própria condição de subsistência de muitos moradores de áreas faveladas na condição de "catadores" ou "carrinheiros" como também são conhecidos, por meio da venda de papel dentre outros materiais recicláveis, como aliás pude presenciar em outras incursões a campo em pelo menos duas favelas "tradicionais" de Curitiba, a antiga favela do Capanema, hoje "Vila das

Torres" (rebatizada pela prefeitura municipal com a intenção assumida de "reversão" do estigma daquela região) e a favela do Parolin.

Nestas duas favelas mais "centrais" de Curitiba, existe um sistema muito bem organizado de recolhimento e revenda do papel recolhido pelos carrinheiros, aos donos de depósitos localizados dentro das próprias favelas. A lógica de funcionamento desse sistema de coleta e revenda de papel faz com que catadores procurem estabelecer-se o mais próximo possível do centro da cidade, pois o centro é o local que concentra o grande comércio e que produz grande quantidade de material a ser recolhido com certa regularidade.

A CIC por também constituir um pólo de grandes indústrias consolidado, poderia funcionar como um "centro produtor" de diversos tipos de papel e outros materiais recicláveis que gerariam renda aos carrinheiros de Vila Concórdia. Nestes termos, passar a morar no Tatuquara (a 20 Km do centro) em meados da década de 1990, numa época em que praticamente inexistia uma infra-estrutura urbana de comércio e indústrias no bairro, poderia significar um risco de sobrevivência para uma população que vive do recolhimento e revenda diária de papel aos depósitos.

Apesar de Erving Goffman (1982) concentrar-se em estabelecer as "bases" psicológicas/sociais que regem a dinâmica do estigma, sobretudo do estigma individual, sua ênfase sobre estigma social se concentra prioritariamente em grupos organizados de estigmatizados, como cegos, paráliticos ou alcóolicos anônimos, ou seja, em sua primeira categoria de estigma, ainda sim, no contexto norte-americano das pesquisas de psicologia social da década de 1960. Nestes termos, em relação a Goffman, considero os estudos de L. Wacquant e N. Elias, preocupados em investigar o contexto de estigmas territoriais em comunidades urbanas, mais próximos das intenções deste estudo sobre o Tatuquara.

## 4. 2 Löic Wacquant e os condenados da cidade.

Um dos objetivos principais de L. Wacquant em **Os condenados da cidade** (2001) é desvendar semelhanças e diferenças existentes em bairros estigmatizados na França (*banlieues*, *cités* de Paris) e nos Estados Unidos (gueto negro de Chicago), ambos tidos como exemplos de “nova pobreza urbana”. O seu estudo investiga como a pobreza se estrutura nestes locais e como os moradores a vivenciam em seu cotidiano. Wacquant utiliza-se de termos como gueto, *banlieue* e favela como "ferramentas" para se pensar a marginalidade urbana, o que nos aproxima de sua gama de interesses.

É justamente quando Wacquant procura desmistificar a suposta homologia existente entre aqueles termos, desmascarando algumas visões cristalizadas sobre tais territórios marginalizados, retratados como áreas de crime e violência, de anomia e desorganização social, moral e ética, numa palavra, locais descivilizados (onde reinaria a barbárie), considero que suas reflexões se aproximam deste estudo sobre o Tatuquara.

Vejamos a exposição do problema pelo próprio Wacquant e que em boa medida retrata a imagem pública do Tatuquara, que é negada enfaticamente por seus moradores:

(...) as sociedades da América Latina, da Europa e dos Estados Unidos dispõem todas de um termo específico para denominar essas comunidades estigmatizadas, localizadas na base do sistema hierárquico de regiões que compõem uma metrópole, nas quais os párias urbanos residem e onde os problemas sociais se congregam e infeccionam, atraindo a atenção desigual, e desproporcionadamente negativa da mídia, dos políticos e dos dirigentes do Estado. São locais conhecidos, tanto para forasteiros como para os mais íntimos, como "regiões problema", "áreas proibidas", circuito "selvagem" da cidade, territórios de privação e abandono a serem evitados e temidos, porque têm ou se crê amplamente que tenham excesso de crime, violência, vício e desintegração social. Devido à aura de perigo e pavor que envolve seus habitantes e ao descaso que sofrem, essa mistura variada de minorias insultadas, famílias de trabalhadores de baixa renda e imigrantes não-legalizados é tipicamente retratado de longe, em tons monocromáticos, e sua vida social parece a mesma em todos os lugares: exótica, improdutiva e brutal. (Wacquant, 2001: 13)

Ao propor a comparação entre o gueto negro de Chicago (“cinturão negro”) e as *banlieues* de Paris (“cinturão vermelho”)<sup>32</sup>, Wacquant procura demonstrar a falácia gerada pela visão reificada e homogeneizadora destas realidades de exclusão e divisão social, pois

<sup>32</sup> Wacquant explica que o termo “cinturão vermelho” é resultante da grande concentração de militantes socialistas, sobretudo jovens, morando nas *banlieues* parisienses.

estas não podem ser entendidas como organizações sociais “equivalentes”, apenas localizadas em cada lado do atlântico.

Uma das questões que parece incomodar os cientistas sociais da Europa ocidental desde a década de 1990, dentre eles o próprio Wacquant<sup>33</sup>, foi o surgimento e respectivo agravamento de uma variada gama de desigualdades sociais urbanas e a consolidação de novas formas de marginalização sócio-econômica e demarcação espacial (entenda-se estigma territorial), fenômeno que se distingue na atualidade pela forte presença da etnicidade.

Como se nesse quadro social não bastasse a crise econômica, o desemprego etc., ainda se agrega uma forte tendência política à emergência e disseminação de ideologias e tensões de cunho etnorracial e xenófobas<sup>34</sup>, como consequência do desemprego crônico (retração do trabalho formal) e do assentamento permanente de imigrantes e tentativa, cada vez crescente, de entrada nos países mais ricos da Europa ocidental, pelos povos do norte da África e Leste Europeu, arrasados por guerras étnicas (como na Bósnia e Chechênia) e/ou pela miséria endêmica dos países falidos do antigo bloco comunista.

Neste cenário dos problemas sociais europeus, Wacquant se questiona sobre a possibilidade de se adotar o conceito de *underclass* (nova classe subalterna), que remete às relações raciais, tal como concebidas no contexto norte-americano, para o estudos de caso da realidade urbana européia. Note-se que a questão poderia igualmente ser transposta à realidade das populações marginalizadas em grandes centros urbanos brasileiros.

Para testar essa possibilidade, Wacquant propõe a realização de um estudo comparativo, bem fundamentado empiricamente, que contemple esses dois contextos de desigualdade urbana. Para tanto, sugere a comparação entre a realidade norte-americana e francesa, e as formas de exclusão etnorracial e de classe, lastreadas segundo ele, em três pressupostos:

1) não pressuponha que o aparelho analítico forjado de um lado do Atlântico pode ser imposto ao outro, e seja sensível ao fato de que todas as ferramentas conceituais "nacionais" carregam pressupostos sociais, políticos e morais específicos que refletem a história

---

<sup>33</sup> O tipo de preocupação teórica de Wacquant sobre a transposição de conceitos norte-americanos no contexto da nova *underclass*, para o cenário das *cités* francesas, ao que me parece, pode estar fortemente ligada à trajetória pessoal/intelectual deste sociólogo que é professor/pesquisador da Universidade de Berkeley (EUA) e no Centro de Sociologia do Collège de France, portanto transita no universo acadêmico transatlântico.

<sup>34</sup> A disputa de Jean Marie Le Pen, candidato da Frente Nacional, a extrema-direita francesa, para o segundo turno das eleições presidenciais na França em 2002, derrotando o candidato socialista Jospin por uma esmagadora margem de votos, é apenas uma ponta deste processo.

diferenciada da sociedade e do Estado em cada país; 2) leve em conta os significados e as experiências vividas de imobilidade social e de marginalidade; e 3) busque situar as estratégias individuais e as trajetórias coletivas tanto na estrutura social local como no quadro mais amplo do mercado e do Estado nacional. (Wacquant, 2001: 150-1)

Resumindo drasticamente a construção argumentativa que Wacquant desenvolve para estabelecer as diferenças e semelhanças entre o "hipergueto" norte-americano (cinturão negro) e a periferia parisiense (cinturão vermelho) apresento abaixo, a principal conclusão do sociólogo:

Simplificando muito, pode-se afirmar que a exclusão, no Cinturão Negro, se baseia na **cor**, com o reforço dos fatores classe e Estado, ao passo que no Cinturão Vermelho, se baseia na **classe social**, embora amenizada pelo Estado (Wacquant, 2001:152, sem grifo no original)

Chama a atenção no trabalho de Wacquant o "fardo experiencial" do estigma territorial enfrentado pelos moradores da *banlieue* francesa, onde aparentemente de modo paradoxal, parece ser muito mais "pesado" do que para seus correspondentes do gueto negro norte-americano, apesar destes últimos viverem num ambiente muito mais depressivo e deteriorado (física e socialmente). Wacquant justifica tal fenômeno segundo três motivos:

1) (...) a própria noção de relegar uma população a um espaço separado de inferioridade e de imobilidade social institucionalizada fere, de forma gritante, a ideologia francesa da cidadania unitária e da participação na comunidade nacional, uma ideologia adotada plenamente e invocada com força pelos jovens do Cinturão Vermelho (...)

2) (...) os moradores do gueto nos Estados Unidos mostram-se mais tendentes a adotar uma ideologia altamente individualista voltada para as realizações individuais do que seus correspondentes nas cités francesas. Muitos, talvez a maioria, aceitam a postura social-darwinista de que a posição social reflete, em última instância, o valor moral e os anseios pessoais, de modo que ninguém pode ser detido, a longo prazo pelo seu local de residência.

3) (...) talvez a mais crucial diferença entre o Cinturão Vermelho e o Cinturão negro diz respeito ao caráter do estigma que cada um carrega: na França, este estigma é tão somente **residencial**, porém, no caso americano, ele é conjunta e inseparavelmente **espacial e racial**. (Wacquant, 2001: 161, sem grifo no original)

Num exercício de aproximação das contribuições de Wacquant ao estudar o gueto negro de Chicago e as periferias de Paris para nosso contexto do Tatuquara, identifiquei muito mais proximidade (com evidentes reservas) do tipo de estigma residencial ocorrido nas banlieues de Paris em relação ao Tatuquara do que entre este e o gueto norte-americano estigmatizado tanto espacial quanto racialmente. Excetuando-se um único informante

*rapper* do Tatuquara que é negro e também participa esporadicamente do "Movimento Negro" curitibano, que reclamou de sofrer preconceito racial e acusava a "sociedade curitibana" de racista (ele nasceu em Salvador e migrou com a família para Curitiba na década de 90), não encontrei nenhuma reclamação de preconceito racial no Tatuquara.<sup>35</sup>

O "núcleo central" de distinção social, que aglutina ou separa os grupos de moradores estudados no Tatuquara é, sem a menor sombra de dúvida, a **condição de moradia**. A luta pela legalização dos terrenos e a possibilidade de construção de um vida mais digna, constitui o grande "projeto" da maioria dos moradores das áreas ocupadas de Vila Terra Santa, Gralha Azul ou Beira Rio. A condição de morador legalizado é o "mote" das principais reivindicações das suas lideranças e materializa um "projeto coletivo" de incorporação social aos moldes do que eles vislumbram em relação aos seus vizinhos dos conjuntos habitacionais do "Jardim da Ordem" e "Santa Rita" ou "Vila Pompéia".

No entanto, há também diferenças entre o contexto francês e brasileiro. Ao compararmos a fala de um morador de *La Courneuve* (também conhecido como *Quatre Mille*), subúrbio de Paris, estudado por Wacquant e a fala de um antigo morador do Conjunto Jardim da Ordem como o Sr. João Meyer (já citado anteriormente), constata-se que nas *banlieues* os moradores se sentem "condenados", excluídos da "comunidade nacional" francesa, reféns de "um espaço separado de inferioridade e de imobilidade social institucionalizada", ao passo que no Tatuquara o Sr. Meyer, um "estabelecido" nos termos de Elias (2000), percebe sua trajetória familiar de forma diametralmente oposta, isto é, como uma "evolução" em relação aos primeiros tempos, onde o conjunto em que vive era dividido entre moradores da fila da Cohab e os "realocados" de diversas favelas de Curitiba.

Mesmo se tratando, em princípio, de dois "territórios estigmatizados" socialmente, tal categoria aponta para uma relativização segundo a perspectiva de moradores de contextos tão diferenciados como os de *La Courneuve* e do Jardim da Ordem.

Tomando o estudo de Wacquant sobre a *banlieue* parisiense e a realidade dos moradores dos grandes conjuntos habitacionais do Tatuquara, podemos então, avaliar a noção de exclusão social e frustração, pela impossibilidade de se vivenciar na prática, a

---

<sup>35</sup> Situação absolutamente oposta ao que Pedro Paulo M. Guasco (2000) encontrou estudando os *rappers* de "Capão Redondo" em São Paulo onde o elemento étnico/racial é um forte componente de suas letras música e manifestações de identidade local.

ideologia da "comunidade nacional francesa" expressa na fala do Sr. Rachid, ex-morador do conjunto "*Quatre Mille*" de Paris, e o Sr. Mayer, do Jardim da Ordem em Curitiba, por sentir-se parte integrante do projeto "civilizatório" (segundo suas próprias palavras) empreendido no Tatuquara.

As diferenças entre os dois contextos adquirem realce quando comparamos as falas do Sr. Rachid ex-morador do "*Quatre Mille*" sobre reformas no conjunto, com a do Sr. Mayer, falando do Tatuquara:

Sr. Rachid: Reurbanizar é participar desta vergonha. Se você concorda em participar do jogo, então, de certo modo, está endossando a vergonha. Chegamos a um ponto sem retorno onde não há solução a não ser demolir a coisa toda. Mesmo porque as pessoas aqui concordam que há apenas uma única solução: "Precisa detonar isto aqui". Vá lá e pergunte a eles [...] Quando você não se sente bem por dentro, quando você não se sente bem por fora, quando não tem emprego, não tem nada a seu favor, então você detona as coisas, é assim que é. Toda a merda que eles estão tentando arrumar, o coletor de lixo e a entrada do prédio, a pintura, nada disso adianta: vai ser estourado na hora. É idiota. É a coisa toda que é o problema [...] Precisa detonar a coisa toda. (Wacquant, 2001:155)

João Mayer - É por aí, isso mesmo, 1994 -1995. O Jardim da Ordem foi essa época que ele nasceu aqui. Então era uma época muito difícil. E aquele povo convivia no meio dos marginais viu, só que daí com o decorrer da época, o tempo foi se passando, se passando, foram mudando as coisas, um pouco mais de conscientização, um pouco mais de trabalho da polícia também, e também a civilização passou a atingir mais acentuadamente o local aqui.

Ozanam - O que o Sr. acha que foi o mais importante que mudou ?

J.M. - O mais importante que mudou foram as vilas novas que apareceram e também a melhoria do povo também que foram se reciclando aqui. Aqueles que não queriam nada com a sociedade foram se afastando, então foi modelando aqui o convívio do pessoal. (Mayer, entrevista concedida em 09 dez 2001)

### 4.3 Norbert Elias no Tatuquara.

A obra de Norbert Elias e John Scotson, **Os estabelecidos e os outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade** (2000), pode ser resumida como uma investigação sociológica sobre a sócio-dinâmica que rege a relação de estigma de um grupo estabelecido desde longa data no subúrbio industrial de Leicister (Inglaterra), chamado "Winston Parva", no início da década de 1960, em relação a um grupo de novos moradores do bairro, tratados por seus vizinhos estabelecidos como *outsiders*.

Os comentários de Frederico Neiburg que antecedem à obra nos ajudam a entender a especificidade de alguns termos importantes como a configuração Estabelecidos-Outsiders. Para Neiburg, um *establishment* (estabelecido) é um grupo que se auto-concebe e que é reconhecido socialmente como membros da “boa sociedade” e sua identidade social é construída segundo um arranjo muito particular de **tradição, autoridade e influência**.

Neiburg argumenta que os estabelecidos têm como núcleo de poder a crença deliberada de serem um modelo moral para o resto da sociedade. A contrapartida dessa figuração social, para utilizarmos a terminologia eliasiana, são os *outsiders*, ou seja, o oposto social dos estabelecidos, aqueles que não fazem parte da “boa sociedade”, os que estão “fora” dela.

No estudo empreendido por Elias e Scotson, os *estabelecidos* fundamentavam seu “status superior” e seu poder em um princípio de antigüidade, pois moravam em Winston Parva há duas ou três gerações e se “auto-representavam” como legítimos portadores da "tradição" e da "boa sociedade". Os seus vizinhos, moradores mais recentes do bairro, eram estigmatizados como *outsiders* pelo grupo de *estabelecidos*, acusados de possuírem atributos associados à anomia, delinquência, amoralidade, violência e desintegração societária.

Neiburg argumenta que a grande contribuição de Elias reside na investigação dos fatores que engendram as relações de poder e dominação num espaço micro-sociológico com a intenção de superar as limitações dos macro-modelos explicativos baseados em divisão de classes sociais, culturais ou de força, fundado na posse de armas ou dos meios de produção. A configuração formada pelo binômio *estabelecidos-outsiders*, proposta por

Elias traz assim, novas contribuições para um teoria geral do poder. As intenções de Elias a esse respeito podem ser sintetizadas no seguinte trecho:

Assim, nessa pequena comunidade, deparava-se com o que parece ser uma constante universal em qualquer figuração de estabelecidos-outsiders: o grupo estabelecido atribuía a seus membros características humanas superiores; excluía todos os membros do outro grupo do contato social não profissional com seus próprios membros; e o tabu em torno desses contatos era mantido através de meios de controle social como a fofoca elogiosa [*praise gossip*], no caso dos que o observavam, e a ameaça de fofocas depreciativas [*blame gossip*] contra os suspeitos de transgressão. (Elias e Scotson, 2000:20)

Ainda na intenção de recuperar os elementos que Elias desenvolve para investigar a “**sócio dinâmica da estigmatização**” no contexto de Winston Parva, reproduzo um outro trecho que considero particularmente elucidativo:

Como indica o estudo de Winston Parva, o grupo estabelecido tende a atribuir ao conjunto do grupo outsider as características “ruins” de sua porção “pior” – de sua minoria anômica. Em contraste, a auto-imagem do grupo estabelecido tende a se modelar em seu setor exemplar, mais “nômico” ou normativo- na minoria de seus “melhores” membros. Essa distorção *pars pro toto*, em direções opostas, faculta ao grupo estabelecido provar suas afirmações a si mesmo e aos outros; há sempre algum fato para provar que o próprio grupo é “bom” e que o outro é “ruim”. (Elias e Scotson, 2000:22-23)

Elias observa que em Winston Parva, como em outros contextos de rivalidades grupais, o que ocorria era que determinado grupo estigmatizava outro não por suas qualidades individuais, no sentido de defeitos pessoais-atributos negativos no sentido de Goffman-, mas pelo simples fato do grupo estabelecido considerar o outro diferente e humanamente inferior.

Por fim, Elias fundamenta a sócio-dinâmica do estigma em Winston Parva como uma relação de interação social e de complementaridade, onde o **carisma grupal** (auto-atribuído por um grupo) e a **desonra grupal** (imputada ao outro) revelam formas muito bem demarcadas de distinção identitária.

No que estas idéias podem ser úteis para entendermos a dinâmica de diferenciação social e construção de identidades entre os diversos grupos que compõem o Tatuquara.

A configuração *estabelecidos* e *outsiders*, como reiteradamente proponho, parece estruturar-se neste caso, a partir das as categorias **morador legalizado** e **morador ilegal**, sendo os moradores legalizados aqueles que adquiriram os terrenos e a assumiram a

construção da casa própria nos conjuntos residenciais implementados pela Cohab-CT, (Jardim Da Ordem, Santa Rita etc.), enquanto o segundo grupo, o dos moradores ilegais, é basicamente composto pelos moradores das três maiores áreas de ocupação, Vila Terra Santa, Gralha Azul e Beira Rio.

Antes de descrever um pouco mais o relacionamento desses dois grupos na atualidade, considero importante citar um trecho do trabalho de D. Eudete Mori, (1995) quando esta relata alguns problemas com a implantação do Conjunto Jardim da Ordem. Os conflitos se davam não apenas entre os moradores do novo conjunto e os "pioneiros estabelecidos" (proprietários de áreas rurais como o Sr. Apolo França, capítulo 2), portanto entre os "autóctones" e os novos "forasteiros", mas internamente o grupo que compunha o Conjunto Jardim da Ordem, encontrava-se radicalmente dividido entre os provenientes da "fila" da Cohab e os "favelados" realocados para o conjunto.

Apesar de ambos os grupos que compunham o referido conjunto terem se instalado no Tatuquara praticamente no mesmo período, portanto não existindo um critério de "antigüidade" que os distinga, a diferenciação quanto sua condição social e econômica e suas trajetórias sociais promoveram a reprodução no contexto local, da configuração *estabelecidos e outsiders* proposta por Elias, inclusive reiterando as tensões e conseqüências do que ele chama de convivência baseada num "equilíbrio instável de poder". O relato de D. Eudete Mori praticamente reproduz os termos da configuração *estabelecidos-outsideers* para a realidade do Tatuquara, sobretudo porque as diferenças entre os grupos envolvidos são muito mais gritantes do que Elias verificou em Winston Parva. Percebe-se no relato de Mori que os moradores tradicionais, os "pioneiros" vêem os seus novos vizinhos como delinqüentes, marginais, violentos e que supostamente colocariam em risco o "sossego" dos pequenos produtores rurais locais.

A diversificação nas formas de atendimento, motivou uma série de conflitos na comunidade, tanto interna como na circunvizinhança. Os antigos moradores, produtores da região não aceitaram com bons olhos os novos vizinhos, devido às suas condições sócio-econômicas e culturais. Isto, inicialmente causou vários transtornos, pois os pioneiros acostumados com o sossego que a região oferece, viram sua segurança ameaçada, principalmente pelos atos de vandalismo e violência ocorridos. Para os recém chegados, tudo ficava difícil face à hostilidade que a partir de então teriam de enfrentar.

O assentamento de famílias da fila e de diversas relocações das quais tem-se como exemplo mais crítico, as famílias que moravam embaixo do Viaduto do Capanema, do Viaduto da Marechal, e num cortiço da Rua Ubaldino do Amaral, serviram para detonar manifestos de revolta, essencialmente pelas famílias originárias da fila. Estas, sentiram-se

prejudicadas com a chegada das referidas pessoas as quais foram profundamente marginalizadas pelas suas condições de vida. Em sua maioria, trabalham como catadores de papel e apresentavam problemas de saúde (doenças infecto-contagiosas, alcoolismo e outras drogas), principalmente as advindas do referido cortiço, sendo inclusive registrado um óbito em decorrência de AIDS (fatos comprovados por ocasião do cadastro realizado pelos técnicos da COHAB-CT na fase da relocação). (Mori, 1995: 76)

O que chama a atenção na dinâmica de urbanização do Tatuquara é que o grupo de moradores que originalmente formou o conjunto habitacional Jardim da Ordem, era formado basicamente por *outsiders*, famílias de trabalhadores de baixa renda que historicamente vinham encontrando dificuldades cada vez maiores para pagar aluguel em bairros urbanizados e grupos de “sem teto” desabrigados pelas enchentes de 1995, alocados ali pela COHAB. Entretanto no transcorrer de quase uma década, estes mesmos moradores constroem uma identidade de “estabelecidos”, moradores dos **conjuntos** em oposição marcada (social e geograficamente) aos seus vizinhos moradores das ocupações mais recentes. Este processo de “circulação interna do estigma” (aplicando a lógica cruel de que “há sempre alguém mais à periferia da periferia”) parece reproduzir-se na medida em que novas populações favelizadas são transferidas pela prefeitura para “dentro” do Tatuquara, configurando novos “núcleos de outsiders”, tendo de conviver próximos aos “conjuntos habitacionais estabelecidos”. Este movimento fica comprovado a exemplo da transferência de 18 famílias da favela Xapinhal, desabrigadas por um incêndio ocorrido em 2001.

Foram entregues ontem, as casas pré-fabricadas construídas no conjunto Monteiro Lobato, no Tatuquara, para abrigar 12 das 18 famílias que tiveram suas moradias destruídas em um incêndio, que ocorreu no último dia 8, na favela Xapinhal, no Sítio Cercado. Das demais famílias, duas não foram localizadas pela prefeitura e as outras quatro optaram por aguardar um loteamento na Cidade Industrial de Curitiba-CIC. Apesar das ruas não terem asfalto, possuem valas de esgoto abertas e as residências não contam com ligação de eletricidade e cozinha, as famílias se mostraram satisfeitas com o novo lar. (Gazeta do Povo, 02 fev. 2001)

Mas voltando ao Tatuquara da atualidade, mesmo tomando como referência as categorias "morador legalizado" e "ilegal" como antagônicas e definidoras de identidades próprias referidas ao seu local de moradia, à sua "área" no dizer dos rappers, constatei

disputas internas de status nestas localidades<sup>36</sup>, tanto nas ocupações ilegais como Terra Santa e Gralha Azul, quanto nos conjuntos como Jardim da Ordem, Santa Rita, fundamentadas nas condições de infra-estrutura e equipamentos públicos, onde tais "bens" públicos representavam sinais de status e hierarquia social. Por exemplo, era seguindo esta lógica que se conduzia a fala de algumas lideranças do Moradias Santa Rita gabando-se da "superioridade" de seu local de moradia (e por extensão de seus moradores) em relação ao conjunto Jardim da Ordem que apesar de mais antigo, possuía menos "melhorias", era nítido o fato de que esses "bens" simbolizavam que o Santa Rita estava muito mais "evoluído".

O acesso a equipamentos públicos também funciona como sinal de status social, conforme pude verificar na fala de uma liderança do Jardim da Ordem, Sr. João Mayer, denotando não só uma indisfarçável rivalidade entre os moradores dos conjuntos habitacionais e as "ocupações", mas também entre os próprios moradores dos conjuntos habitacionais.

A opinião do Sr. Meyer sobre seus vizinhos das "ocupações", como já vimos anteriormente, sugere um "gradiente de civilidade", onde o "epicentro" parte sempre do local de moradia de quem, num determinado momento detém a primazia do discurso sobre o "outro", tomando sua posição como "centro" de onde vão se espraiando círculos de descivilidade, cada vez mais amplos que remetem aos locais mais pobres do bairro. Entretanto, a mesma estratégia de tipificar o local de moradia de seus "vizinhos" como "mais violentos" também se verificou ao longo das entrevistas com os moradores das "ocupações".

Durante as entrevistas, quando um grupo de "estabelecidos", lideranças locais e moradores dos conjuntos habitacionais se referia aos locais onde supostamente existiam crimes, tráfico de drogas e violência, as áreas de ocupação mais citadas eram o Beira Rio, Terra Santa ou Gralha Azul. Por vezes eram mencionadas áreas que se encontram fora dos limites do Tatuquara, como Vila Verde ou CIC. As lideranças das "ocupações", por vezes, tendiam a generalizar os problemas com o tráfico de drogas, assaltos, homicídios e a violência interpessoal afirmando que tais eventos ocorriam "em todo o bairro", ou então tal

---

<sup>36</sup> Reitero o uso do termo "localidade" no sentido adotado por A. Leeds, citado por M. Alvito (2001:52) como "loci de organização visivelmente distintos, caracterizados por coisas tais como um agregado de pessoas mais ou menos permanente ou um agregado de casas, geralmente incluindo e cercadas por espaços relativamente vazios, embora não necessariamente sem utilização"

referência diluía-se radicalmente quando diziam que a violência acontecia em quase todos os bairros da cidade, o que em boa medida reforçava a estratégia discursiva de uma reversão do estigma de "bairro violento" atribuído ao seu local de moradia.

Tal comportamento recorrente levou-me a constatar que o estigma de marginalidade imputado aos grupos que compõem o Tatuquara opera prioritariamente no sentido de um "superior" na hierarquia social local em direção ao grupo considerado "inferior" ou ainda, no limite, atribuído a um "igual" na estrutura social.<sup>37</sup> Seguindo esta lógica é que Adilson Mendes (líder da ocupação Gralha Azul) se refere aos problemas com a segurança de sua "área" como sendo causados pela proximidade da ocupação "vizinha", Terra Santa, e quando menciona a violência nos conjuntos habitacionais, esta é reiteradamente generalizada ou diluída.

Mendes comenta suas preocupações em relação à "Vila Terra Santa", reforça a idéia de uma "comunidade estruturada socialmente" onde as crianças freqüentam a escola, mas é indisfarçável, em seu discurso, a revolta pelas péssimas condições de moradia de Gralha Azul e que os diferencia dos moradores dos conjuntos habitacionais.

Aqui nós temos o Jardim da Ordem, estamos aqui também com essa invasão da Terra Santa, onde há muito malaco. E fica ruim pra gente que a gente, não tem condições de soltar um filho pra estudar até o colégio porque o colégio é quatrocentos metros daqui, é uma coisa muito grave. Isso aí eu peço que eles deveriam olhar por esse povo aí que são gente, são ser humano, não são animal não."(Mendes, 2001 : 5-6)

Segundo essa classificação social local, os moradores dos conjuntos mais antigos (estabelecidos) e com mais infra-estrutura estariam no topo da pirâmide hierárquica local, seguidos logo abaixo pelos moradores dos conjuntos implantados mais recentemente, com menos infra-estrutura básica e considerados mais "distantes" por ainda não possuírem linhas de ônibus própria, o que os obriga a caminhar até os pontos de ônibus das linhas existentes, que "coincidentalmente" são apenas duas: Jardim da Ordem e Santa Rita. Por fim, na base desta "pirâmide", figuram os moradores de áreas ilegais situadas mais às margens do bairro, como Terra Santa, Gralha Azul e Beira Rio.

A despeito de ter encontrado este "modelo" de estigmatização no Tatuquara, ou seja, um "sistema" de imputação de estigma a partir de "dentro", fundado basicamente em

---

<sup>37</sup> Jamais ouvi de um morador das ocupações que o tráfico, as drogas ou homicídios acontecessem nas áreas mais urbanizadas do bairro como os conjuntos, mesmo sabendo que estas últimas abrigassem vários pontos de venda de drogas, assaltos, estupros e situações de violência extrema como homicídios por acerto de contas com traficantes locais.

termos de hierarquia e status social, estruturado segundo as categorias **morador legalizado** e **ilegal**, pude perceber algumas estratégias de "retaliação" do grupo de moradores das ocupações em direção aos dos conjuntos habitacionais. É o que se constata na fala de Adilson Mendes, (ocupação Gralha Azul), quando pergunto sobre o preconceito dos moradores dos conjuntos habitacionais em relação a eles. Vejamos a fala de Mendes que recorda os tempos das realocações da Ferrovia (capítulo 3) e que formaram o atual conjunto Jardim da Ordem.

Ozanam - Então Adilson, muitas vezes eu peguei o ônibus Santa Rita pra vir pro bairro conversar com as Associações de Moradores e eu já ouvi, e eu tô te falando isso porque eu ouvi mesmo, tava dentro do ônibus quando passava aqui e as pessoas falavam: "pô essa invasão essa favela aqui... o que tão fazendo aqui ?". As pessoas faziam cara feia pra ocupação de vocês aqui. Como que se dá esse relacionamento de vocês com o Jardim da Ordem, o pessoal do Santa Rita, de outros conjuntos ali ?

Adilson Mendes - Pois é o povo fala, o povo fala, mas eles têm que pensar que a maioria deles vieram de invasão. Se não fosse invasão eles não teriam lote hoje no Santa Cecília, no Santa Rita, no Madre Teresa, esses aí eles vieram tudo através de invasão, com gente que foi relocado da "Ferrovia" lá, é gente do Barigüi. Eu conheço, eu tenho muita experiência por parte de invasão, eu comprovo que eu vi muitas invasões, e esse pessoal que fala é tudo gente que veio de invasão igual a gente. (Mendes, 2001: 7)

O desabafo de Mendes que soa como retaliação em relação aos seus vizinhos dos conjuntos habitacionais, sinaliza sua revolta diante da condição de cidadania negada, que ele e seu grupo vêem refletida na falta de saneamento básico, luz, água e infra-estrutura, mas que na verdade procura aproxima-los de seus vizinhos, (a busca de uma igualdade substantiva?) como querendo dizer: vocês um dia já foram como nós. Entretanto, o discurso virulento de Mendes apenas reforça as distâncias sociais, culturais e hierárquicas existentes entre um grupo e outro, aliás um traço diacrítico (cf. Frederik Barth) que define os limites entre um grupo e outro. Quando os moradores das ocupações Gralha Azul ou Terra Santa invadem em protesto a "Rodovia do Xisto" o fazem como um apelo radical para provarem para os "outros", mas sobretudo para si mesmo, que mesmo sendo tão flagrantemente desiguais em termos econômicos e políticos, sempre podem recorrer a uma reparação moral, onde frequentemente o uso da força ou do quebra-quebra podem servir como modo heterodoxo de ajustar o sistema.

## Cap. 5 - O ESTIGMA NA PERSPECTIVA DAS ASSOCIAÇÕES DE MORADORES, LÍDERES LOCAIS E DOS RAPPERS DO TATUQUARA.

### Estratégias discursivas e práticas sociais de reversão.

Água, luz, segurança e vida melhor !  
Só com a legalização !

"Direito de Morar" - Panfleto da  
Associação de Moradores Vila Terra Santa.

Ao longo do trabalho com as lideranças do bairro, com destaque para os Presidentes das Associações de Moradores, os informantes foram definidos em duas categorias fundamentais. São elas:

- a) Grupo com situação de **moradia regularizada** [lideranças das Vilas Santa Rita e Jardim da Ordem]
- b) Grupo com situação de **moradia não regularizada**. [lideranças das áreas de invasão ilegais ou em vias de regularização como Vila Terra Santa e Gralha Azul]

A condição de moradia ao final das observações de campo, apresentou-se como elemento crucial para a construção da identidade local, pois aponta para uma morfologia social lastreada num “gradiente de estigma” que, em última análise, ordena a organização social dos diversos grupos que compõe o Tatuquara. Em decorrência de sua condição de moradia (legal ou ilegal), grosso modo, os diferentes grupos de moradores são definidos social, cultural e geograficamente mais próximos ou mais distantes das condições de “cidadãos” (estabelecidos) ou “marginalizados” (outsiders). Certamente existem os grupos que figurariam como "intermediários" nessa classificação, mas em regra geral os moradores se identificam como pertencentes aos conjuntos habitacionais ou com as áreas de ocupação.

Para os moradores das áreas de ocupação, a luta pela legalização dos terrenos, sua principal bandeira de luta, constitui uma forma de inseri-los num projeto mais amplo de cidadania, que envolve a reivindicação de acesso a serviços e equipamentos públicos.

Os efeitos da condição de moradia passam a adquirir certo relevo quando se observa o tipo de reivindicação veiculado ao jornal da Associação de Moradores Terra Santa.

[Jornal Associação de Moradores Vila Terra Santa, xérox.]

As lideranças do Tatuquara também seguem o critério local de classificação social segundo o padrão de moradia regular ou irregular; outra categoria importante utilizada neste trabalho de pesquisa, remete à noção de **mediadores culturais**, nos termos apresentados por Gilberto Velho.

Um outro papel que assume importância extrema dentro da complexidade sociocultural analisada, é o de mediador cultural. Trata-se do papel desempenhado por indivíduos que são intérpretes e transitam entre diferentes segmentos e domínios sociais. De certa forma, é o oposto sociológico do homem marginal esmagado entre dois sistemas culturais. Esses brokers, mediadores, tornam-se especialistas na interação entre diferentes estilos de vida e visões de mundo. Embora, na origem, pertençam a um grupo, bairro ou região moral específicos, desenvolvem o talento e a qualidade de intermediarem mundos diferentes. (Velho, 1994: 81)

Os líderes do Tatuquara que poderiam ser classificados como mediadores culturais, estariam dentro da categoria mais geral denominada **Mediadores Culturais Formalizados**. Dentre estes, se destacariam as Associações de Moradores, os representantes religiosos católicos e pentecostais, comerciantes dentre outros líderes locais.

De acordo com os estudos de VELHO e KUSCHNIR (2001) referindo-se ao caso de grupos sociais marcados por “fronteiras” mais definidas, como acredito, ser o caso dos grupos que compõem o Tatuquara, é comum a presença do mediador, atuando como elo de ligação entre determinado grupo local e o mundo de “fora”, sendo sua característica primordial a transposição de barreiras geográficas e simbólicas.

Em sociedades complexas onde expressões de individualismo e holismo podem revelar-se em combinações híbridas como salientam DaMATTA (1993) e PEIRANO (1983) dentre outros, a presença do mediador pela sua “interlocução de mundos”, não raro, expõe uma variada gama de tensões e conflitos engendrados por diferentes visões de mundo.

O trabalho de pesquisa no Tatuquara apontou duas posições em relação ao estigma, até certo ponto antagônicas, identificadas tanto no plano discursivo quanto nas práticas

sociais veiculadas por dois grupos relevantes no bairro, a saber: entre os referidos mediadores culturais e os diversos grupos de rappers locais. As posições são as seguintes:

- a) Os mediadores culturais institucionalizados apresentam recorrentemente estratégias (práticas sociais e discursivas) de **reversão e desconstrução** da imagem estigmatizada do Tatuquara associado a “bairro violento”.
- b) Os rappers entendidos aqui enquanto grupo com uma visão particular sobre o bairro e seu estigma de “bairro violento”, por sua vez, apresentam estratégias discursivas de denúncia e explicitação de sua condição de estigmatizados como supostos “marginais”; inclusive revertendo tal atributo “negativo” no sentido de uma valorização de seu status local em relação a outras “galeras” de bairros vizinhos da região sul de Curitiba.

### **5.1 Estratégias discursivas e práticas sociais de reversão de uma imagem negativa.**

Com a intenção de exemplificar a dinâmica dos mediadores culturais e suas distintas estratégias discursivas diante do problema do estigma de marginalidade do bairro, cito minha experiência com dois informantes significativos, são eles: D. Cleusa Capato, Presidente da AST (Associação S.O.S. Tatuquara)<sup>38</sup>, uma mediadora institucionalizada e Adilson Mendes, líder informal (porém em vias de formalização) da ocupação Galha Azul.

No primeiro caso seleciono dois trechos na fala de D. Cleusa onde peço sua opinião sobre o problema do tráfico de drogas e sobre eventos violentos corridos no bairro, como homicídios, assaltos etc. Note-se que em relação a sua resposta D. Cleusa num primeiro momento admite a existência da violência e do tráfico de drogas no bairro, entretanto num

---

<sup>38</sup> O próprio nome que as lideranças do conjunto “Moradias Santa Rita” elegeram para sua associação, onde D. Cleusa Capato é a presidente, revela que a questão da segurança no bairro é o item “número um”, da agenda de prioridades daquele grupo de moradores. A população literalmente manda um “S.O.S” à esfera pública, muito embora o discurso de D. Capato, como representante formal do grupo, refute veementemente a questão da violência e das drogas no bairro, preferindo ressaltar outras questões sociais como o apoio às crianças e jovens do bairro com ênfase em ações voltadas para a educação e oferta de trabalho.

segundo momento (momento de reflexão e reelaboração do pensamento) esses mesmos elementos, violência e tráfico, são sistematicamente atenuados, ou remetidos ao passado.

Ozanam - E qual é o maior problema do Conjunto Santa Rita-Tatuquara ?

Cleusa- Hoje em dia pra nós o maior problema com certeza é a segurança. É o que a gente tá tentando investir é na segurança. Tentando conseguir melhorias é na segurança. O restante tá assim... não tá grandes coisas. A infra-estrutura não tá grande coisa, mas dá pra agüentar um pouquinho, agora a segurança realmente... se bem que já foi pior.

O. E quais são os maiores problemas ?

C. Ah nós temos aqui arrombamento, tráfico, menores, drogados, a gente tem de tudo aqui. Tudo e mais um pouco. Então o nosso problema aqui é muito sério. Se bem que já foi pior sabe. Hoje em dia a gente pode considerar bem melhor. (Capato, 1999: 2)

O foco discursivo de D.Cleusa Capato é estrategicamente redirecionado para os pontos positivos do bairro dando ênfase às melhorias conquistadas. Tal estratégia discursiva, reforça seu status de **mediadora cultural institucionalizada**, visando prestígio e poder político.

Desta forma, D. Cleusa Capato opera:

a) como verdadeira “porta-voz” diplomática, evitando questões desabonadoras referentes ao grupo social que representa e

b) evitando questões “espinhosas” e ressaltando as melhorias conquistadas junto aos poderes públicos (postos de saúde, posto policial, creches, praças) D. Cleusa galvaniza sua imagem de “chefe local” com bom trânsito junto aos representantes das esferas públicas. Convém lembrar que a figura do político, para o senso comum, é a da uma “pessoas”, que detém a qualidade que os “homens comuns” não possuem: o acesso a bens materiais e simbólicos concentrados na figura um tanto abstrata do Estado. Vejamos mais adiante, mais outros trechos da fala de D. Cleusa Capato que confirmam tal observação.

Em outro momento da entrevista, quando D. Cleusa comenta o convívio com bandido no bairro, ela procura transmitir uma imagem de harmonia, de respeito mútuo, mesmo se tratando de pessoas em fronteiras sociais antagônicas. No seu discurso mesmo quando ela interage com os bandidos locais, os contatos são marcados pela cordialidade, seguindo as regras de interação do sistema *face-to-face*:

Ozanam - Com é a convivência dos moradores com digamos os bandidos locais.

Cleusa - Bom eu diria pra você que a minha convivência com eles é ótima sabe. É aquela história, quando você não pode com o bandido, infelizmente você tem de se aliar a ele. Eu sempre digo, não é aliar a ele, dele vim entrar na tua casa tomar café na tua mesa, ou você ir tomar café na casa dele. Mas é você cumprimentar quando você encontra com ele na rua. É você conversar se ele vier te pedir alguma coisa e se tiver dentro do teu alcance e você ajudar, mas a convivência deles com a gente aqui é excelente, tanto é que eu moro aqui há dois anos e nunca fui assaltada graças a Deus. Nunca tive problema nenhum.

(Capato, 1999: 7)

Como exemplo de mediador cultural não institucionalizado, cito agora o caso de Adilson Mendes que se ressentido da pecha de “marginal” por ser morador da ocupação Gralha Azul. Por uma via muito distinta do que se observa com D. Cleusa, Mendes procura elaborar um discurso de reversão do estigma de marginalidade atribuído à ocupação Gralha Azul, assumindo que no “bairro” existe sim muita violência, mas com uma estratégia argumentativa sofisticada, ele menciona o fato de que a “área” que o grupo atualmente ocupa, antes era um local ermo, perigoso, local de “desova de cadáveres”, mas com o advento da ocupação Gralha Azul, tudo mudou. Neste sentido, o discurso de Mendes sugere que a presença das 50 famílias que compõem a ocupação Gralha Azul na verdade ajudaram a “valorizar” aquela área do bairro, antes local “abandonado” e utilizado para prática de diversos crimes.

Na fala de Mendes, a presença de “gente” no local teria espantado os bandidos e portanto o crime, melhorando inclusive o espaço antes tomado por matagal e lixo. Percebe-se que o líder da ocupação Gralha Azul ressemantiza (tal como os rappers o fazem com sua representação visual e discursiva como “marginais”) sua condição “marginal” por morar numa invasão podendo ser expulso pela polícia a qualquer momento. Nestes termos, ele constrói uma auto-representação “positiva” da condição dos moradores (seus liderados) pela transformação do espaço natural (anteriormente mata nativa) considerado “perigoso” para um “espaço socializado”, “civilizado”, pautado pela solidariedade dos membros do grupo para resolver suas carências. Nos termos apontados por Velho e Kuschnir (2001) Adilson Mendes opera discursivamente com uma característica própria dos mediadores culturais, a de serem *brokers*, exercendo a função simultaneamente de "tradutores e intérpretes" de diferentes domínios e províncias de significado entre mundos distintos. Observemos com atenção a fala de Mendes:

Ozanam Souza - Adilson parece que você queria falar alguma coisa sobre o problema do que vocês esperam do que vai acontecer no futuro de vocês. Você queria comentar alguma coisa ?

Adilson Mendes- Seguinte o que o Luis falou aí é só isso aí. A onde aqui não existia acesso de ninguém, aqui era uma coisa de vândalo mesmo, de malacos, assalto, vários desmanche de carros.

O. S. - Nessa região ao longo da linha do trem ?

A. M. - É daqui até quinhentos metros aqui, é tudo lugar de desova de cadáver, desmanche de carro, hoje em dia graças a Deus, aqui nessa área aqui, aconteceu uma vez, mas a gente preserva a área, o nosso pessoal aqui mesmo não se envolve com esse povo.

O. S. - Aconteceu o que algum homicídio ?

A. M. - Acontece, é vários... isso é muito difícil a semana que não vai dois três nessa região.

O. S. - É mesmo ? Mas aqui no "cantinho do céu " não ?

A. M. - Não nós aqui não temos esse tipo de problemas com esse pessoal.  
(Mendes, 2001:5)

Em outro momento de uma entrevista com Adilson Mendes, em trecho citado a seguir, a violência do bairro é descrita por ele como um quadro de anomia, de desorganização social, como um estado de coisas do passado para ser imediatamente contrastado com o presente, mais calmo, ordenado pelas regras de convivência do grupo que compõe a ocupação Galha Azul. Neste sentido, Mendes reforça o padrão recorrente entre os mediadores culturais formais no Tatuquara em positivar a condição de existência do grupo e do território que ocupam no presente.

Ozanam Souza - E dizem que o problema que o Tatuquara no geral tem fama de ser muito perigoso, um bairro muito violento, o que você diz disso ? Você diz que acontece em alguns locais, como é que é ?

Adilson Mendes - O bairro é muito violento sim. É muito violento.

O. S. - Que tipo de violência acontece ?

A. M. - Muito homicídio, estupro, assalto, isso aí é freqüente. Essa área mesmo aonde nós tava, era acampamento de malaco assaltar os outros. Agora todo mundo passa aqui, não existe mais assalto na área; existe, existe, mais pra cima mais pra baixo, mas aonde nós tamo nós não acoitamos esse tipo de vagabundo não. (Mendes, 2001:6)

Como nos sugere Velho e Kuschnir (2001) o “potencial de metamorfose” dos mediadores, sua capacidade em transitar entre mundos, sobretudo pela manipulação de diferentes códigos e papéis sociais, incluindo aí as possíveis representações do *self*, configuram os fundamentos de uma identidade fluída, dinâmica e complexa, atributos próprios do mediador.

Um exemplo concreto deste potencial de metamorfose inerente aos mediadores culturais e que particularmente me marcou durante os trabalhos de campo, foi mencionado numa entrevista com D. Rosalina Siqueira, presidente da associação de Vila Terra Santa, que além das atribuições sociais de suas funções, ainda atuava como uma espécie de “oficial de justiça” local, pois os policiais militares da região pediam a ela que entregasse “intimações de justiça” aos moradores da Vila. Segundo D. Rosalina, a desculpa dos policiais ao pedir tal “favor” era de que desconheciam a área e os moradores, além do acesso difícil e a precariedade das ruas que poderiam atolar as viaturas em dias de chuva.

Essa ambigüidade de funções que engendra a figura do presidente de associação como mediador, onde as esferas do público e do privado freqüentemente se confundem e se justapõe, acaba por sintetizar o sentimento de *apartheid* material e simbólico que os moradores das ocupações como Terra Santa vivenciam cotidianamente em relação aos serviços públicos e o Estado. Vejamos o depoimento de D. Rosalina Siqueira.

Ozanam - E daí deles [os policiais militares] ficarem perguntando pra Sra. de busca do pessoal pra prender, não coloca a Sra. numa situação ruim diante dos outros moradores ?

Rosalina - Olha assim no caso de prisão eles não vem na minha casa, porque eu acho que é uma coisa que eu não tenho nada com isso, agora caso de informação eles vem sim. Sempre tão parando na minha porta, perguntando aonde fica tal rua, se eu conheço fulano, conheço cicrano, ou se alguma intimação que eles não conseguem achar a casa, eles deixam pra mim entregar.

O - E a Sra. entrega a intimação daí ?

R. - É se for do meu lado aqui eu sou obrigada a entregar, principalmente se estiver chovendo.

O - Por que daí eles não entram ?

R. - Daí eles não tem como entrar. Então como aqui tem um pouco de saibro na frente, eles tem mais acesso na minha casa. Mas só que é uma coisa chata também.

O - E daí a Sra. entrega e como é que o povo reage com isso aí ?

R. - Se eles tem alguma culpa no cartório eles tem que ir lá, ou vai ou não vai, porque eu não sei do que se trata, eu também não vou perguntar.

O - Mas a Sra. só entrega e vai embora ?

R. - Eu falo: a polícia veio aí na minha casa, deixou uma intimação pra entregar pra você, não sei o que você fez, não me interessa, tá ó.  
(Siqueira, 2002: 6)

Os moradores e líderes das áreas ocupadas irregularmente, como é o caso da ocupação Gralha Azul e Terra Santa, queixam-se de discriminação tanto da "sociedade englobante", da má fama de locais violentos e reduto de marginais que os bairros vizinhos lhes imputam, mas também de um "preconceito interno" por parte dos moradores dos conjuntos habitacionais como Jardim da Ordem e Santa Rita por estes possuírem infraestrutura básica (luz, água, telefones, policiamento etc.) e equipamentos da prefeitura que as áreas irregulares não possuem. Depreende-se daí que a condição de "cidadão" ou "marginalizado" entre moradores com situação regular ou irregular de moradia, aparece como condições de forte distinção social, concretizada pelos limites territoriais entre os grupos. Tal situação pode fazer com que vizinhos de quadra num mesmo conjunto habitacional estabeleçam circuitos de sociabilidade muito bem demarcadas, "pedacinhos" no dizer de Marcos Alvito (2001).

Vejamos o exemplo da fala do rapper Allan Lustoza Freitas que é morador do Jardim da Ordem e vizinho de quadra da ocupação "Beira Rio" e que atesta conflitos entre o grupo rapper de Freitas e a presença do tráfico de drogas na ocupação Beira Rio delimitando territórios de "livre acesso", "acesso restrito" e, no limite, "acesso vedado":

Ozanam Souza - Mas qual é o conflito ?

Allan Freitas - Não a gente não tem conflito com eles, é mais porque a gente não usa droga.

O.S. - É mais porque eles usam droga ou o quê ?

A.F. - Eu penso assim, quanto mais o movimento [Rap] cresce, mais a gente passa a mensagem que usar droga é ... um monte de coisa a gente explica e eu acho que eles pensam que a gente tá tirando os caras de lá pra vir pra gente. É assim que a gente pensa e daí os caras ficam de cara. E daí dizem: esses caras não usam drogas e tal.

O.S. - Mas vocês já tiveram algum conflito ?

A.F. - Não conflito nós nunca tivemos.

O.S. - Porque vocês são praticamente vizinhos.

A.F. - A gente conhece todos eles.

O.S. - E como se divide o espaço deles e o de vocês ?

A.F. - Ah eles ficam mais pra lá, a gente fica na nossa.

O.S. - Mas por exemplo eu tô aqui e se você fosse me explicar qual é a região deles e qual a de vocês como é que você me explicaria, por causa da Rua ?

A.F. - Bom tem um beco ali embaixo você entra ali, saiu da daquele beco e passou pra entrou na rua você tá na tua [área], você entrou pra dentro daquele beco você tá na deles.  
(Freitas, 2000:12)

Percebe-se na fala de Freitas, jovem rapper local que mesmo não se tratando de uma “liderança” instituída como são os presidentes das Associações de Moradores, um claro posicionamento em favor de distinguir-se de seus vizinhos moradores da Beira Rio, associados ao tráfico, e por isso associados à imagem de “marginal”. Freitas reafirma ao longo da entrevista sua condição de rapper (contestatório de sua condição social), porém desvinculado do universo do “crime” e das drogas, práticas associadas à ocupação Beira Rio.

## 5. 2. A multi-vocalidade dos rappers do Tatuquara

Jardim da Ordem, Vila pesada que nada !  
É mentira, assalto e morte toda  
madrugada.

"Ruas do Jardim" - Claudio-Vô

Antes de iniciarmos uma incursão ao contexto cultural dos rappers do Tatuquara, quero salientar que tomei como núcleo de análise as letras de suas músicas e o conteúdo de entrevistas e anotações realizadas no período de trabalho de campo compreendido no primeiro semestre de 2001.

A seguir passamos à análise das letras<sup>39</sup> de “Ruas do Jardim” e “Bicho Solto” de autoria de Nilson Teófilo e Cláudio (Vô), do grupo **Atitude Negra**.

### **RUAS DO JARDIM**

(Atitude Negra)

Letra: Claudio (Vô)

Andando nas ruas do Jardim  
contente e tudo e com todos  
minha vida tava sorrindo  
percebendo o barato de alegria  
das pessoas que passavam do meu lado  
várias crianças se divertindo  
debaixo da torre de alta tensão  
da minha área  
Jardim da Ordem, Vila pesada que nada !  
É mentira, assalto e morte toda madrugada  
Somos Atitude Negra, não demagogia  
Cantamos Rap pesado e os fatos que ocorrem  
dentro da periferia  
Em versos Tribuna [do Paraná], jornal ou Hipocrisia  
pega o podre de semana e esconde o que é bonito  
de cada dia  
Periferias de Curitiba  
Quem luta aos poucos está morrendo  
de overdose de mentira que estão lendo  
A verdade está diante de você

<sup>39</sup> Ao reproduzir as letras de algumas músicas, preferi mantê-las na íntegra, tal como os próprios rappers me forneceram ou como pude transcrever enquanto cantavam para mim; esta atitude tem a intenção deliberada de manter o universo sintático e semântico tal como se expressam na língua “nativa” falada ou escrita pelos meus informantes, interferindo no mínimo possível.

pois em vida ou morte  
 ela pode te foder  
 Mas que se foda, deixa acontecer  
 Pois os donos dos seus olhos Mano,  
 não sou eu é você

Periferia é festa  
 é emoção (2x)  
 é Rap todo dia

Muitas coisas erradas estou vendo  
 no final  
 Meia dúzia periférica  
 terrorismo e coisa e tal  
 Mortalidade infantil, assassinatos,  
 drogas em geral  
 É a culpa do preconceito  
 que impõe sua moral  
 destruidores da auto-estima  
 Isso é o que vocês são  
 Eu não sou ignorante  
 mas por você não dou razão  
 Periferia ainda tem seu lado bom

Periferia é festa  
 é emoção (3x)  
 é Rap todo dia

É por isso que eu ando  
 nas rua do Jardim  
 se existe lado ruim  
 é o esquecimento  
 Esquecimento de pessoas  
 que moram lá  
 Por isso eu peço a Deus meu grande pai  
 que abençoe a todas as  
 periferias com muita paz e amor  
 em vulgos relatos  
 eu lhe digo  
 Que os últimos serão os primeiros  
 Se existe certo maluco na quebrada  
 com a mente possuída e perturbada  
 fazer o quê ?  
 O mal que se faz  
 aqui mesmo você paga  
 Curitiba  
 Jardim da Ordem

minha quebrada  
 Que Deus tenha todos  
 os manos que morreram  
 de parada errada  
 Somos Atitude Negra  
 e não pagamos pau  
 para sistema nenhum

Periferia é festa  
 é emoção (4X)  
 é Rap todo dia

Cê qué vê como que é ?  
 vem pra cá um dia.

**BICHO SOLTO**  
 Atitude Negra  
 Letra de Nilson Teófilo

MANO BICHO SOLTO  
 ANTENDIMENTO VIA VERBAL  
 ATITUDE FIO DÁ PELE  
 PRA CURTI NA MORAL

OCORRENCIA RAPIDA  
 RESPOSTA LENTA  
 FALE SOMENTE O NECESSARIO  
 DE HOLHO NOS MEGANHA  
 BATIDA ROTINEIRA  
 NO BIT DA REALIDADE

POIS SE LIGA NA BANCA  
 POIS AQUI NÃO ROLA TRAIRAGEM

FAVELA, POBREZA  
 O CRIME NÃO COMPENSA  
 DROGAS ARMAS GERANDO  
 A VIOLENCIA

POIS O CRITÉRIO AQUI NA AREA  
 ALEM DO CILENCIO A MALANDRAGEM  
 NADA ME ABALA

EU LEVO DEUS A MINHA VOZ  
QUE MUDE ESSA PORRA MANO  
PRA MELHOR

CUANDO AS MAO NOS PRENDE  
A MENTE NOS LEBERTA  
ESTAMOS MANDANDO  
NOSSA MENSAGEM  
COM A MENTI ABERTA

ENTÃO EM COUQUER QUEBRADA

DO BRAZIL O SISTEMA SEGUE FEBRIL  
OS NOSSOS VERDADEIROS INIMIGOS  
RI NO SOFÁ DE TERNO E GRAVATA  
COMENDO CAVIAR

FICA DIFÍCIL IR ALEM NESSA GUERRA  
IRMÃO CUAU SERA O PRIMEIRO A DIZER  
AMEM

NUNCA VÃO CALAR A NOSSA BOCA  
PORQUE SACO VAZIL NUNCA  
PARA EM PÉ  
A SOCIEDADE SEMPRE VÊ VOCÊ  
COMO UM MANÉ

NÃO OUSA O QUE DIZEM  
OBISERVEM O QUE FAZEM  
ATITUDE É CONSCIÊNCIA  
É A NOSSA MENSAGEM  
POIS O DIABO NÃO TEM RABO  
NÃO É VERMELHO  
EM CIMA DO MORRO  
É VENDA EM PEDRA

O POVO BRAZILEIRO PRECISA  
DE MAIS INFORMAÇÃO  
NÃO FICA PAGANDO PAU  
PRA GRINGO CUSÃO  
QUE ACHA QUE O BRAZIL  
É A ALEGRIA É DIVERSÃO  
UM OTÁRIO ILUDIDO PELA TELEVISÃO

ALEGRIA E BELESA SÃO  
ESCONDIDAS DOS FAVELADOS  
ATITUDE NEGRA

VAMOS DAR NOSSO CARTÃO POSTAL  
NÃO PAGAMOS PAU  
PRA COMEDIA E TAU

DIRETAMENTE DO LADO ESQUECIDO  
DA CIDADE PERIFERIA ZS [ZONA SUL]  
A REALIDADE !

O SENHOR É MEU PASTOR  
E NADA ME FALTARÁ  
RAJADA DE PALAVRAS  
PRA MIM NÃO VAI FALTAR

PODE VIR COM AS SUAS GARRAS  
AFIADAS PODE CRE QUE PRAGA  
NÃO ME PEGA NADA

ESTOU NA TERRA COMPRINDO  
UMA GRANDE JORNADA  
SOU O MENSAGEIRO DA PAZ

É COM AS NOSSAS RIMAS  
VAMOS MOSTRAR QUE O MUNDO  
DO CRIME NÃO TE LEVA A NADA  
ATITUDE NEGRA ALERTANDO  
A RAPAZIADA

POIS O DIABO NÃO TEM RABO  
NÃO É VERMELHO É AQUELE  
QUE VENDE EM CIMA DO MORRO  
E VENDE EM PEDRA

Estas duas letras de música como também minhas observações de campo e trechos de entrevistas com Nilson Teófilo, são objeto de análise deste capítulo, sobre as formas expressivas de um parte integrante do universo cultural jovem do bairro. Trata-se de um grupo com contornos bem delimitados, constituído pelo que podemos chamar da “comunidade rapper” do Tatuqura.

Com relação ao discurso rapper, pretendo apontar algumas ambigüidades/ambivalências presentes nas mensagens, sejam por meio das letras (naquilo que elas denunciam explicitamente, sejam em suas entrelinhas e naquilo que ocultam a um ouvinte, observador alheio a esse universo), seja nas conversas informais, entrevistas e nos

trabalhos de grafite que o grupo realiza no bairro. Acredito que estas diferentes formas de expressão são reveladoras das ambigüidades que compõem o “universo do rap”.

As palavras de M. Herschmann são esclarecedoras nesse sentido:

"Tanto o funk quanto o hip-hop são modalidades da cultura popular e de massa do mundo globalizado. Portanto, apropriam-se e são eles mesmos apropriados e consumidos por diversos grupos e segmentos sociais, assim como pela indústria em geral. São reprodutores e, ao mesmo tempo, "subversivos" das modalidades oficiais".  
(Herschmann, 1997: 82-83)

No caso do rap produzido no Tatuquara, que as duas letras ilustram exemplarmente, a forma de "rebeldia", de denúncia quanto a uma estrutura social desigual e excludente, assume uma forma de narrativa que encontra no estigma e no universo da marginalidade (que parte lhes é imputada, mas que efetivamente eles vivenciam) o *tour de force* de sua mensagem. Diferentemente do gangsta rap carioca, ou do conteúdo "criminalizante" (onde o crime/tráfico é exaltado e o polícia alvo de escárnio e deboche) das letras executadas nos Bailes de Comunidades referidos por Herschmann (1997) e Guasco (2000), o contexto do rap no Tatuquara, ilustrado por suas letras, opera em sentido contrário. Seguindo os objetivos dos mediadores institucionalizados que vimos anteriormente, os rappers do Tatuquara parecem preocupados em reverter o estigma de marginalidade que lhes é veiculado, seja pela indústria midiática, seja como resultado da chamada Cultura da Violência comentada no começo deste trabalho por Luís Eduardo Soares.

Acredito que esta distinção entre o tipo de rap feito nas comunidades cariocas (gangsta rap) e paulistanas em relação aos rappers do Tatuquara é radicalmente oposto e sugere diferenças de configuração interna muito específicas. Os rappers do Tatuquara preocupam-se prioritariamente em exercer uma denúncia (quase como um exorcismo de sua condição estigmatizada, tamanha a urgência e intensidade de suas performances-protesto) de sua condição de exclusão social. No caso do Rio de Janeiro (de onde provém a maioria dos estudos sobre estilo cultural Hip-hop, funk e rap) o gangsta rap nas "comunidades" caracteriza-se justamente por exaltar os "protetores" dos morros em detrimento do aparato policial e da "lei", evidenciando o descrédito nas instituições do poder público, até mesmo o Judiciário.

A ambivalência que parece impor-se sobre os rappers do Tatuquara, cujas letras -Ruas do Jardim e Bicho Solto- são emblemáticas, articula-se nos seguintes termos: os

grupos almejam reverter o estigma de marginalidade que lhes é atribuído, destacando os pontos positivos do bairro, os valores humanos tais como a solidariedade e a sociabilidade festiva (Ruas do Jardim). Tomando a mensagem de Ruas do Jardim como objeto de análise, o discurso ali referido procura desconstruir qualquer menção negativa imputada ao Jardim da Ordem, local onde moram seus compositores. Diferente do clima de violência cotidiana, de exclusão e "clima de guerrilha urbana" como Paulo Guasco (2000) observou no contexto de Capão Redondo na periferia de São Paulo, Ruas do Jardim procura veicular (ao menos ao nível do discurso) um cenário de paz, harmonia e de sua "área".

Parafraseando o universo cultural do samba, arrisco dizer que Claudio (Vô), em **Ruas do Jardim**, compôs um "rap exaltação"; como aliás é próximo do tipo de temática efusiva, festiva e celebratória dos funkeiros cariocas em relação as suas "comunidades".

No entanto, o mote da canção/discurso de "bicho solto", é a própria expressão da denúncia do estigma de marginalidade. Neste rap utiliza-se uma verborragia assentada no conflito, no embate virulento, utilizando-se portanto, dos códigos da "cultura da violência" que este discurso objetivava denunciar.

Em outros termos, o que transparece a partir dessas letras e no trabalho de campo é que os rappers do Tatuquara acabam reféns de seu próprio meio de expressão, ou seja, procuram denunciar todo tipo de violência que o "sistema" lhes impõe, inclusive o estigma de marginalidade, no afã de restaurar "a verdade" sobre seu local de moradia (e sobre eles mesmos) incorporando expressões do rap nacional que veicula a imagem de uma "guerrilha urbana" entre as "periferias" e os representantes do *establichment*. Os rappers que encontrei no Tatuquara querem falar de paz, sobretudo desvinculando-se do mundo das drogas, entretanto enquanto rappers estão "condicionados" a se expressar na forma de uma "guerrilha verbal".

A letra "Ruas do Jardim" constitui, portanto, uma clara denúncia do estigma territorial, ao mesmo tempo em que constrói uma ressemantização dos valores negativos atribuídos aos moradores do Jardim da Ordem e por extensão ao próprio Tatuquara, seguindo a mesma dinâmica denunciatória que verificamos no discurso contundente de Adilson Mendes.

O sentido explícito da letra é devolver (ou melhor contra-atacar, no estilo de uma "guerrilha verbal") os atributos negativos que lhes são imputados pelo universo midiático,

num jogo de acusação e contra-acusação. Numa cidade de tradição notadamente conservadora como Curitiba, a imagem apropriada é a do duelo entre Golias e o gigante.

A fala de Nilson Teófilo em uma das entrevistas ilustra bem a tensão existente entre estes campos representacionais em conflito:

"(...) Pompéia e Jardim da Ordem não tem nada que tirar em termos de violência. A violência é igual nos dois lugares. Porque morre gente lá, morre gente aqui. Então a mídia em termos do Jardim da Ordem, se sai alguma coisa que rola aqui, nossa você pega o jornal pra ler, você pensa que Jardim da Ordem é um inferno, é um Rio de Janeiro, é um morro do Rio de Janeiro, porque os caras caem de pau mesmo. Jardim da Ordem vamos supor, se rola uma morte aqui, neguinho fala: "Jardim da Ordem, Vila sangrenta !", "Jardim da Ordem lugar que Deus amaldiçoou"." (Teófilo, 2000 : 11)

A mídia escrita é acusada pelos rappers de caluniosa, preconceituosa e leviana. Neste contra-ataque discursivo, os rappers resgatam a questão do preconceito racial, assumindo a posição de porta-vozes das minorias raciais e das periferias em geral.

Neste sentido, vejamos a fala do rapper Nilson Teófilo:

Nilson- ... a gente tava conversando e a gente vai fazer uma letra inspirada mais no estilo da invasão. Vamos tentar fazer uma letra de rap, vendo o que acontece desde o começo da invasão até o final. E a gente não pode chegar numa rede de televisão e falar assim, sobre uma invasão, a gente pode falar, explicar o que é uma invasão o que se passa nela, o **objetivo que gente... o objetivo que eles querem**. A gente não tem esse ponto de vista pra chegar e falar então a gente se expressa nas letras.

Ozanam- Por que você acha que não pode falar na televisão?

Nilson- Ah, eu acho que tipo assim, a mídia encobre essas coisas ta ligado. A mídia tenta abafar essas coisas. Ela não expande pro mundo inteiro saber o que está acontecendo. Elas não querem saber se a gente ta ali porque tá precisando. Porque tem muita gente que ta ali... que não precisa, mas tem muita gente precária ali no meio, tem muitas crianças, tem muitas famílias que não tem lugar pra morar, você pode ver, mora num barraquinho, na casa de um vizinho ou sei lá, uma coisinha de nada, ou então mora de aluguel e vai pagar o quê ? Tem pai de família que ganha o salário mínimo, cento e cinquenta e poucos reais de salário mínimo pra pagar aluguel, comida, roupa pra criança de escola, tem muita gente aqui que não tem essa capacidade então acontece o quê ? Acontece uma coisa dessas, invasão. Então a gente quer... A mídia não mostra esse lado bom.  
(TEÓFILO, entrevista concedida em 28 de nov. 2000)

O discurso rapper se auto-define como porta voz de uma verdade, não uma verdade filosófica, metafísica, mas a “verdade das ruas”, construída nas relações e nos embates cotidianos. Trata-se de uma “realidade periférica” no dizer de alguns de meus informantes. Tais categorias como “verdade” e “realidade”, como aliás observou com agudeza Paulo Guasco com relação aos rappers de São Paulo, transformam a “verve rapper” numa espécie de “munição ideológica”, que no contexto rapper seria mais adequado dizer como “anti-ideológico” num cenário entendido por eles como de uma “guerrilha urbana” contra uma sociedade que os condena a viver uma outra “realidade”, a “realidade periférica”.

O discurso e a estética a violência constituem-se como um gesto de agressão e defesa, uma forma de se afirmar e se impor, para ser temido pelo próprio mundo que os (nos) apavora.  
(GUASCO, 2000: 194)

Os rappers do Tatuquara demonstram manipular a “identidade marginalizada”, isto é, o estigma de marginalidade em mais de um sentido, sobretudo quando procuram reverter o estigma enquanto um atributo negativo imputado “de fora”. Para tanto, ressaltam os atributos positivos de seu grupo local, como solidariedade, honestidade e a identidade de “trabalhadores” legalizados em oposição à imagem de marginais/traficantes que operam na ilegalidade. Interessante que os valores positivos ressaltados remetem à noção de “homem de bem” veiculada pela estrutura social englobante (a esfera macro-sociológica), justamente de onde parte originalmente a produção do estigma de marginalidade.

Por outra via esta mesma noção de marginalidade e/ou periculosidade é acionada com status positivo, na medida em que expressa poder. Há uma força nesse suposto “potencial de periculosidade”, um reconhecimento social pela via da violência (real ou potencial) que decorre simplesmente do morar num bairro “barra pesada” e ser identificado como possível membro de uma gangue.

O acionamento do atributo “marginal perigoso” por membros dos grupos rappers como sinônimo de status e poder foi recorrentemente mencionado durante as entrevistas, porém remetido a contextos muito delimitados, prioritariamente a situações de encontro (e disputas de status) com outras galeras rappers (de outros bairros) ou em situações que evidenciavam a afirmação do grupo pela configuração territorial a que pertenciam.

A manipulação de identidades “periféricas” e “marginalizadas” pelos rappers, como modalidades de cultura popular de grupos jovens no Tatuquara, que se utilizam do próprio estigma por vezes em proveito próprio ou do grupo, acena para a multiplicidade e plasticidade de atribuições identitárias e de sociabilidade que os grupos rappers operam, em muitos casos subvertendo “modalidades oficiais” que os julgam ingenuamente vítimas indefesas, mas sobretudo impondo um discurso contundente sobre o mundo que os cerca. Como disse certa feita Michel Foucault, onde há poder, há contra-poder !

ANEXO

## Glossário Rap, Funk e Hip-Hop<sup>40</sup>

. **Área** = Pode significar a denominação oficial de “bairro”, mas também pode restringir-se a um território mais delimitado, uma “localidade” no sentido adotado por A. Leeds ou mesmo a um "pedaço" nos termos de Magnani, que identifica um determinado conjunto habitacional ou outros referências urbanos como uma praça, campo de futebol ou colégio. A noção de área para os rappers do Tatuquara refere-se aos limites territoriais que se justapõem aos espaços de sociabilidade/interação social de determinado grupo.

. **Back to back** = Tipo de percussão feita com a colagem e repetição de trechos de músicas iguais e/ou diferentes. O DJ utiliza dois toca-discos para este tipo de operação

. **Break** = Dança do hip-hop. Os movimentos são quebrados, mecânicos, robotizados.

. **DJ** = Disc Jôquei; discotecário. É quem comanda o som e, por conseguinte, o baile. No caso dos rappers do Tatuquara, a figura do DJ pode, às vezes, compartilhar com o MC a função de cantar os Raps. Porém quando isso acontece, geralmente o DJ atua como backing vocal, como uma voz auxiliar ou de fundo ao cantor principal que é o MC.

. **Grafite** = Desenhos coloridos e densos que são feitos nos espaços públicos das cidades. Os grafiteiros fazem questão de frisar que sua produção nada tem a ver com pichação de rua. Em oposição à pichação, considerada vandalismo, o grafite possui o status de Arte, sendo que muitos grafiteiros consideram-se artistas plásticos.

. **MC** = Ao pé da letra significa mestre-de-cerimônias, cantor de rap.

. **Mixagem** = Mistura de músicas feita pelo DJ, utilizando-se do aparelho mixer.

---

<sup>40</sup> Glossário "sampleado" de Herschmann, M. **Abalando os anos 90**. 1997, porém revisado, adaptado e ampliado à realidade do universo rapper do Tatuquara usualmente veiculado entre meus informantes.

. **Rap** = Iniciais de *rhythm and poetry*. Pode-se dizer que para os funkeiros é ritmo & poesia (e eventualmente denúncia), mas para o hip-hop é especialmente ritmo, atitude e protesto. Tipo de música falada (verborrágica) e ritmada acompanhada geralmente pela bateria eletrônica, pelos sintetizadores, pelos samplers controlados por um DJ. Produzida por funkeiros e hip-hoppers em cima, em geral, a partir de bases norte-americanas. A diferença está no conteúdo da música e no tipo de base utilizada.

. **Sampler** = Instrumento que grava digitalmente qualquer som, que pode ser tocado com auxílio de teclado, bateria eletrônica ou computador. Da mesma forma que fazem com o scratch, freqüentemente os funkeiros e hip-hoppers usam o sampler para "piratear", "colar" sons nas músicas.

. **Scratch** = Utilização de toca-discos (pick-ups) como instrumento musical, destacando determinadas partes de uma canção ou movimentando os discos no sentido anti-horário, atritando o disco à agulha de modo a produzir o som de arranhado.

. **Seqüência** = Montagem feita pelo DJ com vários sucessos do momento.

. **Street dance** = Dança produzida pelos dançarinos de break. Muitas vezes nas festas estabelecem-se longas disputas entre os breakers de diferentes turmas.

**IMPRECISA PREMISSA**

(quantas curitibas cabem numa só Curitiba?)

Cidades pequenas  
como dói esse silêncio,  
cantilenas, ladainhas,  
tudo aquilo que nem penso,  
esse excesso  
que me faz ver todo o senso,  
imprecisa premissa,  
definitiva preguiça  
com que sobe, indeciso,  
o mais ou menos do incenso.

Vila de Nossa Senhora  
da Luz dos Pinhais,  
tende piedade de nós.

p. Leminski

## Cap. 6 - UM JOGO DE CONTRASTES. Da periferia ao centro de Curitiba.

Como ponto de partida para discutirmos o "jogo de contrastes" que permeia o trajeto da periferia ao centro de Curitiba, proponho focalizarmos nossa atenção sobre um cartaz que anunciava o **1º Festival de Inverno de Curitiba** realizado em Julho de 2001.

Circulando pela Praça Osório no Centro de Curitiba à época do evento, lembro-me que o dito cartaz causou-me um certo espanto, uma espécie de "estranhamento" e, ao mesmo tempo felicidade pois representava/materializava ali, diante dos meus olhos, multiplicado às centenas, a antítese entre "dois mundos" que em virtude da pesquisa no Tatuquara eu transitava, o mundo do "centro da cidade", da feira de alimentos "típicos" e artesanato com seu caráter "internacional", multiétnico, e a realidade do Tatuquara, "quase outra cidade dentro da cidade", um mundo à parte.

Como recém egresso das visitas a campo, senti-me eu um turista passando pela Feira de Inverno da Praça Osório, sensação reforçada pelos 20 quilômetros (uma hora de ônibus) que separam o Tatuquara do Centro de Curitiba.

Mas passemos à imagem na página seguinte:

[imagem 1º festival de inverno de Curitiba]

A foto mostra duas meninas que a julgar pelas roupas e sorrisos demonstram sua alegria pela chegada do inverno curitibano. A mensagem quase no centro da foto menciona: **"1º Festival de Inverno de Curitiba. Aqui o calor humano é a grande atração"**.

Primeiramente chamo a atenção para a imagem dos rostos das duas meninas, fechados quase em close onde à direita vê-se uma menina branca, loira, de cabelos longos e lisos, olhos azuis e pele rosada, à esquerda a outra menina, mulata, também de cabelos longos com tranças. Ambas estão vestidas com casacos e gorros de inverno com a luz do sol ao fundo cuja luminosidade reforça os tons coloridos de suas roupas, ao mesmo tempo que remete o espectador à idéia de calor e bem estar num ambiente frio. O texto **Aqui o calor humano é a grande atração**, vem reforçar os elementos de conforto e bem estar na "cena de inverno" que se vê nos sorrisos e roupas aquecidas que as meninas usam.

O texto acima referido quer transmitir algo muito além de um mero convite ao Festival de Inverno. As entrelinhas da mensagem estão a dizer subliminarmente: Aqui em Curitiba, a "capital social do Brasil" (slogam da atual gestão do prefeito Cássio Taniguchi), é o calor humano, a solidariedade e harmonia que marcam as relações entre diferentes estratos sociais. A imagem das meninas sugere conagração entre etnia/raças e grupos sociais heterogêneos, representados, porém, em igualdade de condições. Essa "estética Benetton" de Curitiba pretende sugerir harmonia e igualdade entre segmentos da nossa sociedade hierarquicamente/verticalmente desiguais, aliás muito bem demarcados social, econômica, cultural e espacialmente.

Se num primeiro momento o aspecto estético formal, a foto do Festival de Inverno nos remete à lembrança das campanhas publicitárias da Benetton, tal associação desvanece quando recordamos a fase mais "contestatória" da fotografia de Oliviero Toscani (diretor de arte da Benetton) e marca registrada da empresa de moda italiana, que buscava atingir seus clientes muitas vezes veiculando imagens impactantes em suas campanhas publicitárias, utilizando temas polêmicos à época como a AIDS, homossexualismo, religião, racismo e os conflitos étnicos envolvendo sérvios e croatas.

Nesse sentido, sustento que se por um lado a imagem do 1º Festival de Inverno de Curitiba incorpora (seleciona) elementos dessa "estética Benetton", como o multiculturalismo marqueteiro expresso na efusão e alegria das "colors" e rostos "exóticos" em close, por outro, a imagem do folder institucional acaba produzindo uma

mensagem “anti-Benetton”, pois **homogeniza** diferenças sociais, e o que é mais grave, **naturaliza** como questão de simples aparência social/cultural e étnica dos diferentes grupos sociais que compõem a sociedade Curitiba.

A imagem de Curitiba como uma cidade multicultural, multiétnica, onde as tensões decorrentes destas diferenças são escamoteadas, contudo, não é nova. Esta é uma reelaboração, uma atualização do “mito fundador” que sustenta a plausibilidade sociológica e política em nossa formação histórica, fundada narrativamente na “fábula das três raças” conforme DaMatta:

Pode-se, pois, dizer que a "fábula das três raças" se constituiu na mais poderosa força cultural do Brasil, permitindo pensar o país, integrar idealmente sua sociedade e individualizar sua cultura. Essa fábula hoje tem a força e o estatuto de uma *ideologia dominante*: um sistema totalizado de idéias que interpenetra a maioria dos domínios explicativos da cultura. (Da MATTA, 1984: 69)

Nessa citação DaMatta (1984) sugere que a "fábula das três raças", que a imagem do 1º Festival de Inverno de Curitiba instrumentaliza, possibilita pensar o Brasil como uma sociedade singular justamente pela ideologia do "encontro harmonioso" das três "raças".

Assim, a imagem contida na foto do Festival de Inverno de Curitiba, remete não apenas a esse passado histórico mitificado, mas à construção de uma auto-representação (assaz institucionalizada) da cidade como urbe moderna e “cosmopolita”, “cidade de primeiro mundo”. Nesse contexto, ocorre uma ressignificação do “mito fundador” de Curitiba, cidade constituída a partir da vinda de imigrantes europeus no final do século XIX, configurando-a como cidade com “feições européias” (um “Brasil diferente” no entender do crítico literário Wilson Martins), distinta do restante do país de colonização ibérica, sobretudo portuguesa, negra e mestiça. (DaMATTA: 1984 e MARTINS: 1989).

Atualizada, esta imagem traduz hoje o slogan da “Curitiba de terceiro milênio”, urbe cosmopolita que acolhe migrantes de todos os matizes sociais/raciais confirmando sua “vocação multi-cultural”, como bem convinha ao movimento paranista encabeçado por Romário Martins na década de 1920 em Curitiba. Ecos do passado ? De uma tradição reinventada há um século, como propõe Eric Hobsbawm ?

Para exemplificar o discurso oficial que veicula essa imagem ideologizada de Curitiba, sugiro que acompanhemos trechos de dois discursos de ex-prefeito Rafael Greca de Macedo na década de 1990.

Em seu discurso de posse, em 1992, Greca retoma o “mito fundador” da cidade, rememorado na figura do “imigrante pioneiro” – ele mesmo neto de italianos provindos da região no Vêneto na Itália, resgatando sua identidade cultural e étnica, onde o homem cresce junto da cidade. Nesse discurso a saga pessoal do político se confunde com o processo de urbanização da cidade. Imagem legitimada pela sua história de vida pessoal: na condição de prefeito eleito cabe-lhe administrar o futuro da cidade, e dada a sua condição de descendente dos “pioneiros”, um curitibano da velha cepa, curitibano "de origem"<sup>41</sup> realizar o sonho migrante de “fazer a América”.

"Como novo prefeito peço licença para que brilhem palavras antigas no ingênuo rio da memória.  
A cidade é minha casa.  
A casa da minha infância.  
Aqui joguei todos os folguedos de menino.  
Aqui desvendei os mistérios da vida.  
Na garupa de meu pai, o professor Dacheux, ia visitar as festas da cidade:  
o desfile do Sete de Setembro, as procissões.  
As três velhas igrejas - A Catedral, a Ordem e o Rosário - foram meus primeiros cenários.  
Povoaram estes cenários o padre Boleslau Falarz cantando a Aleluia; o "seo" Arsenio, sineiro da Catedral; a Dona Elza com suas broas de centeio; o armazém do Hilário onde comprava-se polvilho vindo da Lapa, a varanda da casa das minha tias, recortada de Lambrequins, onde eu constuía cidades inteiras com meus brinquedos; o homens verdes dos engenhos de erva-mate; os velhos pedreiros - João Caron, João Prosdócimo, Otávio Rudnick-; a casa do tio Dacheux, onde se aprendia a bater máquina e a consultar dicionários; os carrinhos de rolimã; as geadas no ponto de ônibus a caminho da escola; esta pedreira; aberta por homens como meu avô, que geraram as pedras que construíram a nossa cidade."(31/12/1992)

O “discurso de modernidade” de Curitiba pode ser apreendido em vários momentos, por exemplo na abertura do Dia Mundial do Habitat (em que Marshal Berman fez-se presente), evento no qual ao salientar a qualidade de vida de “primeiro mundo” de Curitiba, Greca se propõe a exportar este *knowhow* urbanístico para o resto do mundo (lembrando muito os discursos efusivos do saudoso Darcy Ribeiro sobre o retorno dos “filhos pródigos” ao velho mundo). Essa visão da cidade é bastante da Curitiba provinciana descrita nas memórias de Greca quando menino.

---

<sup>41</sup> É digno de nota as recorrentes referências de Greca sobre a importância da fé católica em sua vida. Nesse sentido Seyferth faz um comentário revelador da religiosidade como traço de identidade entre imigrantes italianos e poloneses: "Os colonos italianos, por exemplo, confundiam fé católica com nacionalismo e, segundo Azevedo (1982) a religião funcionou como catalisadora da *italianità* (italianidade)."(1990:83)

"No mundo do fax, do computador, no mundo da agilidade das ações, não é possível uma burocracia colonial instalada nos governos locais. Busca de qualidade, obsessão por produtividade e qualidade - esses são os sinais que essa Curitiba quer ver nos seus serviços públicos e recomenda a todas às cidades do mundo."(1995: 1-2)

E mais adiante descreve Curitiba como uma espécie de reino hedonista da pluralidade social/racial, "cidade de todas as gentes", reificando na retórica pelo abuso da metáfora, a falácia da "estética Benetton" mencionada anteriormente.

O espaço urbano é concebido pelo poder público como um “mercado” e os municípios como “consumidores”, sendo a construção de uma identidade igualitária social e cultural veiculada ostensivamente pela campanha de marketing como um produto a ser consumido pelos cidadãos. De maneira nenhuma podemos menosprezar as implicações que uma imagem positiva, estruturada em termos de igualdade e fraternidade inclusos no slogan “capital social” podem e devem render como dividendos políticos.

"Claro que a cidade moderna não exclui o conceito de beleza. Nós viemos ao mundo para ser felizes. E nós podemos ser do mundo com as caras da luz e os matizes dos arco-iris." (1995: 2).

Alguns elementos conformadores da idéia de urbe cosmopolita e moderna que a foto do Festival de Inverno de Curitiba sugere, remetem à visão de modernidade que Marschall Berman (1986) apresentava há quase duas décadas. Segundo esse autor a experiência de modernidade anula fronteiras geográficas, de classe, religião e ideologia.

"A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ele nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, "tudo que é sólido desmancha no ar." (BERMAN, 1986: 15)

A falácia da "fábula das três raças" que Roberto Da Matta denuncia, mas que até hoje vem sendo reproduzida nos bancos escolares, consiste no fato de que por trás a idéia de "democracia racial" camufla um sistema social hierarquizado e profundamente desigual; um sistema onde "cada um sabe qual é o seu lugar". Essa discussão põe a nú a mesma falácia dessa imagem reconstruída numa versão local, de "igualdade na multiplicidade" que subjaz à foto do 1º Festival de Inverno de Curitiba, mencionada. Mascarada em uma

linguagem mais moderna, o seu ideário remonta aos clássicos ensaios de G. Freyre sobre a convivência "afetiva" entre a "casa grande" e a "senzala". As palavras de Da Matta (1984) são elucidadoras da lógica que rege as relações sociais no Brasil:

"Assim a lógica de sistema de relações sociais no Brasil é a de que pode haver intimidade entre escravos, superiores e inferiores, porque o mundo está realmente hierarquizado, tal e qual o céu da igreja católica, também repartido e totalizado em esferas, círculos, planos, todos povoados por anjos, arcanjos, querubins, santos de vários méritos etc., sendo tudo consolidado na Santíssima Trindade, todo e parte ao mesmo tempo; igualdade e hierarquia dados simultaneamente. O ponto crítico de todo esse sistema é a sua profunda desigualdade. Ninguém é igual entre si ou perante a lei; nem senhores (diferenciados pelo sangue, nome, dinheiro, títulos, propriedades, educação, relações pessoais passíveis de manipulação etc.), nem os escravos, criados ou subalternos, igualmente diferenciados entre si por meio de vários critérios." (DaMATTA, 1984:75)

Se por um lado a foto do Festival de Inverno de Curitiba transmite ao espectador a noção de uma "unidade na diversidade" ou de uma suposta igualdade social, estas representações se desfazem por completo quanto se vira a página da capa do "folder" do referido Festival e começa-se a ler seu conteúdo. Excetuando-se os shows de caráter mais "popular", realizados na praça Osório (local onde funcionava permanentemente a feira gastronômica), os demais eventos, incluindo aí shows de mpb, música erudita, apresentações circenses, grupos folclóricos étnicos, teatro, cinema, etc. foram realizados em locais fechados como teatros do centro da cidade, shopping centers ou parques públicos, espaços fechados e abertos frequentados prioritariamente pelas camadas médias e camadas altas curitibanas.

O público alvo deste 1º Festival de Inverno de Curitiba, dado o conteúdo de sua programação estruturou-se segundo os gostos, espaços e circuitos frequentados pelas camadas médias curitibanas e/ou pelos circuitos turísticos, daí terem se concentrado os eventos na área central da cidade, seja nos diversos shopping centers, parques públicos, enquanto a programação das feiras gastronômicas percorreu os bairros consagradamente de classe média/alta de Curitiba como Batel, Água Verde, Champagnat e Juvevê.

Outro traço definidor do "público alvo" a quem o Festival de Inverno se destinava, evidencia-se nas dicas de receitas gastronômicas sugeridas para o inverno. Estas receitas propõem boa alimentação, porém mantendo-se baixas calorias para um público evidentemente preocupado com a obesidade e a "boa forma". Vejamos algumas dicas gastronômicas sugeridas:

- Prepare as sopas com legumes batidos, sem adição de creme de leite ou massas; você também pode acrescentar algumas fibras, como o farelo ou a fibra de trigo ou o farelo de aveia. As fibras ajudam a regular a função intestinal e a manter o colesterol em níveis normais;
- Use leite desnatado ou substitua o chocolate quente por um chá com adoçante, que esquenta o corpo da mesma forma;
- Os queijos amarelos podem ser trocados pelos brancos ou light;

Essas dicas gastronômicas soariam como piada de mal gosto caso fossem apresentadas para meus informantes do Tatuquara. Ali encontrei no transcorrer do trabalho de campo entre uma série de iniciativas de "redes de solidariedade" um programa de "refeição solidária" (registrado em vídeo) desenvolvido pela presidente de uma das Associações do Tatuquara, D. Cleusa Capato que conseguiu junto a empresas da Cidade Industrial de Curitiba a doação de sobras de suas refeições, que ela utiliza para distribuir uma refeição por dia para mais de 200 pessoas, de segunda a sábado. Desse programa do bairro participam adultos, idosos e crianças em estado de miséria absoluta, população em geral proveniente das diversas invasões que existem no local como Terra Santa, Beira Rio, Galha Azul dentre outras.

Com relação ao consumo de fibras, os únicos que observei adotando este produto em sua dieta alimentar eram os bebês de mães carentes, assistidas pela Pastoral da Criança da Igreja Católica, que distribui a **multi-mistura**, (um tipo de farinha rica em fibras e proteínas) para crianças desnutridas como reforço alimentar, justamente pela ausência do consumo do leite e outros alimentos.

Na sequência de "dicas" que o folder do 1º Festival de Inverno de Curitiba propõe, figuram "exercícios para manter sua saúde física e mental".

### **No trabalho**

- . Procure ir e voltar a pé para o trabalho em alguns dias da semana.
- . Se for de ônibus, desça um ponto antes.
- . Em vez de pegar o elevador, vá pela escada.

**Nas horas vagas**

- . Faça passeios de bicicleta ou a pé por parques e praças.
- . Se os exercícios forem feitos muito cedo, leve sempre um agasalho.
- . Se possível, matricule-se numa escola de natação.
- . Saia para dançar de vez em quando.

Essas dicas sinalizam o abismo social/material que cinde o mapa urbano de Curitiba entre o público do Festival de Inverno e os “outros” (como caberia bem aos conceitos eliaseanos), sobretudo os moradores dos “bairros violentos” que permanecem à margem do Festival e desta “Curitiba de primeiro mundo” representada nos discursos oficiais e no folder do Festival.

Circulando na fronteira entre "centro" e "periferia", a experiência em campo no bairro do Tatuquara me sugere uma foto de Bourke-White de 1937 como contraponto iconográfico à imagem candente e tendenciosa do 1º Festival de Inverno de Curitiba. Intitulada "Na época da enchente de Louisville" (tal imagem me remete ao contexto da enchente de 1995 em Curitiba que ajudou a "fundar" os conjuntos habitacionais no Tatuquara visto no Cap. 3) a fotógrafa norte-americana consegue sintetizar, numa imagem antológica, os desempregados na fila do pão durante o período conhecido como "a grande depressão" nos Estados Unidos, evidenciando o irônico abismo entre o sonho americano e a realidade, onde as referências ao estudo de caso aqui proposto, não são mera coincidência.

[foto de Bourke-White]

## REFLEXÕES FINAIS

Os quase dois anos de trabalho de campo no Tatuquara fizeram com que eu relativizasse as construções da mídia local (sobretudo a mídia institucional) sobre a suposta violência do bairro e a condição de “marginalidade” de seus moradores.

O Tatuquara revelou-se um território heterogêneo e complexo, onde a articulação de fronteiras internas, configuradas entre os diversos grupos de moradores das ocupações em situação de moradia irregular em oposição aos moradores dos conjuntos habitacionais se justapõe a fronteiras “externas” como observado no protesto dos rappers contra a mídia que os “marginaliza” de uma forma mais direta, quanto em formas mais sutis de exclusão social como demonstrado no evento do 1º Festival de inverno de Curitiba.

Em meus primeiros tempos em campo no Tatuquara demorei a perceber que minha busca, um tanto obsessiva, por encontrar um "bairro violento" na verdade me fazia portador de uma espécie de "vírus" que a tudo "contaminava" logo nos primeiros contatos, minha relação com os informantes. Eu mesmo era porta voz do estigma que eles insistiam em defender-se. Só agora percebo, arrefecido pelo passar do tempo que apazigua os ânimos e que faz aclarar as emoções, o quanto os constrangi com minha metralhadora de perguntas acerca da "violência urbana".

Paulatinamente foi percebendo que a questão da segurança para os diversos segmentos de moradores do Tatuquara, representava apenas uma entre tantas outras demandas, igualmente urgentes como a questão da falta de trabalho, saúde, educação, lazer e moradia. O problema da segurança pública representava apenas a ponta do iceberg que encobria um universo de carências e exclusão social que deixa antever um entre tantos outros "pesadelos" daquela população. O maior talvez seja a falta de perspectivas no futuro, sobretudo para aqueles que vivem um presente angustiante, com os olhos sempre atentos num amanhã incerto. Esta, certamente foi a impressão que mais me marcou quando conversava com os moradores das áreas de ocupação, literalmente uma "terra em transe".

Em minhas andanças pelas áreas de ocupação como Vila Terra Santa, Beira Rio e Gralha Azul, as palavras de Levi-Strauss em “Tristes Trópicos” adquiriram, o sentido de um sombrio presságio: nosso país realmente poderia vivenciar a ruína muito antes de chegar à modernidade.

O sentido de urgência por melhorias de condições mínimas de vida como moradia e alimentação que os líderes locais me anunciavam, decisivamente não eram exercício de retórica; revestiam num tom dramático as coisas mais “simples” da vida cotidiana: Se chover hoje a noite como vai ficar meu barraco ? Se comer hoje, como vai ser no final de semana quando o projeto "refeição solidária" estiver fechado ? Como comprar um liquidificador nas Casas Bahia ou o material da escola dos filhos sem um comprovante de endereço e renda ? Tal cenário sombrio se provia de materialidade nas hordas de crianças e jovens que presenciei perambulando a esmo pelas vielas do bairro e que retratavam *ipsis literis* a canção do grupo rapper paulistano pavilhão 9. "um quarto mundo dentro de um terceiro...". Os jovens rappers do Tatuquara pareciam plenamente cientes de que estar “fora” da “Curitiba do 1º mundo” não se tratava apenas de uma questão simbólica ou geográfica; e suas canções vociferavam essa distância aos quatro cantos do mundo.

Concordo com Eunice Durham (1984) quando esta defende a tese de que no contexto dos movimentos populares urbanos, ao longo das últimas duas décadas, a construção da igualdade (negada na esfera pública) se consolidou através de formulações de carências coletivas. Os indivíduos se reconhecem iguais na medida em que compartilham as mesmas carências. Nesse sentido, os movimentos sociais urbanos como vimos nos inúmeros protestos ocorridos no Tatuquara, materializam um *locus* de ação política e organização social onde a noção abstrata de igualdade pode ser referenciada na experiência cotidiana.

Tais ações constroem a noção de coletividade, como pude presenciar no Tatuquara, sobretudo entre os grupos mais pobres, apontando para novas estratégias de organização social de reconhecimento da pessoa no plano público. Essas estratégias de construção de uma igualdade fundada na experiência cotidiana também sugere a justaposição de modelos holistas e individualistas de organização, como insinua este trecho da fala do líder da ocupação Galha Azul: (destaca-se nesta fala, o estigma territorial funcionando como elemento aglutinador do grupo).

Ozanam - A maioria das pessoas tem emprego fixo ?

Adilson Mendes - Tem, a maioria tem emprego fixo, outros trabalham por dia, até porque a área não garante que eles façam ficha [de emprego], porque eles não tem um endereço fixo para eles colocar na ficha. Eles tão trabalhando, se ajeitando, quem tava fichado continua fichado e a gente vai um ajudando o outro e aqui é a mesma coisa que irmão. Falta um

negócio a gente dá um jeito, faz vaquinha, a gente empresta um pro outro, tamo se mantendo desse jeito. (MENDES, entrevista concedida em 30 jun. 2001)

A fala deste e outros mediadores culturais parece referendar os estudos de VELHO e KUSCHNIR (2001) quanto à predominância da lógica das “relações pessoais”, onde o modelo básico é expresso na relação entre dois indivíduos num “contrato pessoal” de ajuda mútua que pode prescindir de um contexto institucionalizado. Entretanto, o que se pode observar no Tatuquara é que essas lideranças tendem à institucionalização, seja filiando-se ou fundando novas Associações de Moradores.

A minha porta de acesso ao Tatuquara foi a questão da violência urbana e saio dela com a impressão de que uma dinâmica de tensão e conflito se articula com estratégias locais de reciprocidade e redes de solidariedade num contexto que evidencia a paradoxal desigualdade entre a profusão de equipamentos públicos e infra-estrutura urbana de uns e o total abandono de outros.

Da mesma maneira que Norbert Elias e Scotson perceberam ser Winston Parva, o modelo “micro” das relações de poder em contextos históricos muito mais amplos, o Tatuquara representa um “micro-cosmo” do Brasil. Neste sentido, entendo que o tema do estigma e a construção da cidadania no Tatuquara está para nós brasileiros, absolutamente imbricada às questões sociais mais pungentes do cenário nacional. Penso que o conjunto de questões que este trabalho de pesquisa quis suscitar encontram-se, em boa medida, expressos na lucidez do **alerta** de Luiz Eduardo Soares contra as generalizações apressadas em torno do tema da violência urbana.

Não existe o *crime*, no singular. Há uma diversidade imensa de práticas criminosas, associadas a dinâmicas sociais muito diferentes. Por isso, não faz sentido imaginar que seria possível identificar apenas uma causa para o universo heterogêneo da criminalidade. Os roubos praticados nas esquinas por meninos pobres, que vivem nas ruas cheirando cola, abandonados à própria sorte, sem acesso à educação e ao amor de uma família que os respeite, evidentemente expressam esse contexto cruel. É claro que esses crimes são indissociáveis desse quadro social. O mesmo vale para o varejo das drogas, nas periferias: juventude ociosa e sem esperança é presa fácil para os agenciadores do comércio clandestino de drogas. Não é difícil recrutar um verdadeiro exército de jovens quando se oferecem vantagens econômicas muito superiores às alternativas proporcionadas pelo mercado de trabalho e benefícios simbólicos que valorizam sua auto-estima e seu sentimento de poder em determinada comunidade. Por outro lado, os operadores do tráfico de armas, que atuam no atacado, lavando dinheiro no mercado financeiro internacional, não são filhos da pobreza nem da desigualdade. Suas práticas são estimuladas, para começar, pela impunidade. Pobreza e desigualdade são e não são condicionantes da criminalidade:

tudo depende do tipo de crime, do contexto intersubjetivo e do horizonte cultural a que nos referimos. Esse quadro complexo exige políticas sensíveis às várias dimensões que o compõem. É tempo de aposentar as visões unilaterais e o voluntarismo. (Soares, 2002 : 79)

## FONTES DE PESQUISA

### Bibliografia

ABRAMOVAY, Miriam (org. ). 1999. **Gangues, galeras, chegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília**. Rio de Janeiro: Garamond Ed.

ALVITO, Marcos Pereira de Souza. 1996. "A honra de Acari" In: **Cidadania e violência**. Rio de Janeiro: UFRJ-FGV.

BERMAN, Marshall. 1986. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Cia. das Letras.

CALDEIRA, Teresa P. do Rio. 2000. **Cidade de Muros. crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Edusp, ed. 34.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 2000. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Unesp.

CLIFFORD, James. 1998. **A experiência etnográfica**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.

COSTA, Maria Cecília; DIGIOVANI, Rosângela. 1991. **Olhar urbano, olhar humano**. Cristina Sá (org.). São Paulo: IBRASA.

DA MATTA, Roberto. 1984. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Petrópolis: Vozes.

\_\_\_\_\_. 1993. **Conta de mentiroso. Sete ensaios de antropologia brasileira**. Rio de Janeiro: Rocco.

DOUGLAS, Mary. 1976. **Pureza e perigo**. São Paulo: Ed. Perspectiva.

DURHAM, Eunice Ribeiro. 1984. **Movimentos sociais. A construção da cidadania**. Novos Estudos CEBRAP. nº 10, out 1984.

FRANÇA, Apolo Taborda. 2000. **O Tatuquara**. In: Revista da Academia Paranaense de Letras. Curitiba. s/ed. 64 (43).

GARCÍA, Fernanda Ester Sánchez. 1993. **Curitiba imagem e mito: reflexão acerca da construção de uma linguagem hegemônica**. Rio de Janeiro: Dissertação de mestrado. IPPUR/UFRJ.

\_\_\_\_\_. 1998. Curitiba anos 90: a imagem urbana revisitada. In: **Imagens Urbanas**. os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre: UFRS, p. 161-177.

GIDDENS, Anthony. 1996. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Unesp.

\_\_\_\_\_. 1997. **A modernização reflexiva**. São Paulo: Unesp, 1997. Cap. 2, p. 73-133

GUASCO, Pedro Paulo M. 2000. **Num país chamado periferia: identidade e representação da realidade entre os rappers de São Paulo**. Dissertação de mestrado, DEAN/USP.

HERSCHMANN, Micael. 1997. Na trilha do Brasil Contemporâneo. In: **Abalando os anos 90**. Funk e hip-hop, globalização, violência e estilo cultural. RJ: Rocco.

\_\_\_\_\_. 2000. As imagens das galeras funk na imprensa. In: PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (org. ) **Linguagens da violência**. Rio de Janeiro, Rocco. 2000.

IPPUC - Instituto de Pesquisa e Planejamento de Curitiba. 1996. **Mapa de risco da violência**: cidade de Curitiba/ CEDEC, São Paulo: CEDEC.

LEMINSKI, Paulo. 1989. Revista: **Leite Quente**. Curitiba, Nº 1 (1) mar. 1989.

MARTINS, Romário. 1941. **Quantos somos e quem somos. Dados para a história e a estatística do povoamento do Paraná**. Curitiba: Empresa Gráfica Paranaense.

MARTINS, Wilson. 1989. **Um brasil diferente: ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná**. São Paulo: T.A. Queiroz.

MORI, Eudete Terezinha. 1995. **Assentamentos urbanos no município de Curitiba**. Monografia de especialização em Gestão Técnica do Meio Urbano. PUC-PR.

MOURA, Rosa ; ULTRAMARI, Clovis. 1994. Periferias das cidades: um texto preliminar. In: **Metrópole**. Grande Curitiba: teoria e prática. Clovis Ultramari e Rosa Moura (org.) Curitiba: IPARDES, 1994.

OLIVEIRA, Dennison. 2000. **Curitiba e o mito da cidade modelo**. Curitiba: Ed. UFPR.

PALMEIRA, Moacir. 1992. **Voto: racionalidade ou significado ?** RBCS, nº 20, p. 26-30.

PEIRANO, Mariza. 1983. "**Sem lenço sem Documento: reflexões sobre cidadania no Brasil**". Caderno de Ciências Sociais, Série Antropologia, nº 30.

PEREIRA, Luiz Fernando Gomes. 2000. **Paranismo: o Paraná inventado**. In: Revista da Academia Paranaense de Letras. v, 64, Nº 43, p. 129-143

Prefeitura Municipal de Curitiba. 1995. **Curitiba**. Curitiba, PMC.

Prefeitura Municipal de Curitiba-PMC. 2001a. <http://www.curitiba.org.br>, Sessão "bairro em números". **Tatuquara**.

Prefeitura Municipal de Curitiba-PMC. 2001b. <http://www.curitiba.org.br>. Agência de Notícias. **Habitação incentivou expansão do Tatuquara e Sítio Cercado**. 17/02/2001.

SEYFERT, Giralda. 1990. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: Ed. UnB.

\_\_\_\_\_. 1996. Construindo a nação: Hierarquias raciais e papel do racismo na política de imigração e colonização. In: **Raça, ciência e sociedade**. MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Orgs.). Rio de Janeiro: Fio Cruz/CCBB, p. 41-58.

TREVISAN, Dalton. 2000. **Em busca de Curitiba perdida**. Rio de Janeiro: Record.

VELHO, Gilberto. 1996. "Violência, reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica. In: **Cidadania e violência**. Rio de Janeiro: UFRJ-FGV.

\_\_\_\_\_. 1994. **Projeto e Metamorfose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina. (orgs). 2001. **Mediação, cultura e política**. Rio de Janeiro: Aeroplano Ed.

WACQUANT, Lôic. 1998. **Elias no gueto**. Revista de Sociologia e Política/DECISO/UFPR, Curitiba, out/nov. p.213-218.

\_\_\_\_\_. 2001. **Os condenados da cidade: estudo sobre marginalidade avançada**. Rio de Janeiro: Revan.

ZALUAR, Alba. 1985. **A máquina e a revolta**. São Paulo: Brasiliense.

## **ENTREVISTAS**

BAPTISTA, Isabel. 2000. **Entrevista concedida a Ozanam A. de Souza**. Curitiba, 08 nov 2000.

CAPATO, Cleusa Maria. 1999. **Entrevista concedida a Ozanam A. de Souza**. Curitiba, 13 abr 1999.

\_\_\_\_\_. 2000. **Entrevista concedida a Ozanam A. de Souza**. Curitiba, 31 out 2000.

CARNEIRO, Camila Marcondes. 2000. **Entrevista concedida a Ozanam A. de Souza**. Curitiba, 18 nov 2000.

FREITAS, Alan Lustoza. 2000. **Entrevista concedida a Ozanam A. de Souza**. Curitiba, 18 nov 2000.

KAITZ, Sheila. 2000. **Entrevista concedida a Ozanam A. de Souza**. Curitiba, 18 nov 2000.

MENDES, Adilson. 2001. **Entrevista concedida a Ozanam A. de Souza**. Curitiba, 30 jun 2001.

MEYER, João. 2000. **Entrevista concedida a Ozanam A. de Souza**. Curitiba, 09 dez 2000.

PEDROSO, Zeni. 2000. **Entrevista concedida a Ozanam A. de Souza**. Curitiba, 09 dez 2000.

SIQUEIRA, Rosalina Silva de Souza. 2000. **Entrevista concedida a Ozanam A. de Souza**. Curitiba, 09 fev 2000.

\_\_\_\_\_. 2001. **Entrevista concedida a Ozanam A. de Souza**. Curitiba, 07 jul 2001.

TEÓFILO, Nilson. 2000. **Entrevista concedida a Ozanam A. de Souza**. Curitiba, 18 nov 2000.

\_\_\_\_\_. 2001 **Entrevista concedida a Ozanam A. de Souza**. Curitiba, 28 nov 2001.

## **PERIÓDICOS**

ARGOLO, Carla. **RMC tem média de dois acidentes rodoferroviários por mês**. Gazeta do Povo. 16 mar 2001.

BERTOTTI, João Natal. **Sem-Teto fecham a Rodovia do Xisto por uma hora**. Gazeta do Povo. 10 jan 2001.

CAMPANA, Fábio. **Paz e amor**. Gazeta do Povo. 14 jan 2001.

CORNELSEN, Mara. **Famílias de jovens sofrem ameaças**. Gazeta do Povo. 8 out 2001.

GAZETA DO POVO. **Unidade no Tatuquara continua fechada**. 28 abr 2001.

GAZETA DO POVO. **Pesquisa retrata violência urbana na capital**. 4 jun 2001.

GAZETA DO POVO. **Áreas mais violentas têm menos policiamento**. 9 set 2001.

GAZETA DO POVO. **Curso forma integrantes de associações de moradores**. 29 set 2001.

GAZETA DO POVO. **Famílias são retiradas de invasão**. 8 mar 2002.

MORAIS, Andréia. **Invasões forçam prefeitura a reformular projeto habitacional.** Gazeta do Povo. 07 nov. 2000.

PRIMERIA HORA. **Curitiba vai ter 'lei seca'**. 21 de fevereiro de 2001. p. 10

SOARES, Luiz Eduardo. **Para fugir à armadilha da simplificação.** Revista Veja, ed. n° 1736, ano 35 - n° 4, 30 jan 2002, p. 79